

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

FABIANO DE OLIVEIRA MORAES

CURRÍCULO-FABULAÇÃO:
A CURIOSA METAMORFOSE DE FRANCIS TRACART

VITÓRIA-ES

2014

FABIANO DE OLIVEIRA MORAES

CURRÍCULO-FABULAÇÃO:

A CURIOSA METAMORFOSE DE FRANCIS TRACART

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*: Doutorado em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação.

Linha de pesquisa: Cultura, currículo e formação de educadores.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Ferraço.

VITÓRIA-ES

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação,
Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

M827 Moraes, Fabiano de Oliveira, 1972-
Currículo-fabulação : a curiosa metamorfose de Francis
Tracart / Fabiano de Oliveira Moraes. – 2014.
137 f. : il.

Orientador: Carlos Eduardo Ferraço.
Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Bibliotecas escolares. 2. Cotidiano escolar. 3. Currículos. 4.
Literatura infanto-juvenil I. Ferraço, Carlos Eduardo, 1959-. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação. III.
Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

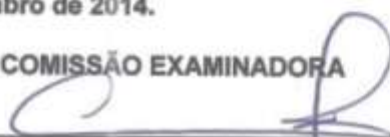
FABIANO DE OLIVEIRA MORAES

**CURRÍCULO-FABULAÇÃO: A CURIOSA
METAMORFOSE DE FRANCIS TRACART**

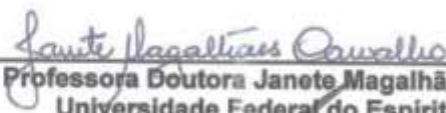
Tese apresentada ao Curso de
Doutorado em Educação da
Universidade Federal do Espírito
Santo como requisito parcial para
obtenção do Grau de Doutor(a) em
Educação.

Aprovada em 12 de setembro de 2014.

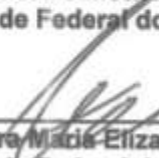
COMISSÃO EXAMINADORA



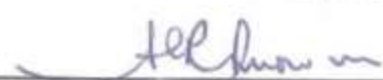
Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço
Universidade Federal do Espírito Santo



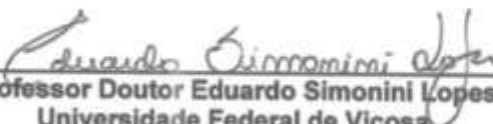
Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho
Universidade Federal do Espírito Santo



Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo



Professor Doutor Antonio Carlos Rodrigues de Amorim
Universidade Estadual de Campinas



Professor Doutor Eduardo Simonini Lopes
Universidade Federal de Viçosa

RESUMO

Tem por proposta subversar a escrita linear acadêmica ao (re)fazê-la, vislumbrando as potências e transgressões da literatura menor em seus agenciamentos coletivos, políticos, em seus gaguejos e balbucios, em suas possibilidades de subversão. Fabular a escrita acadêmica e o currículo como ato político e coletivo, como reinvenção da própria língua. Trata da metamorfose de Francis Tracart em sua busca por traçar conceitos, conversações, percepções e afecções. A metodologia se dá por intermédio da pesquisa com os cotidianos e com a cartografia, buscando atender-se a vozes, entrelinhas, efeitos, tensões, *teórico-práticas* e *saberes-fazer* dos sujeitos praticantes dos cotidianos da escola em que se realiza a pesquisa em pé de igualdade com os autores dos livros que permearam o processo de realização do trabalho de pesquisa. Os sujeitos cotidianos, tais como bibliotecária, professoras e alunos de 5º e 6º Ano, orientador, professores e alunos de Pós-Graduação, que participaram do processo de pesquisa, bem como os autores dos livros lidos, se fazem presentes nas vozes, nas falas, nos afectos e nas conversações com leituras, literaturas, currículos, cotidianos, redes de afecções, elementos éticos, estéticos e políticos, *espaçotempos*, com linhas de fuga, linhas molares e linhas moleculares, com os presentes politemporais, devires, conceitos, metamorfoses, com possíveis e improváveis leituras, fugas e reinvenções do leitor.

Palavras-chave: Currículo. Cotidianos. Fabulação. Literatura menor.

ABSTRACT

This study aims at overthrowing academic and writing by remaking it aiming at potencies and transgressions of minor literature and its collective and political features; its stammering and utterances, and its possibilities of subversion. It fabricates academic writing and curriculum as a political and collective act, as reinvention of language itself. It approaches Francis Tracart's metamorphosis in his search for tracing concepts, conversations, perceptions and affections. Methodology is carried out by investigating routines and cartography, constantly aware of voices, underlying aspects, effects, stress, theory-practice and knowledge-action of individuals who experience school everyday life in which the study takes place on the same grounds as those of book writers who support our investigation. The everyday individuals such as librarian, 5th and 6th grade teachers, advisor, and postgraduate professors and students who participated in the study, as well as the authors of books read are present in the voices, speeches, affects and conversations with readings; literature; curricula; routines; affection networks; ethical, esthetic and political elements; spacetime; escape lines; molar and molecular flows; politemporal presents; becomingnesses, concepts, metamorphoses, with possible and unlikely readings, escapes, and reinventions by the reader.

Keywords: Curriculum. Routines. Fabrication. Minor literature.

[...] uma outra escritura que vem sendo aprendida: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros, de sabores, em que a imaginação não é impedida de criar, em que a sensibilidade se mostra sem vergonha, em que a intuição é convidada a se manifestar) e que, talvez, alguns considerem não possa mais ser chamada de “escrita” (pois então lhe daremos outro nome!). Será aquela que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos e diferentes fios; aquela que pergunte, mais que dê respostas; aquela que duvide do próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma *escritafala*, uma *falaescrita* ou uma *falaescritafala*.

*Nilda Alves e Regina Leite Garcia*¹

Um dia escrevi que tudo é autobiografia; que a vida de cada um de nós estamos contando enquanto fazemos e dizemos; nos gestos, na maneira como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objeto no chão. Queria eu dizer, então, que vivendo rodeado de sinais, nós próprios somos um sistema de sinais. Seja como for, que os leitores se tranquilizem: este Narciso que hoje se contempla na água, desfará, amanhã, com sua própria mão, a imagem que o contempla.

*José Saramago*²

¹ ALVES, N.; GARCIA, R. L. A necessidade da orientação coletiva nos estudos sobre cotidiano – duas experiências. *Revista Portuguesa de Educação*. Braga, ano/vol. 14, n. 2, p. 1-37, 2001. p. 17.

² SARAMAGO, J. In: *José e Pilar*. Direção: Miguel Gonçalves Mendes. Portugal; Espanha; Brasil: JumpCut, 2010. DVD (125 min).

Sumário

Era assim...	8
Um despertar.....	9
Um exemplar	14
Uma traça entre tantos traços	18
Cartografia <i>urbanoliterária</i>	31
Entre Livros, Linhas, Letras, “L”s e jogos de Liberdade	37
Literatura menor	45
Silêncio, sons, música	56
Desterritórios e reterritórios	65
Cartografias <i>literurbanas</i>	71
Re-encontrar para re-existir.....	78
A Biblioteca da Escola Miguilim.....	86
Leituras entre “L”s, eles e elas	94
Reinventar o político.....	101
Entrelinhas de fuga	114
Um bicho!	123
Uma vida	128
(In)conclusões	131
<i>Postscriptum et epitaphius:</i>	132
Posfácio	133
Agradecimentos	136

Era assim...

Num *espaçotempo* não distante e não remoto, porque imanente, havia acontecimentos, havia encontros, havia devires...

E ainda há...

Um despertar



Figura 1 - Francis Tracart sobre folha de rosto.

Ao despertar de uma noite povoada por sonhos agitados, Francis Tracart percebeu-se metamorfoseado em um inseto. Estava deitado sobre o dorso e o que via ao seu redor lhe parecia imenso em demasia para compreender. Nada que não lhe fosse familiar. Não era esse o caso. Tudo de algum modo parecia ter sido visto antes por ele. Mas dava-lhe a impressão de que agora as coisas eram maiores e mais distantes, muito distantes. Ao longe, muito longe, um teto com hélices enormes de um gigantesco ventilador, muito adiante uma imensa porta, em uma das paredes que se perdia ao longe um grande mapa e um mural de lembretes, a uma boa distância uma escrivaninha com computador, globo, objetos diversos e livros, muitos livros. Estranhamente, sua visão dos enormes livros empilhados na escrivaninha lhe trazia certa sensação na região do abdômen, algo que Tracart só podia comparar à lembrança do apetite que sentia ao ver uma suculenta lagosta bem servida ou um apetitoso pudim de

leite condensado. O mais curioso era que, apesar da improvável comparação, a lembrança do pudim não lhe causava agora nenhuma sensação de prazer enquanto a da lagosta lhe causava asco, repugnância. Pensou: “como alguém pode ser capaz de comer um animal tão lindo, tão belo, tão parecido com, com, com...” e olhou para o seu umbigo. Não havia umbigo. Completou: “com, comigo!” – ao ver seu abdômen cilíndrico-achatado todo segmentado e coberto de escamas prateadas, terminado por três longos filamentos, um na continuidade da cauda e outros dois diagonalmente direcionados para as laterais.

No desespero agudo que sentiu, suas seis finíssimas pernas se debateram em velocidade estonteante e ele se virou com o dorso para cima. Olhou com atenção e viu na lateral do corpo, uma a uma, pequeníssimas protuberâncias à semelhança de espinhos que despontavam de cada um dos segmentos de seu corpo. Tracart deitou a cabeça com a intenção de voltar a si, mas no mesmo instante sentiu muitíssimas sensações (como se fossem sabores, silvos, perfumes, toques e sons, sim, todos ao mesmo tempo) por meio de suas sensibíllimas e longas antenas que liam o texto sutil do lençol. Perceptos.

“Sim, o lençol. Conheço bem meu lençol, minha cama”. Mas a cama parecia ter quilômetros quadrados de área. As extremidades lhe fugiam ao alcance em meio a montes e vales, dobras e estrias delineadas em campo não liso. Ao seu lado uma casa. Parecia uma casa sem telhas, sem porta, mas tinha um cheiro tão, tão, tão...

Tracart resolveu se aproximar. E quanto mais próximo chegava permitia-se afetar por uma experiência que o fazia recordar momentos vividos outrora. Sim. Talvez quando lera *Grande Sertão: Veredas* de Rosa. Ou quando se perdera em *A paixão segundo G.H.* de Lispector. Quem sabe quando se vira José em Drummond. Quiçá quando sua fuga começara em uma história em quadrinhos do personagem *O Louco* de Maurício de Sousa. Ou quando tudo parecia sem sentido no mundo através do espelho da *Alice* de Carroll. Talvez uma lembrança muito mais recente, quem sabe aquela que se fizera na virtualidade tornada atual da leitura da noite anterior. “Isso, a leitura da noite anterior”. No livro que devorara. “Devorar livros” coisa que gostava de repetir “devorar livros” frase que lhe enchia de prazer “devorar livros”. Naquele dia, há alguns anos

atrás, devorou três apetitosas antologias de poesia. Noutra, duas deliciosas coletâneas de contos. Teve aquele longo romance que durou semanas sem precisar ser levado ao *freezer*. “Devorar livros é bom”, repetiu para si com voraz certeza. “Nem sempre”, completou quase que instantaneamente. Teve um dia em que uma irresistível novela se seguiu de um conto indigesto, repulsivo, nauseante. “Verniz! Isso, aquele conto tinha gosto de verniz. Tinha gosto de papel plastificado. Tinha gosto de conservante de celulose. Tinha gosto de quase apatia. Tédio. Imobilidade. Comida enlatada”. Mas esse prédio ao seu lado era cheiroso. Essa casa era atraente.

Tracart, ao aproximar-se ainda mais, sentiu-se atravessado pela lembrança fatal do livro que lera na noite anterior. Uma novela de Franz Kafka: *A metamorfose*. “Não pode ser” pensou “uma barata!” exclamou “pobre Gregor Samsa, uma barata! Mas e se eu...” cogitou “comigo não!” lamentou “não pode ser” reiterou “uma barata prateada” impressionou-se. Contorceu-se procurando as asas: “e pra completar sem asas”. Morrendo de vergonha da tão ridícula barata que se tornara quis entrar por uma das *entradas múltiplas* daquele edifício. “Mas... *Como é que se entra na obra de Kafka? É um rizoma, uma toca, esta obra*¹” refletiu. “*Entra-se por qualquer lado, nenhum vale mais do que outro, nenhuma entrada tem qualquer privilégio*²”.

Entrou.

Escuro, aconchegante, cheiroso, confortável.

“O céu deve ser assim”.

Não podia enxergar, mas sentia-se bem acomodado.

Faminto, pôs-se a lamber o chão e o teto daquele espremido quarto.

Francis era um escritor: às vezes amador, gostava de ressaltar ao citar Lispector, pois nas horas vagas só escrevia o que queria (e se o quisesse); mas na maioria das vezes profissional quando jornais, professores, editoras, periódicos e editores lhe encomendavam textos sobre assuntos distintos, pois

¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. p. 19.

² *Ibid.*, p. 19.

escrevia o que fosse preciso, quando necessário, dentro daquilo que dominava a partir de suas tantas leituras, para a sua sobrevivência. Artigos, contos, crônicas, romances, sinopses, orelhas, prefácios, críticas, poesia, ensaios, quartas-capas, textos técnicos, livros infantis. Infantis sim (adorava citar Lispector mesmo), pois, como ela, para se salvar do oco que a existência nos impõe, fazia histórias para crianças.

Um escritor.

Mas um escritor não é um homem escritor.

Um escritor é um homem político, um homem experimental que dessa forma *deixa de ser homem para devir macaco, ou coleóptero, cão, rato, devir animal, devir inumano, porque, na verdade, é pela voz, é pelo som, é através de um estilo que se devém animal, e, seguramente, à força de sobriedade*³.

Na semana anterior seu sobrinho Fernando lhe trouxera da escola a novela fatídica que o próprio tio pedira que ele tomasse de empréstimo na biblioteca escolar: *A metamorfose*. Na tarde anterior o menino lembrou: “Tio Francis, preciso entregar o livro amanhã cedo na biblioteca”.

“Foi isso” lembrou-se Tracart “prometi ler tudo naquela mesma noite. Sim, na última noite. Ontem. Assim li Kafka. Palavra por palavra descendo como cada pipoca é distraidamente consumida numa seção de cinema. O livro, pobre livro, nem notou que as palavras eram por mim devoradas. Empanturrei-me de Kafka. Foi isso. *A metamorfose* me atravessou, entrou em mim. Mas também estou dentro dela. Uma barata prateada e sem asas dentro de uma casa deliciosa e quente e escura. João e Maria devoraram a casa da bruxa. E eu quero agora comer esta casa”.

Começou a raspar com as mandíbulas as camadas do assoalho a ponto de retirar as primeiras lascas quando escutou um chamado que vinha de fora do quarto:

– Tio! – toc, toc, toc, tocou à porta – Posso entrar?

Tracart tentou responder afirmativamente:

³ Ibid., p. 26.

– szszzeiiinmmmm – assustando-se com sua voz-zumbido, uma voz de animal. Fernando, mesmo que tivesse escutado a voz tão baixa do minúsculo animal não teria entendido que se tratava de um signo linguístico, de uma palavra humana, de um “sim”. Talvez se pudesse escutá-lo notasse um ruído como de outros tantos sons: o bater de asas de abelhas, o rumor do ventilador, o fim do canto da cigarra, o barulho do refrigerador, o estrilo do grilo, o ranger de dobradiças, o quase inaudível epílogo do bocejar dos cães, o assovio dos freios automóveis, o suave e aconchegante ronronar dos gatos, o chiado dos televisores de tubos de imagem com volume reduzido, o roçar de gomos de um taquaral ao vento leve, o grunhir dos rádios fora de frequência, um cafuné domingueiro, o discreto roncar dos veículos mais recentes, a respiração chiada de um final de gripe mal curada, o incômodo surdo dos *vibracalls* dos celulares quase não calados, sons motores, sons moventes, máquinas que gritam o cotidiano.

Rrrrrraaaaaangeu a dobradiça.

– Saiu cedo! Puxa! Antes de mim! Ainda bem que deixou o livro aqui na cama.

O menino apanhou o *livro casa* feito de *doce palavras* pelo *autor bruxo* sem sequer imaginar, mesmo em seus mais improváveis delírios pré-adolescentes, que carregava consigo seu tio-escritor Francis Tracart, a quem tanto admirava, metamorfoseado em uma, uma, uma traça.

E com o livro nas mãos, Fernando traçou seu caminho, rumo à escola.

Um exemplar

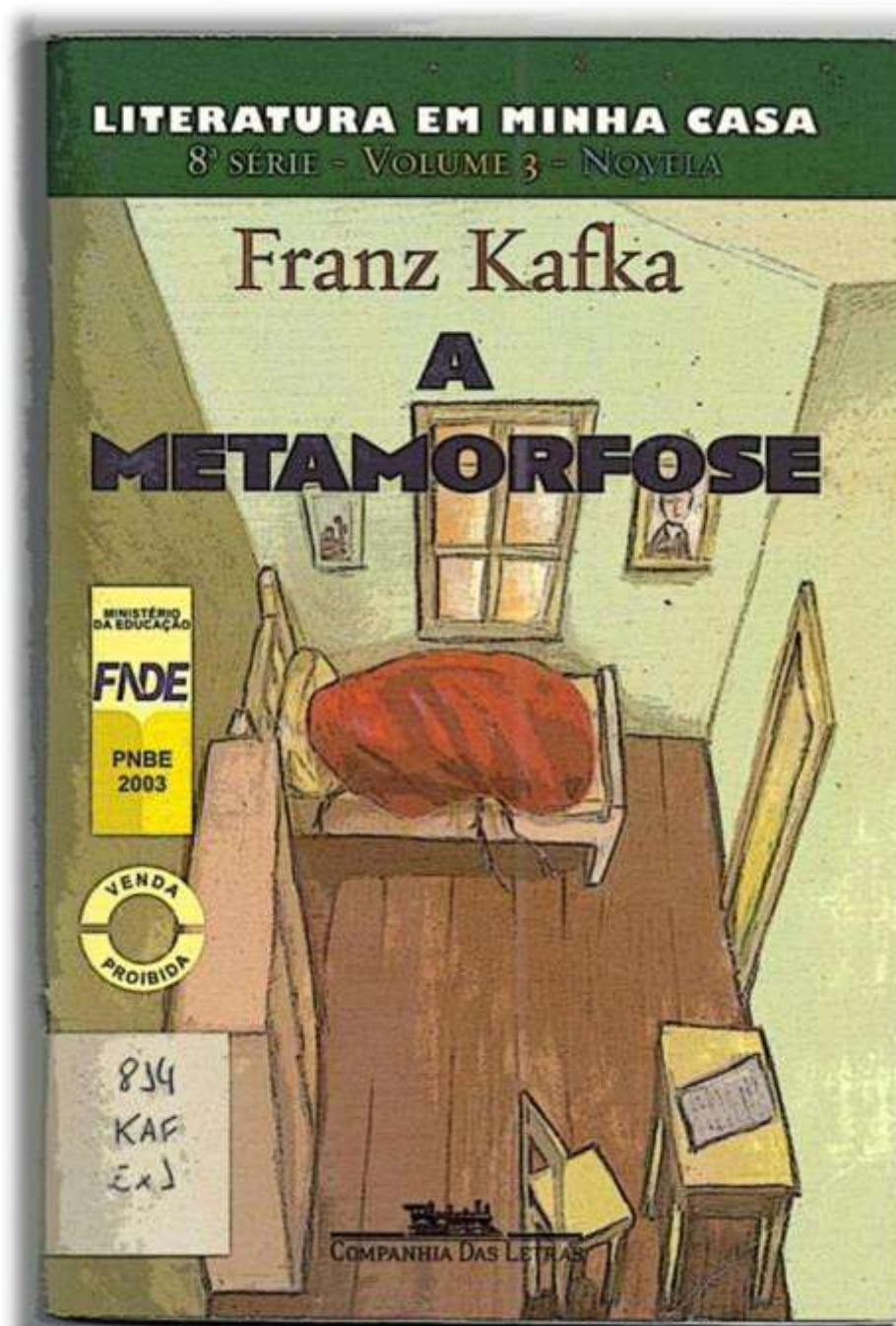


Figura 2 – Uma capa.

O *livrocasa* desterritorializado das prateleiras da biblioteca escolar, tornado território do desterritorializado tio-traça (desterritorializado pelo próprio livro que ironicamente se reterritorializava ao tornar-se pátria do despatriado Tracart)

não era senão um exemplar da novela *A metamorfose* de Franz Kafka – isso eu já disse. O que não disse ainda é que essa literatura *menormenormenormENORMEnormenormenor*¹ traz como personagem principal Gregor Samsa, um caixeiro que trabalha para sustentar seus pais e sua irmã, com quem vive, e que certo dia desperta metamorfoseado em uma enorme barata, passando a viver nessa condição até o fim de seus dias.

Linhas de fuga.

Devir-animal, devir-inseto, devir-coleóptero, devir-tisanuro, devir-traça.

Desejo que *não é forma, mas procedimento, processo*².

Desejo de escapar.

Devir.

*O devir é captura, posse, mais-valia; nunca é reprodução ou imitação*³.

A conjunção de fluxos de deterritorialização e de reterritorialização vai além da limitação que se caracteriza por ser territorial ou geográfica, pois diz respeito a deslocamentos, re-existências, potencializações, agenciamentos, movimentos, fugas não simplesmente ou necessariamente espaciais (o sujeito não foge para fora do mundo, mas faz fugir o mundo e as suas representações, reinventando-as em singularidades subjetivas).

Gregor (Gregório), em seu devir-animal (coleóptero, besouro, barata, escaravelho) *traça a linha de fuga intensa em relação ao triângulo familiar, mas, sobretudo, em relação ao triângulo burocrático e comercial*⁴. Mas Gregor recusa-se a ir até o fim do seu devir-animal ao agarrar-se à sua anterior condição, ao agarrar-se à imagem de uma dama com casaco de pele existente em sua parede, procedimento que sua irmã (que dele estivera cuidando para ajudá-lo), por ciúmes, não tolera. Mantém-se a ambiguidade do devir-animal.

Devir-animal é, precisamente, fazer o movimento, traçar a linha de fuga em toda a sua positividade, transpor um limiar, atingir um *continuum* de intensidades que só são válidas por elas próprias,

¹ Alusão ao poema de José Paulo Paes em homenagem a Manoel Bandeira: “poeta menormenormenormENORMEnormenormenor...”. In: PAES, J. P. *Calendário Perplexo*. São Paulo: Ficções, 1983.

² DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. p. 19.

³ *Ibid.*, p. 35.

⁴ *Ibid.*, p. 36.

encontrar um mundo de intensidades puras, em que todas as formas se desfazem assim como as significações, significantes e significados, em benefício de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados, de signos a-significantes. Os animais de Kafka nunca apontam para uma mitologia nem para arquétipos, mas correspondem apenas a gradientes ultrapassados, a zonas de intensidades livres em que os conteúdos se libertam das respectivas formas, assim como as expressões do significante que as formalizava. Movimentos e vibrações apenas, limiares numa matéria deserta: os animais, ratos, cães, macacos, baratas, diferenciam-se apenas por este ou aquele limiar, por estas ou aquelas vibrações, por um determinado caminho subterrâneo no rizoma ou na toca. [...] No devir-insecto é um piar aflitivo que arrasta a voz e baralha a ressonância das palavras. Gregório não só se transforma em insecto para fugir do pai, mas sobretudo para encontrar uma saída, precisamente onde o pai não conseguiu encontrar, para escapar ao gerente, ao comércio e às burocracias, para alcançar essa região em que a voz parece apenas um zumbido⁵.

Um exemplar a caminho da biblioteca.

Um exemplar traduzido, desterritorializado de Franz, o Kafka, território e desterritório de Gregor, o Samsa, desterritorializante de Francis, o Tracart, reterritório de cada um deles e de nós, e que dentro em breve seria reterritorializado na biblioteca escolar.

Movimentos, potências de vida, devires, impulsos...

Mas se Gregor escapara ao gerente, ao comércio, às burocracias para alçar àquela região onde a voz não passava de um zunir, Francis agora, preocupado com a reunião que teria na Universidade Federal do Espírito Santo com Guimarães, seu orientador de Doutorado em Educação, pensara: “não estaria eu escapando ao orientador, à tese, à academia?”

Marcara reunião com o professor Guimarães às 14h e teria ainda que terminar os esboços do que viria a ser seu trabalho, digitá-los e imprimi-los. Talvez lhe faltassem ideias. Por isso escapara: para alcançar um páramo de celulose, onde sua voz, alheia a tratados, pensamentos, artigos, não soava senão como um zumbido, uma garatuja artrópode, um balbucio animal. Pelos seus cálculos já devia estar quase no horário de sua reunião, embora soubesse que o horário de entrada de Fernando era às 7h. “Mas o caminho de sua casa à escola é tão

⁵ Ibid., p. 34.

curto, porque tanto tempo se passara? Menino lerdo, perdendo tempo, passeando ao invés de ir para a escola. Talvez Tracart pudesse se adiantar, saltar do livro e caminhar pelas ruas e passeios.”

Sim ele conhecia muito bem o caminho até a Universidade.

Depois pensaria no que mais fazer, ou simplesmente traçaria seu destino em fugas, traços insuspeitados em meio ao território urbano. Partir, evadir, *fugir, é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia. Só se descobrem mundos através de uma longa fuga quebrada*⁶, de uma linha de fuga, fissura.

Aliás, pensou ainda, “*é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e vai traçando um devir*”⁷. Isso mesmo, *pois o plano que essa linha cria em seu movimento é feito um estado de fuga*⁸”.

Saltaria sim.

Seria fácil, pois o livro estava na mão do menino.

Bastava deslizar pelas folhas e deixar-se lançar ao chão.

Leve como estava não haveria impacto em demasia.

Como as formigas que caem leve.

“Isso, como as formigas caem leve”.

Aquele era o momento.

⁶ DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004. p. 51.

⁷ ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007. p. 49-50.

⁸ *Ibid.*, p. 50.

Uma traça entre tantos traços



Figura 3 - Uma traça sob o ponto de vista das traças.

Aproximou-se da extremidade das páginas.

A luz do sol o impediu de seguir em frente: “não”.

Mas aquela fuga era possível, talvez necessária.

“Fuga? E o que é uma fuga senão uma incerteza como a que agora estou vivendo, a imprevisibilidade, os possíveis, as virtualidades que constituem, agora sim, aqui, de fato, uma vida. Melhor as dobras do livro, também fuga. A escuridão aconchegante, de tão improvavelmente incômoda”.

Teve dúvidas.

E essa foi a melhor parte.

Pela primeira vez agiu em plena dúvida.

E sua dúvida incerteira foi suficiente para que desesquecesse até mesmo a dúvida.

“Afinal” concluiu ao sentir uma enorme vontade de devorar as folhas daquele livro “uma traça é o que estou, aliás sempre estamos mais do que somos. Devires. Há pouco estava um humano, agora estou uma traça, e o tempo, o tempo, sim, o tempo está outro”.

Não é difícil imaginar que o tempo para uma traça passe de modo distinto da maneira como o tempo passa para nós, humanos. Isso Tracart não demorou a perceber. Não demorou na concepção que temos de tempo. Pois para Tracart, espaço e tempo fundiam-se num fluxo de tempo do devir e do espaço desterritorializante, *espaçotempo* anticronológico. E a escuridão *ausenciapresença* espelhava múltiplos presentes, passados virtuais e aberturas nas quais o futuro se fazia presente, um tempo a flutuar, infinitivo. Um tempo de muitos tempos (um *Aion* de muitos *Chrónos*), um presente de muitos presentes (politemporal), presente, fissura no tempo, que ao gerar *um “antes” e um “depois”, essa sequência Antes-Fissura-Depois leva a uma sucessão narrativa*¹. Um tempo não percebido de imediato, mas por sínteses passivas: a do presente vivido em movimento, em *um devir, que incorpora em si um passado mantido no presente e que segue em direção ao futuro*²; a do passado virtual, um presente do passado, novo passado virtual que surge a cada vez que o presente irrompe, movimentos na memória; e o futuro como forma pura do tempo, um tempo fora dos eixos, *caótico, intenso que funciona de base para todas as fundações temporais, e que, nesse processo, promove um estilhaçamento do eu, gerando um “eu fraturado”*³: Traça-Tracart-Francis-escriptor-aluno-orientando-professor-inseto-presentes-virtualidade-fissura-devir-tio-fratura. Pessoa do enunciado que se dilui ao mesmo tempo em que a individualidade se desmantela.

Singularidade.

Um.

¹ BOGUE, R. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIM, A. C.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (orgs.). *Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...* Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq; Campinas: ALB, 2011. p. 17-35. p. 29.

² Ibid., p. 26.

³ Ibid., p. 27.

Uma.

Uno.

Ele (Tracart), ao mesmo tempo ela (traça), ao mesmo tempo eu (que aqui penso escrever), ao mesmo tempo você (que pensa ler), ao mesmo tempo Samsa (a barata da metamorfose de Kafka), e ao mesmo tempo também Kafka, e ao mesmo tempo (dos tantos tempos) outros tantos outros (dos tantos outros tantos), estava (Uno imanente, índice de multiplicidade) a caminho da escola, estava no livro, e estava também já na escola, onde estávamos e estamos todos e que também está em nós. Na escuridão da metamorfose em que estamos, em que somos, e que somos: devires.

Não eram senão acontecimentos e singularidades potencializando virtualidades em meio a um plano de imanência.

Não era senão uma vida: imanência potencializando, aos acontecimentos e às singularidades, lampejos, realidade.

Um, uma, esse mesmo artigo indefinido pelo qual a vida do indivíduo dá lugar a uma vida impessoal e singular, acontecimento *liberado dos acidentes da vida interior e da vida exterior, isto é, da subjetividade e da objetividade daquilo que acontece*⁴.

A vida do indivíduo Francis Tracart (nome registrado em seu documento de identidade) apagava-se *em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...*⁵

Isso mesmo, a multiplicidade não é definida pelo número de partes, de termos.

O que a define é o E, qualquer coisa que tem lugar entre os elementos ou *entre* os conjuntos. E, E, E, o gaguejar. E mesmo que haja apenas dois termos, há um E entre os dois que não é nem um nem outro, nem um que devém o outro, mas que constitui precisamente a multiplicidade. É por isso que é sempre possível desfazer os dualismos a partir do interior, traçando a linha de fuga que passa entre dois termos ou dois conjuntos⁶.

⁴ DELEUZE, G. Imanência: uma vida... In: Dossiê Gilles Deleuze. *Revista Educação e Realidade*, v.27, n. 2, jul./dez. 2002, p. 10-18. p. 14.

⁵ *Ibid.*, p. 14.

⁶ DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004. p. 47.

Tracart E escritor E aluno E professor E tio E leitor E inseto E filho E cantor E contestador E, E, E, uno-múltiplo, eu-fraturado politemporal em estilhaços e fissuras traça entrelinhas como outrora sublinhava, anotava, marcava, comentava, reescrevia cada volume como bem lhe aprazia, emite zumbidos às margens das páginas, marca rabiscos, sulca garatujas, arranha expressões, zune interjeições, risca balbucios, arranha gaguejos.

Estilo.

Estilo que é *conseguir gaguejar na sua própria língua*.

*Traçar uma linha de fuga*⁷.

Traça em devir linhas de fuga entre linhas duras e flexíveis (molares e moleculares), pois *as coisas, as pessoas, são compostas de linhas muito diversas, e não sabem necessariamente em que linha estão, nem onde fazer passar a linha que estão em vias de traçar*⁸.

Enquanto as linhas molares ou duras promovem divisões e bifurcações, as linhas moleculares ou flexíveis permitem relativas desestabilizações passíveis de controle por parte da despótica ordem molar. As linhas de fuga, por sua vez, conduzem a desterritorializações, de modo a permitir, por meio de caminhos alternativos, a singularização em seus processos disruptores⁹.

“Um personagem estético? Um personagem estético constituído em personagem conceitual?” perguntava-se Tracart ao lembrar o que lera para sua tese: “As figuras estéticas são *sensações: perceptos e afectos, paisagens, rostos, visões e devires. Mas não é também pelo devir que definimos o conceito filosófico, e quase nos mesmos termos?*¹⁰ No entanto, *as figuras estéticas não são idênticas aos personagens conceituais*¹¹. Uma diferença entre personagens conceituais e figuras estéticas¹² é que *uns são potências de conceitos, os outros, potências de afectos e perceptos*¹³. Isso mesmo!”, prosseguiu, “*uns operam sobre um plano de imanência, que é uma imagem de*

⁷ Ibid., p. 14.

⁸ Ibid., p. 21.

⁹ GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 45.

¹⁰ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Edições 34, 2009. p. 229.

¹¹ Ibid., p. 229.

¹² Ibid., p. 87.

¹³ Ibid., p. 87-88.

*Pensamento-Ser (númeno), os outros, sobre um plano de composição como imagem do Universo (fenômeno)*¹⁴, afinal, o plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro¹⁵. Talvez entrem uns nos outros, num sentido ou no outro¹⁶, mas isso ocorre na medida em que há sensações de conceitos e conceitos de sensações¹⁷”.

“Então, se Gregor Samsa figura como personagem estético e conceitual de Kafka é possível que eu não seja mais do que um personagem estético constituído em personagem conceitual” pensava consigo mesmo.

“Isso. Talvez eu não esteja apenas dentro do livro *A metamorfose* de Kafka, mas dentro de um livro de Kafka que por sua vez está dentro de outro livro, artigo, dissertação, tese, livro infantil, conto, poema, ensaio, romance, traços, rascunhos. Sim, talvez eu não passe de um personagem estético E conceitual E... Uma traça que experimenta, unicamente que experimenta, transitando entre traços personalísticos E estéticos E afectos E perceptos E conceitos. Talvez me caiba o papel de *manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento*¹⁸”.

Tracart lembrava-se do que lera mesclando sensações que nunca sentira a suspeições, problematizações, imaginações ainda não elaboradas: “Louco! Isso, estou louco!” concluiu. “Mas a loucura não seria uma vertente dos *traços páticos*¹⁹ do personagem conceitual, o que força a pensar ou que rouba o pensamento? E essa loucura não seria um grito, um silvo, uma resposta a esse *estado vivido por demais difícil de suportar*²⁰?”

Silenciou seus pensamentos enquanto sentia-se deslizar pelas folhas com tamanha desenvoltura como se surfasse entre as ondas, escorregando em meio às cristas quase não sólidas das páginas, como *um equilibrista dançarino de uma cena líquida*²¹ que *não teme o movimento*²². “Traça. Não passo de uma

¹⁴ Ibid., p. 88.

¹⁵ Ibid., p. 89.

¹⁶ Ibid., p. 229.

¹⁷ Ibid., p. 229.

¹⁸ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Edições 34, 2009. p. 92.

¹⁹ Ibid., p. 93.

²⁰ Ibid., p. 94-95.

²¹ LINS, D. Deleuze: o surfista da imanência. In.: LINS, D.; GIL, J. *Nietzsche/ Deleuze: jogo e música*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 53-75. p. 54.

traça. Uma traça que de tanto comer palavras talvez tenha se sonhado pessoa, E estudante E professor E tio E orientando E escritor E, E, E... Sonhos. Isso. Apenas acordei depois de um sonho de traça. Cabe a mim como traça deslizar, fugir, roer, traçar, comer, zumbir, subir, correr, cair, deslizar, surfar pelas cristas, limbos, lombadas, tubos. Mas esses não seriam os *traços dinâmicos*²³ de um personagem conceitual?” Francis entrava em parafuso. Não entendia aquela situação.

Inconformado, exigiu justiça.

Merecia saber quem decidira colocá-lo nessa condição.

Que autor?

Que aluno?

Que editor?

Enfim, que orientador sugeriria a criação de um personagem estético E conceitual condenado a uma existência em meio a um plano de imanência, fadado a uma vida, a acontecimentos, à singularidade, à expressão e à criação de afectos, perceptos e conceitos?

“Exijo meus direitos como cidadão, como humano”.

Lembrou-se também de sua condição de inseto: “exijo que se faça valer o direito de proteção aos animais, e até mesmo o direito de proteção aos personagens estéticos e aos personagens conceituais, enfim o direito à vida”.

“E protesto”.

“Sim”.

“Deram-me existência sem o meu consentimento!!” clamava.

“Mas” perguntou-se quase que no mesmo instante “que existência é dada com o consentimento?”.

Prosseguiu: “deram-me a vida e eu a assumo protestando em nome da liberdade. Se não virão em minha defesa os direitos do cidadão, os direitos humanos, os direitos de proteção aos animais, os direitos de proteção aos

²² ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007. p. 66.

²³ DELEUZE; GUATTARI, op. cit., p. 95, nota 10.

personagens estéticos e conceituais, eu venho em minha defesa dirigir-me a você, escritor”.

“Se acaso sou personagem conceitual de seu livro infantil, de seu artigo, dissertação, ensaio, tese, rascunho, então meus *traços jurídicos*²⁴ de personagem conceitual clamam justiça, pois *a justiça é desejo, e não lei*²⁵, pois *se a justiça não se deixa representar é porque ela é desejo*²⁶, e *se toda a gente pertence à justiça, se toda a gente é auxiliar, do padres às meninas, não é por causa da transcendência da lei mas da imanência do desejo*²⁷”.

“Mas”, refletiu “de que adianta clamar, clamar e re-clamar? A essa altura o sádico escritor já terá ganhado linhas e mais linhas de seu livro ou de sua tese às custas de meu clamor, dirigido senão por ele a si mesmo. Peço então a você, leitor, que se compadeça de mim. Pense o que é ter uma vida de traça dentro de um livro de Kafka citado em meio às linhas de uma página de tese, de livro, ou não sei de quê. Se eu existo aqui é você quem me concebe existência, então acabe com isso de uma vez por todas. Pare esta leitura, por favor. Feche a capa deste livro, este arquivo do computador, este pergaminho, seja lá o que for, e dê termo a mim, sele meu fim. É também você quem diz por meio de minhas palavras, é também você quem constrói comigo essa história”.

E Tracart chorou um choro de traça.

Coisa de cortar coração.

Choro sentido.

“Tudo o que quero é sair daqui, encontrar outras traças, encontrar pessoas, não sei...”

“Não sei...”

“Não sei...”

“Não sei...”

“Nada sei. Tudo que sei é que...”

²⁴ Ibid., p. 95.

²⁵ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. p. 89.

²⁶ Ibid., p. 90.

²⁷ Ibid., p. 91.

“Chega! Traça até que tudo bem, mas Sócrates? Ai já é demais. Como o leitor pôde perceber, o ridículo autor desta história quase me fez dizer: tudo que sei é que nada sei. É demais! Não, também não preciso de advogado, faço eu mesmo minha defesa, minha apologia. Se estou condenado à morte a cada vez que fecharem este livro, este arquivo, este pergaminho, condeno-os à vida. Nããããããão!!!! Já disse, Sócrates não. Sócrates é personagem conceitual de Platão. Como traça mereço ser sustentado no Pirineu. Não, no Pirineu não (Sócrates de novo!!). Mas como professor eu até considero que mereça por fim ser remunerado pelo INSS. Aliás, como professor E traça E escritor E personagem *estéticoconceitual*, mereço a imortalidade de viver a cada vez que alguém ler minha história”.

O inseto silenciou por alguns instantes refletindo sobre sua condição e solidão.

Baixou a voz e, em meio a soluços, lamentou:

“Tudo o que eu queria era poder chorar sem que meu choro fosse associado a algum conceito. Quero afecção, apenas afecção. Isso mesmo, que as lágrimas escorram sobre minha face estética”.

Em silêncio, sentiu-se em choro de traça.

“Tudo o que eu queria era ter alguém ao meu lado quebrando a solidão de viver deste lado das palavras. Se não posso sair, que venha alguém ao meu encontro. É o que peço”.

Silenciou por mais alguns instantes.

“Mas se você agora me lê, você veio ao encontro de meu mundo. E se nesse nosso encontro podemos romper as linhas duras das margens, da formatação, das fontes, das regras gramaticais e textuais, se nesse nosso encontro podemos fissurar até mesmo as entrelinhas e o sentido, linhas flexíveis que me enredam, traçamos juntos linhas de fuga”.

Animou-se e, lançando um olhar sedutor, característico das traças, lançou uma proposta:

“E você? Também na solidão? Se está lendo é por que está só, é o mais provável. Então somos só nós dois aqui neste livro, nestas páginas. Eu e você. Você e eu. *You and I. Tú y Yo. Vous et moi.* Eu e o que você faz de mim e

comigo. Você e o que eu faço de você e com você. Amizade que pede apenas um pouco de boa vontade, você, amizade, pretendente e rival, vivendo em mim meus *traços relacionais*²⁸”.

Francis nesse momento, de fato, permitiu-se atravessar, permitiu deixar-se tocar e afetar pela experiência de estar sendo lido por você, leitor.

Quanto a você, tem a oportunidade de se permitir o mesmo.

Um encontro sobre um plano de imanência, feito os saudosos encontros adolescentes nos cinemas.

*As possibilidades de vida ou de modo de existência*²⁹ inventando-se sobre um plano de imanência que desenvolve a potência de personagens conceituais³⁰.

Tracart lembrou-se de um desses saudosos encontros no cinema e ao mesmo tempo de uma anedota e, intempestivamente, a narrou, como nos tempos de adolescente colegial:

“Nada como uma anedota, com sua tragicidade ou comicidade, para que, enfim, os *traços existenciais*³¹ do personagem conceitual em que ora acredito estar se manifestem: um casal de traças ia saindo do cinema quando uma comentou com a outra: “prefiro o livro”. Hahaha! O mais engraçado é que eu também prefiro” – riu-se Tracart com ironia e autocrítica, de um jeito como apenas as traças sabem rir.

“É isso. Talvez eu não passe de um personagem estético constituído em personagem conceitual, perdido entre afectos, perceptos e conceitos”. E refletiu, “quisera eu desprender-me daquele que me escreve”.

“Independência e morte!”

“Morte ao autor!”

“Morte ao autor!”

“Morte ao autor!”

²⁸ DELEUZE; GUATTARI, op. cit., p. 94, nota 10.

²⁹ Ibid., p. 94.

³⁰ Ibid., p. 94-95.

³¹ Ibid., p. 94.

“Mas talvez ele mesmo, o autor, não deseje ou não consiga se desprender o suficiente de mim. Aliás, quem escreve é o indivíduo escrevente? Quem fala, afinal? O autor? A linguagem? A palavra? Toda uma rede de saberes E poderes E desejos E afectos E perceptos E conceitos?”

“Então, querido leitor, se *o autor não é exatamente nem o proprietário nem o responsável por seus textos; não é nem o produtor nem o inventor deles*³², saiba que eu estou mais distante do indivíduo que escreve essas palavras do que você imagina. *Por trás da máscara não há rosto algum*³³, como por trás da traça não há indivíduo algum”.

“Pergunto ainda a você, caro leitor: como poderia ser eu de tal modo o autor, se nem mesmo o indivíduo que escreve é tão autor quanto nos parece ser? Se ele é tanto não ele no que escreve? *Na escrita, não se trata da manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer*³⁴. Sendo assim, não seria o autor outros tantos autores e personagens que o constituem em seus tantos enredamentos? E não seria você, leitor, também um autor e também outros tantos outros: personagens constituídos entre afectos, perceptos e conceitos? Talvez nesse instante eu esteja muito mais você, que me lê, do que o indivíduo que me escreve. Sugestão: comece tentando desprender-me de você, ou desprender-se de mim, em si...”

“Isso me fez pensar em outra coisa interessante: aquilo que se escreve parece ser de algum modo uma vida, de uma vida, sobre uma vida, em uma vida, para uma vida e com uma vida, aparentando constituir-se, de certa maneira, biografia, escrita de uma vida, sobre uma vida, em uma vida, para uma vida, com uma vida, uma vida. Portanto, talvez eu pareça ser mais biográfico do que deveria ou regurgite mais vida do que me caberia. Talvez, eu pareça precisar me desprender ainda mais do limbo dessas páginas. Talvez o indivíduo que escreve pareça estar mais em mim do que convém. Aparências. Engodos.

³² FOUCAULT, M. O que é um autor? In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos III: estética-literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298 (p. 264).

³³ ROLNIK, op. cit., p. 36, nota 22.

³⁴ FOUCAULT, op. cit., p. 268, nota 32.

Enfim, onde estaria o tal indivíduo que me escreve, prezado leitor? Diga-me, por favor! Preciso encontrá-lo para lhe dizer umas e outras”.

Tracart, então, deixou de lado a conversa que traçava com você, leitor, passando a dirigir suas palavras ao autor (a mim que escrevo):

“Diga-me seu nome, autor! Muito prazer, sou Francis Tracart (como se você não me conhecesse... afinal não deixo de ser, também, você – não você nome próprio, indivíduo, mas você autor)”.

“Diga-me o seu nome... a sua graça...”

...

...

...

...

...

“Não vai se apresentar?”

...

...

...

“Que arrogância! Que prepotência! Que falta de educação! Lastimável! Pois saiba que dói muito, em mim, sentir que sou um pouco de você. É deprimente saber-me parte de alguém tão... tão... tão...”

...

...

...

“Recusa-se a escrever o adjetivo com que desejo te definir? Prefere exercer autor-itaricamente seu poder para não escutar o que não quer, ou para não escrever o que não deseja, não é? Você não passa de um censor! E digo mais: um ditador! É isso o que você é”.

Francis prosseguiu, em seguida, com certo desdém:

“É... pensando bem, nem precisa se apresentar, pois conheço o você que re-existe em mim, apesar de saber o quanto é *falso buscar o autor tanto do lado do escritor real quanto do lado do locutor fictício: a função autor é efetuada na própria cisão – na divisão e nessa distância*³⁵ – não remetendo *pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar*³⁶”.

“Pois fique sabendo também que muito me alivia saber-me não você indivíduo, mas apenas parte de você autor. Portanto, faço questão de lembrar-lhe que, em seus escritos, eu também sou a sua morte”.

Tracart riu com sarcasmo.

“Isso mesmo! Está me escutando? Eu sou a sua morte. Sou o verme que é você também. Sou a traça que faz de sua vida a morte, no *parentesco da escrita com a morte*³⁷”.

“Sei que em sua escrita, você almeja *exorcizar a morte*³⁸. No entanto, lamento informar que a sua escrita é o seu sacrifício, é a sua ausência, e é, ao mesmo tempo, a sua assassina³⁹. Saber disso me dá um enorme prazer, saber que você pode até estar aqui, em certa dose, mas, no quanto estiver, estará morto. É gostoso saber que, desses seus restos mortais, me alimento eu”.

E em meio a reflexões, protestos, risos, afecções, conflitos, movimentos, discussões, perceptos, devaneios, pensamentos: um acontecimento.

Ruptura.

*Silêncio que grita*⁴⁰.

Tracart sentiu um enorme baque, como se estivera confortavelmente acomodado em um veículo em movimento, como se estivera confortavelmente

³⁵ Ibid., p. 279.

³⁶ Ibid., p. 279-280.

³⁷ Ibid., p. 268.

³⁸ Ibid., p. 268.

³⁹ Ibid.

⁴⁰ AMORIM, A. C. Currículo (des)figura, diagrama da linguagem. In: MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (orgs.). *Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo*. Campinas: FE/UNICAMP, 2009. p. 54-62. p. 60.

acomodado no movimento imóvel de seus pensamentos inquietos, e de repente sentisse o impacto de uma queda do alto de um enorme despenhadeiro.

Cartografia *urbanoliterária*



Figura 4 - Vista aérea do *espaçotempo urbanoliterário*.



Figura 5 - O *espaçotempo urbanoliterário* visto do alto de um dos arranha-céus.

O baque foi resultado da queda do livro (da altura de poucos centímetros) na mesa da bibliotecária. Tracart sentiu-se, logo em seguida, levemente tonto ao ser girado junto com o livro que foi revirado, examinado e conferido.

– Clarice, pode dar baixa na ficha do Fernando. 814 KAF, Exemplar 1, *A metamorfose* – orientava Cecília, a bibliotecária, à estagiária do setor, enquanto dispunha Tracart de cabeça para baixo, ou melhor, de dorso para baixo e com as pernas para cima, pois o livro colocado com a capa para cima o deixava assim, nessa posição ingrata.



Figura 6 - *A metamorfose*, com Tracart, passando pelo departamento de triagem.

Tracart escutou a voz de Fernando se distanciando enquanto identificava, com precisão cada vez maior, a voz firme e melodiosa que se faria presente em seu cotidiano por meses a fio (e ao mesmo tempo décadas, segundos, anos, horas

em seu tempo *Aion* com múltiplos presentes) nos contos, nas leituras, nos avisos, nas orientações e nos cantos: a voz de Cecília.

Também se sentiu mais e mais apertado entre as folhas a cada livro que era entregue e depositado sobre a pilha.

E nessa posição e condição (com dorso para baixo e achatado) permaneceu até que, ao fim do expediente, após as tantas visitas ao espaço (que podia identificar por meio dos diferentes movimentos, ruídos e conversações), foi conduzido junto a outros livros para seu novo território, seu desterritório, reterritório do livro. Agora sim, com a cabeça para baixo e cauda para cima sentia-se menos apertado, embora a posição ainda não lhe fosse, de todo, cômoda.



Figura 7 - Reterritorialização e desterritorialização de Kafka, Samsa e Tracart.

Em pouco tempo as luzes se apagaram e o silêncio se fez cada vez mais presente no *espaçotempo* em que Tracart se reterritorializara.

Lentamente, inverteu sua posição e deslizou pelas páginas até chegar às bordas superiores do livro.

Levou alguns segundos, talvez meses, décadas ou horas para identificar e conhecer o *espaçotempo* biblioteca escolar.

Para ele, aquela biblioteca parecia muito distinta das que frequentara (fossem as bibliotecas das escolas de sua infância e adolescência, a biblioteca da Universidade Federal em que estudava ou as grandes bibliotecas que tivera a oportunidade de conhecer em cidades maiores).

Era um espaço distinto e enorme, impressão esta (a última) que se devia ao seu olhar e à sua proporção de traça.

Surfou na lisa capa do livro, depois correu até a extremidade da prateleira da estante. E viu as estantes como enormes arranha-céus. Os livros eram apartamentos e salas com muitas portas de entrada. Sim, sua cidade parecia muito grande com ruas, avenidas e construções distintas.

Mas com seu modo traça E humano de ver, produzido com a composição personagem estético E conceitual, optou por cartografar o *espaçotempo urbanoliterário* do alto de um dos arranha-céus para que tivesse o *prazer de “ver o conjunto”, de superar, de totalizar o mais desmesurado dos textos humanos*¹.

Subiu até o topo do maior livro da prateleira mais alta da estante: o último andar. Tracart era agora apenas um ponto que vê.

E como ponto de interrogação perguntou-se.

Como ponto de exclamação admirou-se.

Como ponto final, multiplicou-se em três e reticenciou, enquanto via...

Atravessando-se o portão da megalópole, algo parecido com uma porta de entrada àquele vasto mundo de saberes e sabores, podia-se avistar as largas avenidas (corredores) margeadas por edifícios altíssimos (estantes) repletos de apartamentos, moradas, restaurantes, lanchonetes, esconderijos, consultórios, escritórios, guetos, quartos, mercados, com múltiplas entradas e saídas (os livros).

¹ CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 157-158.

Ao fundo, os edifícios administrativos (armários de aço) burocraticamente preenchidos com amido de qualidade duvidosa (amido é o alimento preferido das traças): projetos, documentos, fichas, formulários, relatórios, arquivos, circulares, ofícios, bilhetes, autorizações, registros, avaliações, requerimentos, listas.

Logo à frente dos edifícios administrativos, os departamentos de triagem e seleção (as mesas da bibliotecária Cecília e de sua assistente Clarice, uma delas com um computador). Neles os livros-casa repousavam antes de serem guardados nos edifícios. Por isso ali se via, com frequência, algumas pilhas de livros: as chamadas devoluções (semelhante ao monte de livros onde Tracart fora reterritorializado depois de sua longa viagem com destino ao *espaçotempo* biblioteca escolar).

No centro da cidade ficava o grande obelisco central (coluna). Uma espécie de pedra angular, o marco primordial da megalópole. Esse mesmo obelisco sustentava um enorme *out-door* (cartaz), que como uma placa fundacional trazia os seguintes dizeres:



Figura 8 - Placa exposta no obelisco central.

O obelisco dividia a cidade em duas porções distintas: a área comercial e residencial das avenidas e arranha-céus; e a área de circulação e lazer que reunia parques e praças (mesas e carteiras) e os cinemas (TV, celulares, *tablets*, *notebooks*).

A arte imagética mesclada à textual se fazia presente na estética das fachadas dos apartamentos e salas (capas), e nos painéis, obras de arte e letreiros (figuras, origamis e poesias) dispostos nos edifícios administrativos (armários) e em *outdoors* (paredes, murais e cavalete de *flip-chart*).

O espaço urbano sob o ponto de vista desse ponto que vê (Tracart) parecia mesclar lúdico-onírico de textos-imagens que abriam múltiplas possibilidades de leituras-olhares.

Mas a fome apertava.

Havia passado um dia inteiro (ou semanas? Talvez minutos), mas a fome chegara apenas com a escuridão.

A traça, *Lepisma Saccharina*, ordem *Thysanura*, é animal de hábitos noturnos e que come amido, papel, papelão (escutara isso em uma aula de *Zoologia dos Invertebrados* no curso de Biologia que frequentara na Universidade Federal do Rio de Janeiro séculos antes, talvez anos).

“Amido. Preciso de amido. Já sei: batata frita. “Uma porção, por favor!” Talvez um saco de pipoca. Macarrão, pizza, pão, biscoito, arroz, trigo, aveia, cereais, inhame, miojo, aipim, lasanha, pamonha, papelão, papel, encadernação, cola, que foooooomeeee!!!!!!”

Entre Livros, Linhas, Letras, “L”s e jogos de Liberdade



Figura 9 - Jogados a Tracart.

A primeira letra que comeu naquela biblioteca foi a letra “L” de literatura. “L” de Letra, Leitura, Livro, Livre, Linhas, Língua, Linguagem, Ler, Lábios, Lembrar, Lamber, Leite.

O mesmo “L” trazia à mente autores, ilustradores e personagens dos livros que lera.

Personagensconceitos e conceitospersonagens, porque o conceito, sob alguns aspectos, é um personagem. E o personagem tem a dimensão de um

*conceito*¹: Lobato, Leminsky, Lewis Carroll, Lenice Gomes, Lebre Maluca, Leon Tolstói, Léo Cunha, Luís de Camões, Lisístrata, Lia Zatz, Lúcia Encerrabodes de Oliveira, Liliana Iacocca, Lísias, Lygia Bojunga Nunes, Lord Henry Wotton, Lygia Fagundes Telles, Luciano de Samósata, Lima Barreto, La Fontaine, Leopold Bloom, Lúcia Pimentel Góes, Lucas, Lady Macbeth, Lucrecio, Leskov, Luciana Savaget, Lear, Luís Camargo, Lia Luft, Lobo Neve, Lúcia Fidalgo, Lawrence, Lobo Mau.

Mas, para além dos autores, dos personagens e de seus conceitos, a percepção de Tracart se fez em intensidade, pois o conceito *ao mesmo tempo que cumpre sua tarefa, ele faz ver coisas, está ligado aos perceptos. E o percepto, a gente o encontra em um romance. Há uma comunicação perpétua entre conceito e percepto*².

Sim, *uma obra literária tanto traça conceitos, de forma implícita, quanto traça perceptos*³.

Conceitos e perceptos permeados por afectos da arte literária: “L” de *Littera*, Letra, “L” de *Liber*, Livro, Livre. “L” de Literaturas, “L” de Liberdades.

Desde que experimentou o “L”, a liberdade se fez presente nas invenções de vida, entre as letras e os livros do *espaçotempo* biblioteca.

Se Tracart também enxergava como as traças enxergam, Francis também podia ler como as pessoas leem. Aproveitava, assim, o silêncio dos fins de semana para transitar entre os livros em movimentos de leitura. Aprendera a aliar a visão noturna das traças e o seu rápido deslizar por entre as páginas na leitura ao seu olhar analítico e atento de pesquisador. Desse modo, podia literalmente entrar no que lia a qualquer momento.

Mas às vezes preferia fazer assim: de dia devorava os livros com os olhos e com sua leitura; à noite para aplacar sua fome roía, raspava e comia alguns pedaços de folha e um pouco de cola das encadernações enquanto deslizava em suas leituras.

Aceitava a vida, entregando-se *de corpo-e-língua*⁴.

¹ DELEUZE, G. L de Literatura. In: *O abecedário de Gilles Deleuze*: Entrevista a Claire Parnet, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 22.

² Ibid., p. 22.

³ Ibid., p. 22.

Apesar de sua voracidade de traça, Tracart, por vezes, evitava comer palavras (por sentir-se culpado, como escritor, de desfalcar o texto de um e outro colega de profissão), algo vinculado à ética de saber que outro poderia desfrutar do mesmo texto, devorar as mesmas palavras.

Sim, a ética da partilha, do prazer de partilhar sabores e saberes.

“Mas,” lembrou-se – *“uma partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha⁵”*.

Pois, considerando que a partilha do sensível dá forma à comunidade, Tracart acreditava que seu tipo de atividade escritor-traça, lhe abria a possibilidade de participar ao mesmo tempo de um *comum* partilhado e de partes exclusivas.

Portanto, roer apenas uma letra, em sua competência escritora e em sua habilidade traça, poderia abrir à palavra outros significados.

Recortar palavras, construir mundos, triturar tempos e espaços, fissurar ruídos e silêncios. *Um recorte dos tempos e dos espaços, do visível e do invisível, da palavra e do ruído que define ao mesmo tempo o lugar e o que está em jogo na política como forma de experiência⁶*.

Foi o que se pôs a fazer quando, certo dia, soube da existência de uma pilha de folhas, jornais e livros jogados às traças (curiosamente Tracart era a única traça daquela biblioteca, então seria mais adequado dizer “jogado à traça”, ou “jogado a Tracart”).

“Tem gente que acha que biblioteca escolar é depósito de impressos. Traz tudo pra cá: jornais velhos, catálogos, folhetos publicitários, apostilas, livros didáticos desatualizados, livros danificados⁷” – foi o que Cecília disse no dia em que Tracart a viu colocando, provisoriamente, em uma prateleira da biblioteca: um velho catálogo telefônico, duas apostilas de cursinho, cinco livros didáticos

⁴ ROLNIK, S. *Cartografia sentimental*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007. p. 66.

⁵ RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental; Edições 34, 2005. p. 15.

⁶ *Ibid.*, p. 16.

⁷ Reescritura literária elaborada a partir de conversação da bibliotecária com o pesquisador, registrada em 21 de junho de 2013. Nome fictício.

antigos e alguns jornais velhos que um menino trouxera de casa para “deixar” na biblioteca.

E foi nessa prateleira que Tracart fartou-se por todo o fim de semana.

Inventou e desinventou caminhos.

Caprichou nos traços, nas linhas.

Entrava em um “t” e saía do outro lado em um “m”.

Mergulhava em uma apostila velha traçando de capa a capa os caracteres: *g k , t 9 ? e p d (a c a*.

Depois inventou de comer palavras de um jornal para induzir seu sabor.

Comeu a palavra “polar” e ao chegar ao “r” quase congelou.

Começou a roer de leve a palavra “inseticida”, mas logo no “n” parou com medo de morrer envenenado.

Devorou umas quatorze palavras “livro”, depois comeu uma “livraria” inteirinha. Estava tão cheio que só de ler a palavra “biblioteca” sentiu-se empanturrado.

“Lugar bom! Vou passar a noite por aqui mesmo. Hoje eu também quero ficar entregue às traças” relaxou-se enquanto lembrava “ops, mas estou uma traça” e brincou “tudo bem, vou ficar entregue às letras”.

Na noite seguinte brincou com um velho jornal.

Leu um texto e resolveu reinventá-lo como em uma criação dadaísta: colagens, recortes, bricolagem, *patchwork*, decalques, pedaços roídos, destroços, raspas, restos, reciclagem.

Qual Tristan Tzara⁸, Francis Tracart traçava, tracartava, tricotava, triturava, transcortava, troçava, tragava, tristantzarava, *gostzando* do que *fatzia*, *delitziando-se apetzizosamente* e *etzetzicamente* a cada traço.

Tracart fez de sua mastigação uma arte, ao permitir-se afetar pela imperiosa e fisiológica necessidade de fazer da vida uma obra de arte.

⁸ Tristan Tzara, poeta judeu e francês, foi um dos precursores do movimento estético-revolucionário dadá, o dadaísmo, que teve por fim desintegrar a estrutura da linguagem artística de então.

“Isso mesmo!” pensou consigo “*Pode ser que escrever tenha uma relação essencial com as linhas de fuga. Escrever é traçar linhas de fuga*”⁹.



Figura 10 - Artigo do Jornal *A Tribuna*¹⁰.

Como no *canibalismo que aparece nos dadaístas*¹¹, Tracart traçava movimentos antropófagos, criando mundos, fazendo da *suposta negatividade da desterritorialização (assim considerada pelo homem ocidental) [...] pura positividade*¹².

Comia, ruminava, dragava e criava mundos.

Digeria, regurgitava, engolia e criava mundos.

Abocava, consumia, corroía e criava mundos.

Absorvia, furtava, deglutia e criava mundos.

Tragava, traçava, triturava, e criava mundos.

⁹ DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004. p. 58.

¹⁰ VALADARES, E. O bibliotecário em tempo de inovação. *A Tribuna*. Vitória. 2 mar. 2013. p. 27.

¹¹ ROLNIK, op. cit., p. 201-202, nota 4.

¹² *Ibid.*, p. 203.

Expropriava, se apropriava, devorava, desovava, transvalorava e, por isso, acolhia o outro, se interessando pelo que não era seu, fazendo valer, assim, a *lei da Antropofagia*¹³.

“Antropófago, sim. Antropófago, sou. Antropófago, e fim”, pensamentava Tracart enquanto comia e escrevia.

Desejava devorar em sua própria escrita não apenas o enigma, mas também a própria esfinge que ameaçava devorá-lo a cada instante. Não precisava decifrar, apenas devorar, pois o que é a vida se não devoração pura, como nos disse o antropófago devorador de enigmas e esfinges, Oswald de Andrade. *Aliás, se recalcaros a antropofagia, azar nosso, pois mais cedo ou mais tarde a esfinge acabará por nos engolir*¹⁴. Ademais, *muito diferentes são os devires contidos na escrita quando ela não abraça palavras de ordem estabelecidas, mas traça linhas de fuga*¹⁵.

Por esse tanto, devorava sem dó.

Nem sempre sem dor, que traçar e escrever também dói.

Traçava e escrevia em atenção aos animais, aos selvagens, aos analfabetos, aos não leitores.

“Que falta fazem essas letras para quem não lê?”

“E quem sabe ler em fragmentos há de saber reinventá-las”

Por eles, todos, Francis assim triturava e transcortava.

Como alguém que se prestasse a usar óculos sem lentes em atenção às pessoas todas: que usasse óculos em atenção às pessoas que usam óculos, que não usasse lentes em atenção aos que não usam óculos.

Assim, Tracart escrevia desescrevendo.

Desescrevia as palavras pré-escritas em atenção aos que picotam e recortam, sem ler, as palavras.

Também escrevia, criava mundos, em seus restos picotados em atenção aos que leem em fragmentos, no lugar desses que são em pedaços, pois *escrever*

¹³ Ibid., p. 203-204.

¹⁴ Ibid., p. 207.

¹⁵ Ibid., p. 58.

é, necessariamente, forçar a linguagem, a sintaxe, porque a linguagem é a sintaxe, forçar a sintaxe até um certo limite, limite que se pode exprimir de várias maneiras¹⁶. No limite que separa a linguagem do silêncio, da música, de um piar doloroso, do grito, do zumbido, dos ruídos inaudíveis e ensurdecadores das traças.

E dos picotes de palavra sobrantes de suas devorações, das raspas de palavra restantes de suas triturações, dos restolhos de palavra desestabelecidas de ordens, dos fragmentos de palavra desinventoras de preconceções, dos bagaços de palavra recriadores de mundos, da xepa de palavras desinventadas em meio a traços fugidios, dos sobejos de pá lavra lia-se:



Figura 11 – Arte gráfica de Jeasir Rego sobre artigo do jornal *A Tribuna*, a partir da reinvenção de Tracart.

Assim Tracart escrevia, usando pseudônimos inventados (neste momento usara Dardo Lares) ao traçar linhas de fuga não imaginárias com que se comprometia, *porque escrever nos compromete com elas, nos embarca*

¹⁶ DELEUZE, G. A de Animal. In: *O abecedário de Gilles Deleuze*: Entrevista a Claire Parnet, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 2.

*verdadeiramente nisso. Escrever é devir, mas não é de todo devir-escritor. É devir outra coisa*¹⁷. A linguagem se fazia em si mesma, para Tracart (como se faz para o cartógrafo), como uma *criação de mundos*¹⁸. O entendimento, por sua vez, não tinha *nada a ver com explicar e muito menos com revelar*¹⁹, mas com subverter, com subversar.

Por fim, Tracart adormeceu.

Depois de algumas horas, semanas, meses, segundos, dias de sono (não sei), despertou subitamente com uma palavra, um grito, um palavrão, uma ofensa, um xingamento, uma palavra de baixo calão, também iniciada com a letra “L”.

¹⁷ DELEUZE; PARNET, op. cit., p. 58, nota 10.

¹⁸ ROLNIK, op. cit., p. 66, nota 4.

¹⁹ Ibid., p. 66.

Literatura menor



Figura 12 - Literatura menor.

– ...o *Livrinho*...

Tentou tapar os ouvidos. Mas como não sabia exatamente por que parte do corpo escutava (parecia-lhe que toda a sua estrutura artrópode captava a vibração bizarra), estremeceu e já ia tentando se acalmar quando escutou mais uma vez aquela palavra tenebrosa:

– ...o autor do *Livrinho*...

E outra vez:

– ...*Livrinhos* dele...

E mais outra:

– ...*Livrinhos* de presente...

Tracart tentou gritar mais alto que aquela voz:

– Paaaareeszfwvmvgjinz.

Um guincho.

Um zunido.

Imperceptível para os humanos ali presentes.

O grito parece tê-lo acalmado um pouco.

Saiu de dentro do exemplar da pilha de livros velhos onde se fartara e dormira e avistou Cláudia, professora de língua portuguesa do 6º Ano, respondendo às questões lançadas pela mãe de um dos alunos:

– Veja bem, Dona Eva, “o *Livro*” que as crianças tanto comentam em casa se chama *Dezenove poemas desengonçados*, da Editora Ática. “O autor do *Livro*” se chama Ricardo Azevedo. Cecília também trabalhou um poema do mesmo autor publicado no livro *Ninguém sabe o que é um poema*. Os “*Livros dele*” podem ser tomados de empréstimo aqui na biblioteca ou comprados nas livrarias ou pela internet. E talvez estejam à venda na feira do livro que vai acontecer na escola na semana da literatura. Aliás, é muito bacana o seu interesse de vir aqui na biblioteca para se informar sobre os *Livros* que apresentamos ao seu filho. Também quero te dar os parabéns por dar “*Livros de presente*” para ele. Fique à vontade para conhecer os *Livros* da biblioteca e quando precisar é só me procurar ou falar com a Cecília.

Enquanto Dona Eva se despedia com toda a sua boa vontade, talvez sem perceber todas as alterações que Cláudia sugerira à sua fala, Tracart respirava aliviado e corria até a estante mais próxima para se aproximar do vasto acervo de literatura infantil e juvenil presente naquela biblioteca.

Sim, alguém viera em defesa da literatura infantil considerada menor (inocentemente ou pejorativamente) por grande parte da sociedade.

Disseram-lhe certa ocasião: “Que cisma, Francis! A literatura infantil não é tratada de modo pejorativo nem é diminuída. Esse diminutivo é marca de afetividade por ser destinada a crianças e porque, de fato, os livros são menores em quantidade de páginas, de texto, etc.”

Tracart retrucava para si (para não perder o costume) como tanto respondera a quem desse modo argumentava: “quantas vezes estive em escolas, em

livrarias ou participei de conversações em que eu era apresentado como escritor de “livrinhos”. Ressaltavam: ele escreve “uns livrinhos pra criança”. Isso sem contar o fato de a disciplina Literatura Infantil figurar como optativa no currículo de minha graduação em Letras. Fora o descaso com que esse gênero parece ser tratado na academia, encontrando, quando muito, espaço no campo da educação” refletia Tracart enquanto olhava ao redor e via tantos, e ótimos, títulos infantis e juvenis.

Para Tracart, apesar de ter sido considerada desde seu nascimento um gênero menor, a literatura infantil tem sido entendida pelos pesquisadores que sobre ela se debruçam como um gênero de maior amplitude de alcance e mais democrático do que a “literatura” dita maior (não adjetivada). E isso, defendia Francis nos cursos que ministrava sobre o tema, se dá em razão da literatura infantil ter como uma de suas características ser escrita em atenção a crianças de diversas idades bem como em atenção a adultos de distintos níveis de formação e saber, despertando interesse e encantando pessoas de diversas idades por meio da plurissignificação dos recursos simbólicos, icônicos, lúdicos, oníricos, políticos, coletivos e estéticos nela presentes.

Ao observar os tantos livros disponíveis naquela biblioteca escolar, Tracart sabia que na maioria deles se efetivava o encontro entre, de um lado o caráter educacional que desde a criação desse gênero literário se faz presente como formador de mentalidades, propagador de ideologias, mantenedor ou questionador de estratos sociais e valores preestabelecidos; de outro o aspecto artístico promovendo rupturas, traçando linhas de fuga, reinvenções e recriações na e com a linguagem, nas e com as verdades, no e com o mundo, na e com a realidade, no e com o imaginário, nas e com as ideias, promovendo gaguejos e balbucios. Em muitos daqueles livros da literatura infantil (muitos deles previamente lidos por Francis) política unia-se a estética em obras inquestionavelmente literárias.

“Livrinhos?” perguntou a si mesmo e (em sua imaginação) aos que assim se referem à literatura infantil, enquanto se posicionava diante de um exemplar de *Alice no País das Maravilhas* “Como assim?” deslizou até *Flicts* de Ziraldo. “Só falta dizerem que não tem valor estético, político ou coletivo” disse ao passar

entre *Onde tem bruxa tem fada* de Bartolomeu Campos de Queiróz e *Chapeuzinho Amarelo* de Chico Buarque, escorregando em seguida pela capa de *A bolsa amarela* de Lygia Bojunga Nunes. “Só falta dizerem que é uma literatura menor” passou diante do livro *A metamorfose* de Kafka, seu passaporte e meio de transporte-casa-restaurante por intermédio do qual chegara à cidade onde agora vivia.

“Tudo bem,” considerou “se a literatura infantil tem sido considerada um gênero menor com relação à “literatura” dita maior, aquela não adjetivada, podemos lutar por promover um movimento de ressignificação, rejeitando a valência imposta por meio do significado amplamente aceito do termo “literatura menor” como literatura de menor qualidade e de menor relevância, e nos empenhando pelo estabelecimento e pela consolidação de outras dentre as tantas valências possíveis”, defendeu ao lembrar-se de algumas de suas leituras.

“A literatura infantil é sim, nesse sentido, uma literatura menor, pois é imediatamente social e política por pertencer à *língua que uma minoria constrói numa língua maior*¹. Refiro-me às produções que se constituem como agenciamentos coletivos e políticos (não a todas, infelizmente, pois algumas formatam indivíduos, congelam saberes, engessam potencialidades)” afirmou Tracart, prosseguindo em seus pensamentos: “um *escritor menor* como Kafka, ao agenciar coletiva e politicamente tantas percepções e afecções, conduziu-me a essa pluralidade de presentes, a esse universo de conceitos. Ele atua, como tantos autores que me cercam em muitas dessas obras, como um médico da cultura ao transformar signos do mundo por meio de seu trabalho”.

“Sim, a língua é coletiva, portanto um *escritor menor* agencia por meio de sua *literatura menor*, como prática sociopolítica, a mediação da voz coletiva, e reinventa a linguagem, revelando uma língua estrangeira em sua própria língua nos tropeços que promove na língua estabelecida e convencional, essa mesma que estabelece e defende os valores consolidados e dominantes”.

“Estilo e estética têm função política na *literatura menor*”, concebia Francis, ao mesmo tempo em que dizia com os seus botões “espero que eu me lembre

¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. p. 38.

dessas reflexões e pensamentos quando estiver produzindo minha tese. Isso se um dia eu puder concluí-la. Se como orientando e doutorando minhas patas se tornarem braços, mãos e dedos, meus zunidos e grunhidos se tornarem gaguejos, tropeços, palavras, talvez eu possa fazer de minha escrita o que pretendo defender: um *currículo- fabulação*. Produzir por meio de minha escrita uma literatura menor, afinal, *as palavras da literatura efetuam-se no acontecimento e podem ser pensadas na vertigem, no sonambulismo e no sonho – conjunto de variações dos signos – como plano de composição*²”.

Pensou por instantes em sua reunião com o orientador.

Quantos dias, horas, meses, semanas, anos estaria atrasado?

Já não sabia delinear o tempo.

Teria sido desligado do Programa de Pós-Graduação?

Teria perdido a oportunidade de produzir aquele livro encomendado por aquela editora?

Teria sido esquecido ou estaria sendo procurado pelos seus amigos, parentes, colegas, conhecidos?

Teria sido considerado um relapso, um desertor, um desistente, pelo seu orientador?

Estaria em algum cartaz ou *site* de pessoas desaparecidas?

Mas ninguém o encontraria em sua forma de traça a partir de uma foto humana.

O que lhe importava a tese agora?

Talvez se impressa em um papel apetecível, palatável, digerível ela atraísse sua atenção ou seu desejo de modo mais efetivo, corporal, fisiológico.

Enfim, o que lhe restava senão uma vida: imanência.

² AMORIM, A. C. R. de. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. *Teias*, ano 8, n. 15-16, p. 1-12, jan-dez 2007. p. 6.

Traçar linhas, deslizar, problematizar conceitos, roer celulose, comer amido, zunir, viver.

Talvez apenas narrar a vida em experiências e singularidades que se organizam *em um 'patchwork' cuja expressão transita por dimensionar as alternativas à vida delineando matizes para o sujeito extraído incorpórea e corporalmente*³. Mas que isso não figurasse como um plano futuro.

Não. Recusava-se a sonhar.

Simplesmente em algum presente dentre os seus tantos possíveis lhe viesse a pulsar o desejo de *narrar a vida*⁴.

Deslizou folha acima em um exemplar do livro *Dezenove poemas desengonçados* de Ricardo Azevedo, enquanto prosseguia em suas reflexões: “*Menor* não qualifica certas literaturas, mas sim as condições revolucionárias dessas literaturas diante da “literatura” não adjetivada, dita maior. Pois aqui está uma literatura menor: a literatura infantil buscando sociopoliticamente a língua de minorias dentro de uma língua maior, uma desterritorialização da língua maior viabilizada por meio de tropeços, gaguejos, balbucios, tagarelíes, brincadeiras, sonhos, criações e invencionices para as crianças e com as crianças, que vivem em uma língua que não é sua, uma língua maior que ainda não conhecem (ou que mal conhecem) e *que são obrigados a utilizar*⁵”.

Num instante, teve suas pensamentos atravessadas pela voz de Cecília que orientava uma turma de alunos na busca de fontes bibliográficas⁶:

– É claro que o 5º Ano já sabe, mas é sempre bom lembrar. Nesta seção da biblioteca vocês podem buscar e escolher os livros pelas cores das fitinhas. Fita preta é...

³ AMORIM, A. C. Currículo (des)figura, diagrama da linguagem. In: MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (orgs.). *Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo*. Campinas: FE/UNICAMP, 2009. p. 54-62. p. 55.

⁴ ALVES; GARCIA, op. cit., nota 2.

⁵ DELEUZE; GUATTARI, op. cit., p. 43, nota 1.

⁶ Trechos de conversações gravadas junto às turmas de 4º e 5º Ano em 18 de outubro de 2012 e reescrituradas literariamente visando apostarmos em suas potências e negociações de sentidos. Nomes fictícios.

– Eu sei – interrompeu Amir – é poesia.

– Isso mesmo Amir. Verde é...

– Alegria – disse em gracejos Ana Maria.

Nelson, que estava sentado ao lado de Ana Maria, sorriu.

– Também pode ser alegria, mas para nós a fita verde vai indicar sentimentos, emoções, amizade, tudo sobre o ser humano.

Olhares curiosos.

– Fitinha azul é sobre os animais, o personagem é um animal.

Um bocejo.

– Com fitinha vermelha são histórias divertidas e engraçadas e também as histórias só de imagens, aquelas que não têm texto, só têm as imagens.

– Eu gosto quanto tem só imagem – declarou Ana Maria.

– E a fitinha branca são os clássicos infantis e o folclore – concluiu Cecília.



Figura 13 - ...pelas cores das fitinhas...

Em seguida, apontando para a outra avenida, seguida pelos olhares curiosos das crianças, continuou:

– Nesta seção aqui não é a cor que manda não, sabem o quê que é?

Ricardo franziu a testa.

– É o número que tem escrito nela. Nesse livro aqui, ó. Observem aqui – a bibliotecária apanhou um livro para mostrar – tem uma etiqueta com um número. O número 813 é...

– Eu sei. Aventura – antecipou Elias.

– Exatamente, 813 é o número dos livros de aventura. Eles ficam todos juntos aqui. É por isso que é importante, se tirar o livro da estante, colocar em cima da mesa que depois eu guardo. Já o de terror, de suspense e mistério é 815. Ali, ó, lá, sus-pen-se, lá no canto, perto da parede. Entendeu?

– Viu, velho? Ela disse que é ali que ficam os *mais tchan*, entendeu? – sugeriu Ricardo.

– Então aqui na biblioteca tudo tem um número. Os assuntos têm um número. Só naquele cantinho é que é por cores. O resto são números. Querem ver? Léo, qual é o número do livro sobre corpo humano que você pegou ali?

– 616 – respondeu Léo.

– 616. Saúde. Os livros sobre saúde, sobre o corpo humano – Cecília concluiu.

– Tem um livro aqui sobre a água – observou Lenice.

– Sobre a água? Que número tem aí, ó? – perguntou Cecília.

– 570 – leu a menina.

– Olha lá embaixo da estante, a última debaixo: 570. Biologia – orientou a bibliotecária – Viu? Tudo é assim. Vou falar de novo: é por isso que é importante que vocês, quando tirarem um livro da estante, coloquem em cima da mesa. Ontem tinha um livro desse de biologia lá junto com os romances. Porque a pessoa pegou de um lugar e colocou no outro. Pode fazer isso?

– Não – disseram uns.

- Depois, se eu procurar aquele livro de biologia, eu vou achar no lugar certo?
- Não – responderam algumas crianças em coro.
- É por isso que quando tirar um livro da estante, o certo, pode parecer estranho, mas o certo mesmo é colocar em cima da mesa. Depois eu coloco no lugar. Tudo bem assim?
- OK! – concordou Ângela.



Figura 14 - ...os *mais tchan*...

- Vocês querem pegar os *mais tchan* ou os das fitinhas? – brincou Cecília.
- Os *mais tchan* – reinventavam todos, desse modo, a denominação da seção identificada por números: os *mais tchan*. Promovia-se coletivamente, em meio a risos e movimentos, um agenciamento político de desterritorialização e reterritorialização dos livros. Reinvençione promovida pelos gaguejos criativos de quem experimenta a língua, de quem, também, *faz gaguejar a linguagem da*

escola⁷, sujeitos menores do cotidiano escolar que abrem lugar à contra-linguagem, às *línguas e falas proscritas*⁸.

– Eu quero um de mistério – pediu Léo.

– Eu não vou pegar para vocês não. Nós vamos todos até a estante. E eu vou junto com vocês, tá bom? – Cecília desse modo dava a largada para que se iniciasse a movimentação dos alunos em meio às avenidas, em busca de títulos dos mais diversos.

A maioria dos alunos levou para as mesas um ou dois livros de aventura e de mistério, deliciando-se em folheá-los, mostrar aos colegas uma e outra ilustração, ler sozinho em silêncio, ou mesmo ler algum trecho mais interessante em voz alta.

Outros alunos, depois de conhecer a seção dos *mais tchan*, seguiram para as seções das fitinhas, escolhendo um ou outro livro entre as obras com mais ilustrações.

Alguns optaram por buscar livros informativos, revistas e enciclopédias visuais, partilhando as imagens mais chamativas com os colegas, admirando-se com o que viam e comentando a partir de seus conhecimentos prévios.

Dois outros pegaram uma caixa de gibis cada um, dispendo-as ao centro da mesa em torno da qual se sentaram para escolher uma dentre as tantas revistas em quadrinhos disponíveis. Depois, leram silenciosamente em meio a risos e sorrisos.

Fora os que preferiram se sentar para conversar, ler ou, simplesmente, observar.

Atento que estava a espreitar pela extremidade superior do livro em que se escondera, Tracart só teve tempo de mergulhar mais fundo por entre as dobras da encadernação ao sentir que o livro-casa-refeitório onde estava fora apanhado por uma mão musical (o barulho de pulseiras chacoalhava enquanto o livro era apanhado). Assim se dava, musicalmente, o movimento de desterritorialização do livro de poesias com tarja preta (fita, eu quis dizer), do

⁷ CORAZZA, S. M. O que faz gaguejar a linguagem da escola. In: *Linguagem, espaços e tempos no ensinar e aprender*: ENDIPE. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 89-103. p. 89.

⁸ *Ibid.*, p. 101.

escritor menor, médico cultural, Ricardo Azevedo, intitulado *Dezenove poemas desengonçados*.

Para onde nosso personagem Francis Tracart seria levado? Em que paragens, paisagens se reterritorializaria? Que reviravoltagens cartográficas lhe seriam possíveis?

Escondido estava.

Escondido ficou.

Já houvera escutado a história da famosa placa em conversações de Cecília com visitantes curiosos:

– O cartaz? Ganhei de uma professora. Não acho que a gente tem que exigir silêncio na biblioteca não. Em algumas atividades de leitura é preciso ter ordem, respeito ao colega. Mas silêncio? Assim, o tempo todo? Aqui não é cemitério! Logo eu que gosto de cantar? Mas coloquei aí no meio da biblioteca. Sabe como é. É colega de trabalho. Gosto dela. Não concordo não. Coloquei aí o cartaz e quando ela vem com a turma dela, ela vê que mesmo com o cartaz ali no meio eu canto *rap*, toco violão, incentivo conversas e trocas entre os alunos¹. Biblioteca é lugar de ler em silêncio “também”, *pois possibilita que o trabalho de leitura e tudo que ela implica possa acontecer*², mas é também lugar de conversar, de falar, de ler em voz alta, de cantar, de contar histórias...

Enquanto pensava no que estava escrito na placa e refletia sobre a fala de Cecília e sua sábia negociação, Tracart observou que uma turma chegava à biblioteca escolar e se dividia, acomodando-se nas praças e parques (as quatro mesas), enquanto a bibliotecária tomava a palavra e o lugar central indicando no *outdoor* (cavalete de *flip-chart*) da cidade literária um texto em letra bastão, cópia de um dos poemas do livro que trazia em mãos: *Dezenove poemas desengonçados*.

Ela disse algumas palavras com que introduziu a atividade, mostrou o livro, depois foi até o aparelho de som e colocou para tocar uma base de *rap* enquanto as crianças (já familiarizadas com aquele apreciado ritual) se animavam e se mexiam nas cadeiras, fazendo gestos de *DJs* e posturas de *MCs*, produzindo sons com a boca (*beatbox*), expressando movimentos corporais no ritmo envolvente da batida do acompanhamento.

¹ Reescritura literária elaborada a partir de conversação da bibliotecária com o pesquisador, registrada em 19 de abril de 2012. Nome fictício.

² KASTRUP, V. Sobre livros e leitura: algumas questões acerca da aprendizagem em oficinas literárias. In: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. (orgs.). *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina. 2008. p. 241-266. p. 241.

Cecília, como regente de um coral de sons e movimentos, indicando o poema *Lição do dia* apresentado no *outdoor (flip-chart)*, começou a cantar sendo acompanhada por toda a turma³.

Na verdade, por quase toda a turma.

Menos por uma menina: Lia, que permanecia calada, observando de soslaio.

Cuidar da vida
 como quem cuida
 de uma casa
 de um jardim
 de uma paisagem
 de um bicho
 de um filho
 de um corpo
 de um sonho
 de um amigo
 de um amor

Cuidar do mundo
 como quem cuida
 da própria vida⁴.

Terminou o canto do poema com a repetição do verso inicial de cada uma das duas estrofes: “Cuidar da vida. Cuidar do mundo. Cuidar da vida. Cuidar do mundo”.

E entre o cuidado de si e o cuidado do outro, a estética e a ética da existência⁵, Cecília desligou o som enquanto se amplificavam afetivamente os ruídos, os balbucios, os movimentos de cadeira, os cantos, as falas, as troças, os comentários, as palmas, as conversações, as narrativas, os cuidados de si, os cuidados do mundo, as reinvenções rítmicas, as criações estéticas, as interações éticas, as re-existências.

Em seguida, em meio às conversas livres deflagradas pelo canto do poema, Rossana, uma das alunas, pediu:

– Coloca a da vaca e do boi.

³ Trechos de conversações gravadas junto às turmas de 4º e 5º Ano em 29 de novembro de 2012 e reescrituradas literariamente visando apostar em suas potências e negociações de sentidos. Nomes fictícios.

⁴ AZEVEDO, R. *Ninguém sabe o que é um poema*. São Paulo: Ática, 2005.

⁵ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

– *A vaca e o boi?* O que vocês acham? – instigou a bibliotecária.

Diante da enorme torcida que apoiava com unanimidade aquele que parecia ser o poema predileto cantado em *rap* nas oficinas literárias promovidas pela profissional, ela passou as páginas do cavalete até chegar ao poema em questão. Apresentou-o no livro, depois caminhou em direção ao equipamento de som, colocou outra base de *rap* para tocar e tomou seu lugar, enquanto os corpos leitores inquietos em torno do movimento atrator por ela promovido cantaram a toda voz:

A vaca falou pro boi:
– Onde foi que você foi?
O boi mugiu sorridente
que estava com dor de dente.

A vaca disse: – É mentira!
(e quase perdeu a linha)
– Eu já sei que você anda
namorando com a vizinha,

aquela vaca bandida,
aquela coisa holandesa,
aquela praga horrorosa,
que se julga uma princesa!

Ouvindo aquele berreiro,
o boi saiu de fininho,
a vaca tinha ciúme,
mas o boi era solteiro...⁶

E terminaram cantando (todos, menos Lia): “Eh boi! Eh boi! Fica esperto boi!
Fica esperto boi!”

O canto compunha o corpo vivo e metamórfico da biblioteca, daquela cidade leitora, cidade literária, cidade musical, cidade cantora.

Silêncio?

Às vezes era importante.

Mas as vozes e os corpos também o são.

Corpos leitores que cantavam e tocavam nos parques e nas praças (mesas), que sonorizavam e movimentavam-se.

⁶ AZEVEDO, R. *Dezenove poemas desengonçados*. São Paulo: Ática, 1998. p. 21-22.

Movimentos de leitura, invenções e expressões, estéticas de vida no *espaçotempo* biblioteca escolar.

*O acoplamento das crianças com o livro*⁷, por sua vez, se dava em movimentos, em criações estéticas de si e do mundo, como um contato inventivo a incitar devires.

A bibliotecária leitora estabelecia-se como um ser de fronteira, de borda, entre a leitura para a turma e o texto lido, abrindo desse modo linhas de fuga e promovendo transformações⁸.

Cecília, de fato, atuava como “atratora de afetos”, agindo como uma espécie de “atrator caótico” por atrair o leitor não para si, *mas para o texto e para os devires que ele comporta*⁹. Por conduzir a *expedição a um mundo desconhecido*¹⁰, possibilitando o contato, acompanhando, arrastando consigo. Explorando a potência do momento ao instaurar redes de afetos.

*Cecília não diz: ler é bom, é preciso gostar de ler, mas expressa o bom da leitura através de semióticas diversas, a da própria linguagem literária, mas também de rosto e de voz*¹¹, de música e de imagens, de ritmo e de melodia.

Redes de afetos.

Em seguida, a bibliotecária convidou os alunos para a *Aula de leitura*, poema também da autoria de Ricardo Azevedo presente no mesmo livro *Dezenove poemas desengonçados*.

Ela apanhou um livro enorme com ilustrações de feltro, feito na biblioteca, onde constava o poema distribuído em várias páginas.

– É grandão o livro, ó! – surpreendeu-se André, arregalando os olhos e apontando com o indicador.

– E o jornal é desse tamanho, ó! – comparou Tatiana, ampliando o gesto como a desenhar um jornal aberto à sua frente.

⁷ KASTRUP, op. cit., p. 241, nota 2.

⁸ Ibid.

⁹ Ibid., p. 255.

¹⁰ Ibid., p. 256.

¹¹ Ibid., p. 257.

Cecília apresentou o texto em voz alta:

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras;

quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:

vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;

nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;

e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;

na cara do lutador,
quando está sentindo dor;

vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;

e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;

e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;

e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;

também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,

e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,

e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,

vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,

vai ler até nas estrelas
e no som do coração.

Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar¹².

Ao fim da leitura, Tatiana admirou-se com a bibliotecária:

– Ela nem lê!!

¹² AZEVEDO, op. cit., p. 41-42, nota 6.

– Eu sei quase de cor – esclareceu Cecília, falando em seguida sobre o tema do poema: a leitura em seu sentido mais amplo, não apenas das letras e das páginas, um de seus disfarces¹³, mas também da alegria no rosto de um bebê, das estrelas, das notas musicais, das pegadas dos animais, do tempo no céu, das correntes do oceano, dos movimentos do corpo, etc. Depois perguntou, enquanto repassava as páginas de seu livro artesanal:

– Quem aqui tem algum parente ou conhecido que é pescador?

Várias crianças levantaram as mãos ou disseram que sim, algumas indicando graus de parentesco, incluindo conhecidos, vizinhos e parentes nas redes de afectos que ali se constituíam.

– O pescador sabe ler *nas ondas soltas do mar se é hora de navegar*¹⁴?

– Se a onda tiver carneirinho é que tá ventando – comentou Ricardo com André.

– Carneirinho? – perguntou André franzindo a testa.

– É. Carneirinho. Espuma de onda. Se o mar tiver um monte de espuma branca lá pro fundo é que o vento tá forte.

– A gente também pode ler *na cara do lutador quando está sentindo dor*¹⁵ não é?

– Eu vi a luta do Anderson Silva! – gritou André empolgado seguido por dois outros alunos: “Eu também! Eu também!”

– Também dá pra ler *no pelo do cachorro se é melhor gritar socorro*¹⁶, não é verdade?

– Eu já vi um cachorro todo arrepiado – comentou Rossana impressionada.

– Tem cachorro que é bravo – disse Lúcia.

– E lê na cinza da fumaça o tamanho da devastação – continuou a bibliotecária.

¹³ MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 19.

¹⁴ AZEVEDO, op. cit., p. 41, nota 6.

¹⁵ Ibid., p. 41.

¹⁶ Ibid., p. 41.

– Tá pegando fogo – observou Ângela apontando para a ilustração em feltro do livro artesanal feito por Cecília.

– Lê no cheiro da comida, não é? Quando tem pizza na escola a gente sente o cheiro de longe. Até daqui da biblioteca que tem ar condicionado dá pra sentir – atentou Cecília.

– Ahã!! – concordaram lembrando o agradável cheiro de pizza.

– É o nariz que lê o cheiro – deduziu Ricardo.

– Também lê nas nuvens do céu – prosseguiu a educadora – hoje tá nublado e vocês leram o que?

– Eu trouxe sombrinha – respondeu Tatiana acompanhada de três colegas:

– Eu também.

– Eu trouxe.

– Eu também.

– Quando a nuvem está tapando a montanha do Mestre Álvaro a gente lê que vai chover – acrescentou Mila, a professora da turma.

– Dá pra ler as impressões digitais – incluiu Cecília.

– É mesmo. Na minha tem sujeira brilhando – disse Cláudio.

– Lê no som do coração – completou a bibliotecária.

– Quando crescer quero ser médico – declarou Carlos.

Logo o sinal tocou e Cecília despediu-se da turma, saindo todos em meio a movimentos singulares.

O curioso foi que o sinal tocou simultaneamente no passado virtual tornado presente nos movimentos da memória de Tracart e também no seu presente vivido, enquanto permanecia escondido em meio às dobras da encadernação do livro de Ricardo Azevedo tomado por uma menina (assim presumiu Tracart a partir do chacoalhar das pulseiras), logo após o empréstimo ter sido registrado por Clarice, estagiária de Cecília.

A menina saiu da biblioteca em meio ao som estridente.

Zunido.

Desterritórios e reterritórios

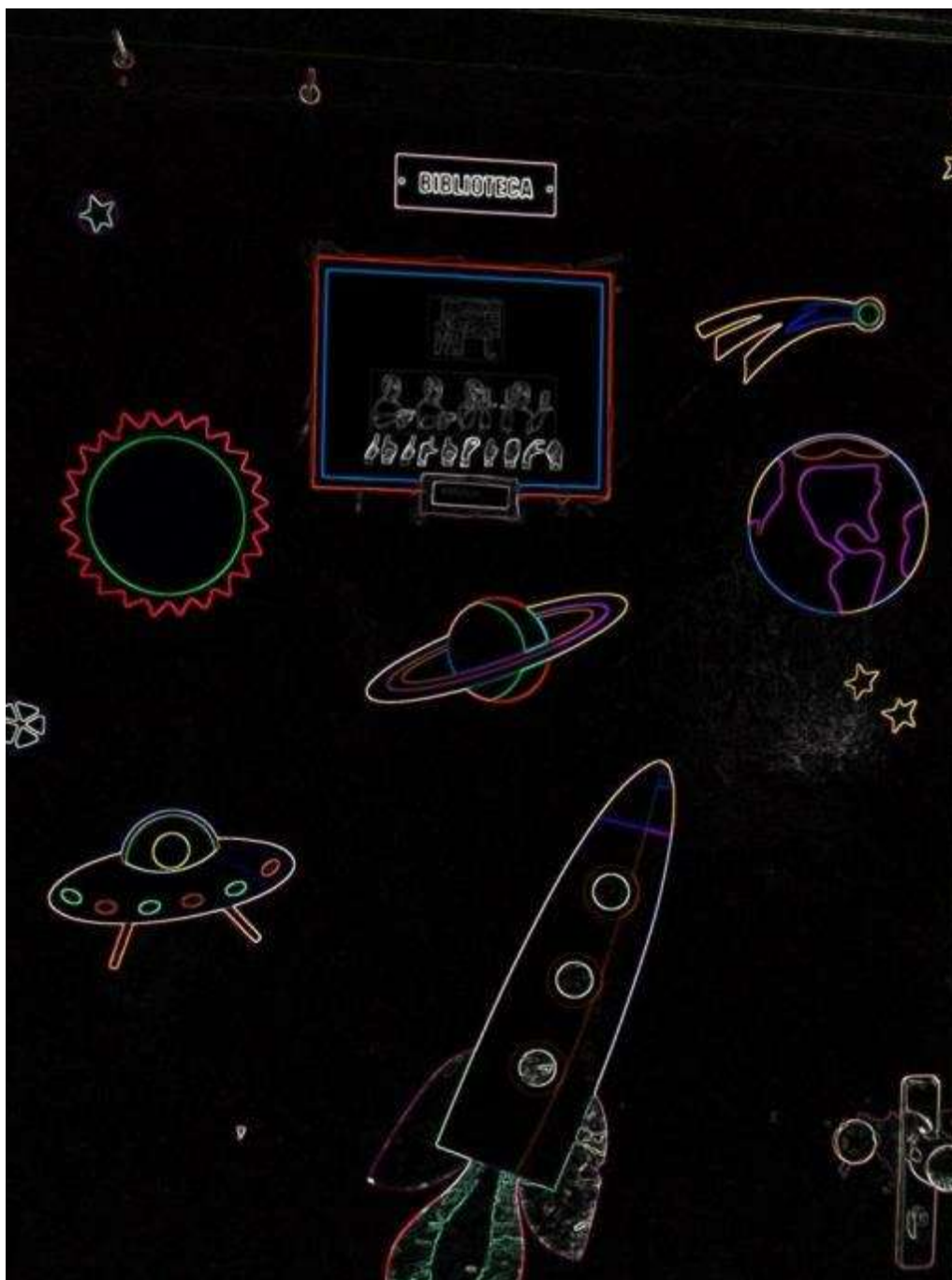


Figura 16 - O portão da megalópole.

Seu movimento lhe parecia menos oscilatório do que deveria na mochila daquela menina. Embora percebesse as curvas, Tracart não sentia trepidações, quiques, passos.

Tomou coragem.

Espreitou.

Escorregou pela capa.

Atravessou o caderno.

Subiu pelo estojo.

Esgueirou-se pela fresta do zíper.

Viu as rodas da cadeira.

Avistou as mãos da menina traçando passos giratórios.

Compreendeu.

Retornou às dobras da encadernação e, escondido, ali ficou.

Rememorou o movimento atrator caótico promovido pela leitura e pelo canto de Cecília: “Esta é a menina que naquele dia se recusara a cantar e a participar (como tradicionalmente supomos que deva ocorrer uma “participação”). Esta é Lia, a única que permanece calada, aparentemente desatenta, diante das cantorias de Cecília. Aparências! Aparências!”

Como traça, Tracart parecia conseguir se desvencilhar de algum modo de alguns juízos fundados em aparências, em conceitos prévios “pois justo ela tomara o livro emprestado”.

O engraçado é que Tracart não sabia se o que vivia de fato estava lhe ocorrendo ou se eram apenas movimentos na memória, passado irrompendo no presente, lembranças dos relatos de Cecília. Enfim, era um de seus múltiplos presentes, algo que de fato ocorreu em presentes diversos. Tanto que parecia lenda, daquelas que Cecília narrava, coisa vivida, revivida, revolvida, reinventada, revisada, revista, revirada, reviravoltada, imaginada. Imagens, movimentos re-volvidos, movimentos re-voltados.

E o mais curioso: em meio a todos os movimentos promovidos pelo atrator caótico, pela bibliotecária cantora, pela dinâmica Cecília, a menina que primeiro se permitira ir ao encontro do livro, que materialmente efetivara um acoplamento com a literatura era justamente a que parecia não se importar com os movimentos, cantos, sons, palavras, ritmos, vozes, mas que ainda

assim se permitira afetar, passar por aquela experiência de leitura, sempre em silêncio.

Um *silêncio que grita*¹.

Um *grito sem voz*².

Um *silêncio avassalador de narrativas*³.

Tracart seguiu rumo à casa de Lia.

Ao chegar, foram logo retirados da mochila e colocados sobre a mesa da cozinha: Tracart e o livro.

A traça deslizou até a borda e, ao lançar um olhar de reconhecimento por todo o ambiente, distinguiu na área, em uma estante de metal, em meio a produtos de limpeza dos mais diversos, dispostos sobre uma prateleira mais alta, uma arma letal:

– Assasszvznwjsiinjnjos!!!! – e voltou correndo para sua fresta, dobra oculta.

“Pessoas de índole assassina. Como podem deixar uma arma à vista das crianças? Corro enorme risco neste lugar”.

Ao mesmo tempo lembrava-se com remorso das vezes em que utilizara aquela terrível arma química: *SBP Multi Inseticida*. “Como pude?” E ao lembrar-se daquele cheiro sentiu náuseas.

Enquanto isso, os sons de talheres batendo em tigelas, panelas, gamelas talvez, talheres batendo em pratos e mesmo uns nos outros, tocando a mesa, pratos postos, facas levemente arrastadas, colheres revolvendo o refresco na jarra, dentes entre garfos e bocas, copos sendo servidos, louça tocando o tampo da mesa, ruídos brilhantes, transparentes, reluzentes, prateados,

¹ AMORIM, A. C. Currículo (des)figura, diagrama da linguagem. In: MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (orgs.). *Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo*. Campinas: FE/UNICAMP, 2009. p. 54-62. p. 60.

² AMORIM, A. C. Gritos sem voz. In: MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (Orgs). *Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?* Campinas: F. E. Unicamp, 2008. p. 14-22.

³ GOULART, W. In: *HISTÓRIAS*. Direção: SIQUEIRA, P. Produção: PRIETO, B. Rio de Janeiro: Ópera Prima, 2006. DVD. 60 min.

comestíveis, coloriam o ambiente alimentar: Tzmjszk, dzingkt, jdzgin, krinktzvn, ktzszninghtz, dzenkzst, ptszinksvz.

Depois de almoçar, Lia apanhou o livro, chamou Pedro, seu irmão mais novo, para o quarto, pediu que se sentasse na cama e, girando as rodas, tomou levemente a posição central do ambiente *dormitórioliterário* reterritorializado em *cidadeliterária*.

Então, reinventou os gestos e o canto de Cecília, refazendo em *rap* os passos da leitura por ela escutados com atenção na biblioteca escolar em seu silêncio musical e literário.

O menino fazia movimentos, arriscava palavras e, em pouco tempo já cantava *A vaca e o boi* em meio a outros poemas aprendidos com a irmã: *Lição do dia* também de Ricardo Azevedo, *O beco da lua* de Humberto Borém e *As três meninas* de Cecília Meireles, que Lia cantava com desenvoltura ao atuar como atrator caótico, atraindo o irmão para o texto e não para si, favorecendo o acoplamento entre o menino ainda em idade pré-escolar e o livro. Incluindo-o nas redes de afetos constituídas em meio aos movimentos de Cecília, da turma, dos poemas, da biblioteca, da escola, do entorno, da vida.

Sabendo que as palavras reduziriam ou mesmo correriam o risco de aniquilar as afecções e as percepções do que vivera nessa experiência, Tracart (como tão bem aprendera com Lia) recusou-se a proferi-las, retornando com a menina para a biblioteca, seu reterritório, após haver experienciado cantorias, leituras e movimentos.

Aprendera naquela semana (naquele dia, naquele mês, naquele ano, naquele segundo, naquela vida) a respeitar e admirar o sábio silêncio de Lia, que participava das oficinas literárias de modo singular, reinventando o próprio conceito “participação”, traçando linhas de fuga diante do proposto, do esperado, do que lhe era determinado.

No ano seguinte, Tracart presenciaria em silêncio, ou nas lembranças sonoras dos relatos de Cecília, a chegada do menino Pedro à biblioteca, cursando, então, o 1º Ano.

Um menino que logo no primeiro dia cantou em *rap* todas as poesias apresentadas por Cecília com desenvoltura e clareza.

A bibliotecária, em um primeiro momento, imaginou que ele já soubesse ler.

Logo em seguida, ela constatou que, ao cantar, o menino não lia, e sim parecia saber de cor os poemas.

Curiosa, e sob o olhar silencioso e atento de Tracart (arte de Lia) Cecília perguntou a Pedro:

– Com quem você aprendeu esses poemas?”

O aluno respondeu:

– A minha irmã, que estuda no 5º Ano, me ensinou.

– E quem é a sua irmã? – perguntou a bibliotecária.

O menino disse:

– Lia – deixando Cecília surpresa, estupefata, encantada.

Logo Lia?

Que estudava na escola desde o 2º Ano e que permanecia calada e aparentemente desinteressada diante das oficinas literárias, dos movimentos de canto e de leitura coletiva?

Que parecia recusar-se a cantar, a ler em voz alta, a falar ou mesmo a responder às questões e provocações a partir das poesias, das narrativas, das leituras?

Que mostrava com frequência uma expressão fechada quando histórias, poesias e canções eram contadas, lidas ou cantadas?

O menino contou de que modo sua irmã cantava para ele os poemas ritmados em *rap*, citando alguns outros livros lidos para ele pela menina (contados por Cecília).

“Ela, danadinha” pensou Cecília admirada “reinventava as leituras e os cantos, reinventava junto ao irmão a metodologia que eu uso. Ensinou e aprendeu do seu jeito. E memorizou tudo sem cantar. Danada mesmo”.

Na semana que se seguiu, ao receber a turma do 5º Ano, Cecília observou mais uma vez a aparente desatenção da aluna e, ao encerrar a oficina, aproximou-se dela dizendo que tinha conhecido seu irmão. E lhe agradeceu carinhosamente por ela ter lido e compartilhado tantas poesias e histórias com ele.

Lia, olhando Cecília de banda, não esboçou reações aparentes... a não ser um discreto e quase imperceptível sorriso⁴.

⁴ Trechos de relatos da bibliotecária Cecília, registrados em 21 de março de 2013 e reescriturados literariamente visando apostar em suas potências e negociações de sentidos. Nomes fictícios.

Cartografias literurbanas



Figura 17 - V de viagem.

Inviável referenciar-mos temporalmente em que tempo se passaram os fatos que agora serão narrados, bem como os até então relatados. Se antes ou depois de um dado presente, ou se num *antesdepois* no mesmo presente ou se num *antesfissuradepois*.

Não importa.

Importa (principalmente a Tracart) que ficar jogado às traças em alguns momentos também cansava. Como cansa até mesmo descansar quando a vida urge.

Tracart, então, de tanto às vezes quase até sentir saudades da cidade, do que não via em trânsito humano, do que não vivia em trânsito urbano, resolveu

brincar de passear por ruas, vielas, becos, avenidas, praças de Vitória, suas velhas conhecidas.

De incerta feita, as deambulações imóveis se deram no livro *Logradouros antigos de Vitória*¹, de Elmo Elton, uma das últimas doações recebidas por Cecília, disposta no departamento “doações a serem catalogadas”.

Sim, já havia transitado pela Rua das Flores (atual 13 de Maio), cruzado a Rua do Oriente (hoje Barão de Itapemirim), passeado pelo Campinho (Parque Moscoso), tomado bondes, revisitado a antiga arquitetura, avistado lambes, enfim, o tempo passado se fizera presente em suas leituras, em imagens moventes.

“Não. Hoje não quero presentear o passado”. Naquela noite Tracart passou direto pelo livro de Elmo Elton e chegou a um velho catálogo telefônico. Na verdade novo (vinte e quatro anos mais recente que o livro de Elton) e ao mesmo tempo velho (porque os catálogos telefônicos envelhecem rapidamente, têm vida curta os tais, feito as células epiteliais).

Esse, por exemplo, era datado de 2010, e trazia a relação de assinantes comerciais da Grande Vitória e de região vizinha².

Ótimo passeio. Brincar nas linhas de um catálogo.

Quando criança, Francis costumava passear pelos nomes e pelas ruas do catálogo telefônico de sua cidade. Naquele tempo, os nomes completos das pessoas figuravam ao lado de seus endereços: esse é pai de fulano, esse aqui é aquele senhor que todas as tardes senta-se no banco da praça, esse é o meu professor de educação física. Lembrou-se mesmo de alguns nomes de antanho.

Mas agora o tempo era outro, apesar de cada dia ser sempre hoje, um hoje difuso em seus incontáveis presentes.

Lembrou-se: as cidades são outras também, embora ainda sejam as mesmas.

E, de tanto lembrar-se, lembrou-se de entrar no catálogo pela letra *V de Viagem*³, como convém ao movimento nômade que se dispusera a fazer desde

¹ ELTON, E. *Logradouros antigos de Vitória*. Vitória: IJSN, 1986.

² *GRANDE VITÓRIA e região 2010: assinantes comerciais - classificada*. ano 13. ed. 10. Vitória: Publicar Editel, 2010.

as suas leituras mais remotas (*O louco* de Maurício de Souza? *Alice* de Carroll? *Reinações* de Lobato? Rosa? Lispector? Uma vida...).

E na página 360 encontrou a seção “Verduras e legumes”. Por mais que não sentisse tanta vontade de comer frutas e legumes, lembrou-se das cores, das texturas, dos cheiros e dos sabores das bancadas de frutas das feiras livres, dos sacolões, dos quilos, dos hortifrúti, e se imaginou passeando pelos relevos de um desses oceanos de vida colorida, cheirosa, apetitosa.

Enquanto imaginava, comeu distraidamente a palavra Hortifruti e, curiosamente, sentiu gosto de terra.

“Esse papel deve estar estragado. Se bem que... não parece tão ruim”.



Figura 18 – Desterritorializações e reterritorializações.

³ DELEUZE, G. V de Viagem. In: *O abecedário de Gilles Deleuze: Entrevista a Claire Parnet*, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 37.

Mergulhou no túnel que abrira na terra-papel e percebeu-se não mais no livro (catálogo), mas em meio a um solo úmido.

E quando emergiu novamente: “Ufa!!” viu-se na mesma página 360 de um catálogo.

“Que foi isso? O que colocaram nesse papel?”

Deslizou até a margem da página e... não estava mais na biblioteca seu quase re-território, mas sim em um oásis de frutas, desterritorializado, reterritorializado, tão perto da terra, dos frutos da terra, dos frutos desterrados, desterritorializados, reterritorializados.

Estava, sim, no Hortifruti. Havia feito uma viagem no *espaçotempo* por meio de um portal de palavras. “Isso mesmo” – concluiu.

Podia passear por diferentes *espaçotempos* da cidade por meio das letras.

Cartografar literalmente e literariamente a urbanidade.

Transitar pelo subterrâneo das entrelinhas.

Afinal, a leitura segue o movimento do texto, a partir do qual ocorre o encontro com o inesperado, o estranho, a surpresa e todas as demais figuras da invenção de problemas⁴.

Podia subversar, subverter.

“Fora eu um sabiá e devoraria todas as frutas que vejo a minha frente. Mas estou traça”.

Restava-lhe passear pelas texturas.

Desceu da mesa da atendente (telefonista talvez), cruzou a avenida principal, subiu em uma comprida bancada e seguiu, provando uma e outra reserva vegetal de amido, sentindo os cheiros, escorregando pelas estrias e rugosidades, pelos campos lisos e deslizantes, cuidando para que nenhuma lagartixa ligeira o transformasse em jantar: “triste fim seria o meu. Melhor nem pensar nessa possibilidade, mas permanecer com as antenas ligadas”.

⁴ KASTRUP, V. Cartografias literárias. In: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. (orgs.). *Políticas da cognição*. Porto Alegre: Sulina. 2008. p. 267-295. p. 269.

Passeou suas perninhas, antenas e filamentos, sentindo cada movimento, cada sensação, cada percepção, lendo cada texto, cada textura, cada fissura.

Claro, as práticas de leitura são práticas de si.

Éticas, por resultarem de escolhas do sujeito na invenção de si, na estética de si, no movimento de fazer de sua vida uma obra de arte.

Perfumes, texturas, sabores, cores, frutas, Arcimboldo.

Uma obra a cada passo, a cada fruta, a cada bancada.

Uma paisagem a cada *deslucamento*.

Uma nova arte a cada movimento do pensamento.

“Eu me reinvento”, prosseguiu. “*Cuidar de si*”⁵ refletiu profundamente Francis “*Cuidar de si implica que se converta o olhar, que se o conduza do exterior para... eu ia dizer “o interior”*”⁶ indecidiu-se “não importa, deixemos de lado essa palavra (que, como sabemos, traz muitos problemas) e digamos simplesmente que é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”⁷” atentou às suas *pensamovimentações* e concluiu: “O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento”⁸, um pensamento que se apresente como problema, como multiplicidade dispersa, onde a pergunta não cessa de se mover e as respostas se transformam, incessantemente, em novas perguntas”⁹.

Os pensamentos de Francis, o Tracart, atentos a si, ao mundo, à vida, não eram senão vida em movimento, em ação. E talvez ele não estivesse senão na leitura do catálogo telefônico, ou na leitura da *Metamorfose* de Kafka “quicá!!” esperançou Francis.

Talvez permanecesse imóvel.

⁵ FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*: curso dado no Collège de France (1981-1982). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 12.

⁶ Ibid., p. 12.

⁷ Ibid., p. 12.

⁸ Ibid., p. 12.

⁹ BARROS. M. E. B de. Procurando outros paradigmas para a educação. *Educação e sociedade*, ano XXI, n. 72, p. 32-42, ago. 2000. p. 33.

Nômade e imóvel, pois *ao pé da letra, os nômades ficam imóveis [...] nada é mais imóvel e viaja menos do que um nômade. Eles são nômades porque não querem partir*¹⁰.

E lá estava Francis, um nômade imóvel na primeira palavra que pronunciara E deglutira E experimentara E saboreara E gritara.

Francis que *não quer sair*¹¹, que se apegava à palavra como o nômade à terra, e que, no entanto, vaga em sua imobilidade.

Imóvel em seus movimentos de pensamento estava.

Imóvel ficou.

Até detectar, em meio aos tantos estímulos que atravessavam seu campo de visão noturna, uma seção com enormes potes transparentes repletos de biscoitos.

“Biscoito de polvilho!!!” lembrou-se Francis “meus preferidos do lanche que compartilhamos todas as semanas nas reuniões com o nosso orientador!!!” sentindo o sabor da saudade dos encontros do grupo de pesquisa, das discussões, cafés, leituras, biscoitos, trocas, patês, grifos, reinvenções, balas, conceituações, torradas, afecções, livros, percepções, mais livros, amizades, mais livros, signos e signos.

“Estou traça, sei, mas ainda assim pertenço ao grupo, nele estou desde antes de estar traça. E o grupo devém em mim em meio a essa longa viagem”.

Movimentou seu pensamento (consideração desnecessária, pois estava sempre em movimento). Em outras palavras: *pensamentagiu*: “se vim pelo catálogo, posso ir pelo catálogo”.

Fez o caminho de volta à mesa do telefone, subiu por uma de suas pernas (da mesa) e, lembrando-se do seu grupo de pesquisa, entrou categoricamente no livro pela letra *F de Fidelidade*¹². E na página 161, na seção “Faculdades e universidades” devorou prontamente as palavras Universidade Federal do Espírito Santo, perfurando os sistemas de domínio na fissura existente *entre o*

¹⁰ DELEUZE, op. cit., p. 37. Nota 3.

¹¹ Ibid., p. 37.

¹² DELEUZE, G. F de Fidelidade. In: *O abecedário de Gilles Deleuze*: Entrevista a Claire Parnet, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 12.

*poder que estrutura uma língua e o uso que cotidianamente se faz dela*¹³, cartografando *as linhas de um dispositivo, entrando nelas (nas linhas)*¹⁴ e deixando-se por elas atravessar, mergulhando no sabor de terra-papel, de terra-livro, adentrando o âmago do pensamento, fertilidade-devir.

¹³ CARVALHO, J. M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis: DP et ali; Brasília: CNPq, 2009. p. 173.

¹⁴ *Ibid.*, p. 196.

Re-encontrar para re-existir

Subiu pelo túnel escavado na massa com gosto de terra e amido e saiu na mesma página 161 de outro catálogo.

Não sentindo os cheiros de frutas, suspeitou-se não no Hortifruti.

Escorregou para a extremidade das folhas e viu-se reterritorializado em terreno quase tão seu: a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Sabia-se, enfim, na mesa de Humberto, aquele servidor invariavelmente em sorriso singular. “Posso me esconder em meio às frestas das junções da mesa” onde ficou por toda a noite.

No dia seguinte, não coincidentemente uma sexta-feira (nós autores optamos pelos dias que mais nos convêm), esperou por toda a manhã até que, logo após o horário de almoço dos humanos, escutou uma voz forte e conhecida se aproximar.

Era o Professor Guimarães com suas tantas sacolas, mochilas e pastas com livros e papéis (verdadeiro banquete). Tantas bolsas e pastas que precisou estacioná-las sobre a mesa, como de praxe.

Era o que Tracart esperava. Logo, enredava-se uma prosa descontraída entre professores e servidores em meio a ideias, lembretes, recados, risos, assinaturas, troças, memórias, pois *ser amigo é ver a pessoa e pensar “o que vai nos fazer rir hoje?”*. “O que vai nos fazer rir no meio de todas essas *catástrofes?*”¹⁵

Nesse ínterim, Francis subiu pela bolsa preta com estampas de livros, repleta de grandes obras por fora e por dentro. Nela entrou e depois se ocultou entre as páginas de um dos volumes.

Depois esperou, em imóvel movimento, a viagem de re-torno ao lugar de onde não havia saído, todavia. O re-encontro com quem não houvera deixado de estar, de se fazer presente em seus presentes. O re-existir, que em seu movimento ontológico se processara a cada pensamento. Re-existir uma vida. Re-existir em devires.

¹⁵ DELEUZE, G. F de Fidelidade. In: *O abecedário de Gilles Deleuze*: Entrevista a Claire Parnet, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 13.

A bolsa foi tomada aos trancos, enquanto aos movimentos revelavam-se novas vozes. Os colegas, aos poucos se faziam presentes na paisagem sonora em meio a silvos, narrativas, cadeiras arrastadas, *vibracalls*, gargalhadas, espirros, conversações, o motor do ar condicionado, leituras, a porta a abrir, a ranger, a fechar, as páginas passadas, presentes, futuras...

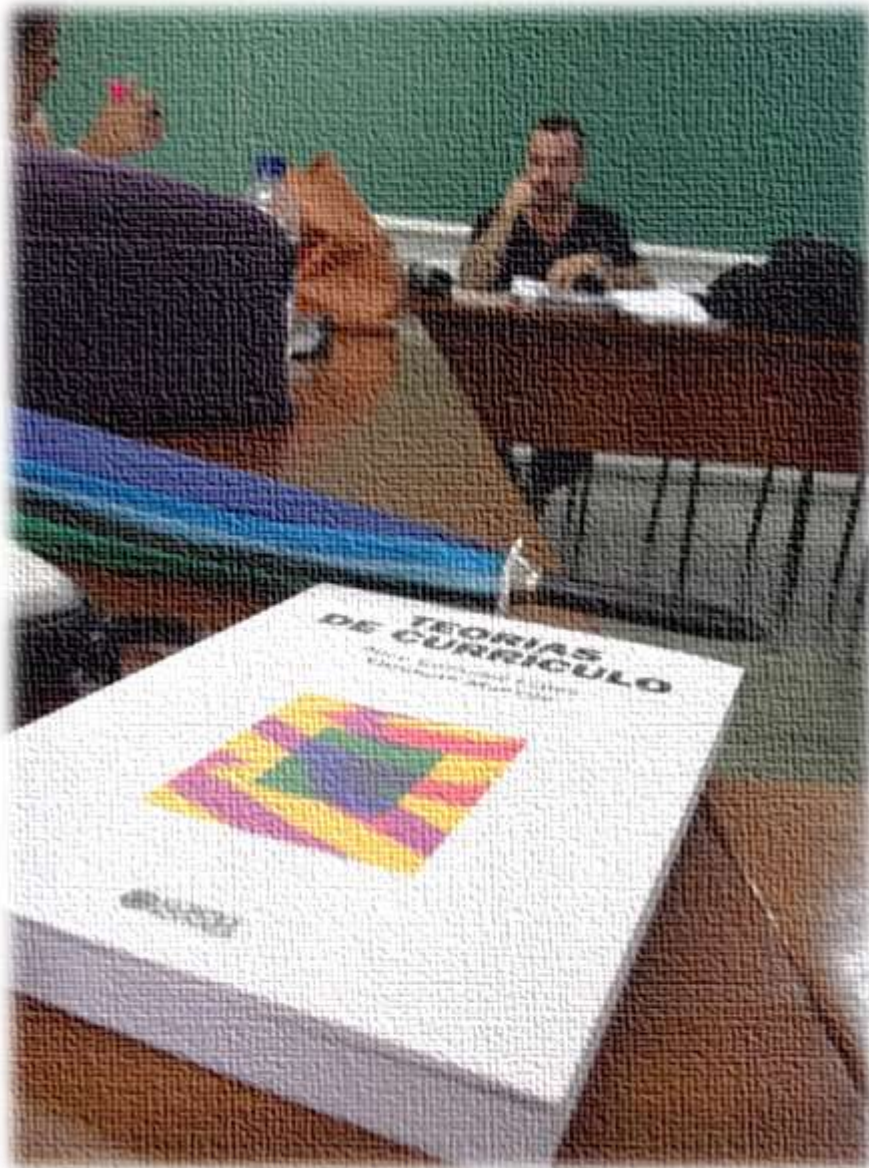


Figura 19 - Encontros... Currículos...

Em meio às pessoas, às leituras e aos comentários, em dado momento destacava-se a necessidade premente, de um lado de superarmos a *dicotomia hierarquizante fundamentada na redução do real a modelos de práticas e de*

*comportamentos monolíticos*¹⁶ e de outro de entendermos a *impossibilidade de se avaliarem as práticas curriculares através de mecanismos que essencializam, colocando-os em lados opostos, sem considerar as misturas que fazemos entre normas, circunstâncias, características dos grupos e outras*¹⁷. Em outro momento ressaltava-se a importância urgente de que alguém fosse passar o café. Sabores e saberes. Encontros. Currículos.

Currículos constituindo-se no jogo de forças estabelecido no cotidiano entre prescrições e práticas, em meio a relações de poder concomitantemente instáveis, locais e difusas, presentes nesse jogo de forças. Relações que não provêm de um ponto único ou central, *mas vão a cada instante “de um ponto a outro” no interior de um campo de força, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direção, resistência*¹⁸.

A cada colega que chegava: sorrisos, abraços, saudações discretas ou não. As cadeiras se moviam para que o círculo se fizesse mais coeso, mais amplo, mais pleno, mais aberto, mais complexo em redes de afetos que extrapolam o imaginável. Redes inefáveis, porque ao mesmo tempo fugidias e indelévels.

Currículos permeando-se aos enredamentos das comunidades de afetos¹⁹, lembranças, reinvenções, imagens, narrativas que subvertem as estratégias de poder. *Currículos que não se deixam aprisionar todo o tempo por identidades culturais ou políticas, originais ou fixas*²⁰.

Reinvenções diante de ambiguidades.

Mais risos.

Balas circulam em um saco transparente.

Uma cadeira é arrastada.

Passos em direção à mesa de lanches.

¹⁶ OLIVEIRA, I. B. *Currículos praticados: entre a regulação e a emancipação*. Rio de Janeiro: DP et ali, 2005. p. 104.

¹⁷ Ibid., p. 104-105.

¹⁸ AMORIM, A. C. R. de. Nos limiões de pensar o mundo como representação. In: *Pro-Posições*. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação – Unicamp. v. 17, n. 1 (49), p. 177-194. jan/abr 2006. p. 183.

¹⁹ CARVALHO, J. M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis: DP et ali; Brasília: CNPq, 2009.

²⁰ FERRAÇO, C. E. As práticasteóricas de professoras e professores das escolas públicas ou sobre imagens em pesquisas com o cotidiano escolar. *Currículo sem fronteiras*, vol. 7. n. 2. p. 78-92. jul./dez. 2007. p. 90.

O copinho plástico grita ao ser desacoplado da pilha de copinhos de café.

A garrafa de café é aberta e inclinada.

Café servido. Levado à mesa. Fumaça. Perfume.

Tracart ensaia sair do terceiro livro de uma das quatro pilhas de obras dispostas na mesa do orientador.



Figura 20 - Torre de papel...

Comentários seguidos de mais risadas.

Uma anedota ameaça a cientificidade do discurso oficial.

Potências de gargalhadas se fazem ouvir.

Prazer.

Currículos que ameaçam, em alguns momentos, o discurso oficial de uma proposta única e coerente para todo o sistema. Currículos que, em suas práticas, abrem brechas que desafiam o instituído²¹. A construção de redes comuns, baseadas no intercâmbio de conhecimentos e informações, na invenção de linguagens a potência de afetos são táticas que perfuram os sistemas de domínio²².

As falas se alternam.

Em meio aos movimentos de pensamento em silêncio gritante, Professor Guimarães destacou:

– É preciso lembrar que em nossa pesquisa assumimos os sujeitos cotidianos como protagonistas-coletivos *de políticas de currículo inventivas e alternativas às propostas oficiais²³*, sujeitos que *com seus variados modos de usar os textos prescritivos curriculares governamentais, [...] produzem práticas estéticas, isto é, são também autores de discursos sobre currículo²⁴*. É importante entendermos os sujeitos cotidianos como autores que, fazendo uso de outras possibilidades estéticas que não apenas a escrita, exercem, praticam e reinventam a cada instante o movimento de criações estéticas²⁵.

Relatos. Observações. Comentários. Questões.

Pés arrastando no chão.

Uma tosse.

A cadeira que insistia em ranger.

²¹ Ibid., p. 90.

²² CARVALHO, op. cit. p. 171, nota 17.

²³ FERRAÇO, C. E. Apresentação: Currículo e imagem e narrativa e rede e experiência e diferença e/ou, sobre conversas, encontros e devires. In: FERRAÇO, C. E. (org.). *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011. p. 11-16. p. 12.

²⁴ FERRAÇO, C. E. Currículos em realização com os cotidianos escolares: fragmentos de *narrativas e imagens* tecidas em redes pelos sujeitos praticantes. In: FERRAÇO, C. E. (org.). *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011. p. 17-50. p. 25.

²⁵ FERRAÇO, C. E. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, Regina Leite (org.). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 157-175.

Um comentário ao pé do ouvido.

*Há perda de contato, perda de significado cujos efeitos são sentidos pela montagem e por uma narratividade sem limites, com imagens justapostas, que multiplicam e as dispersam*²⁶.

Um silêncio momentâneo em meio ao mais estrondoso grito sem voz: a paisagem sonora que ousa não quase calar. *Os encontros possíveis estão no intervalo entre imagens, no vazio e no silêncio*²⁷.

E o professor prosseguiu:

– Por isso as *imagensnarrativas* dos sujeitos cotidianos da pesquisa são discursos tão *necessários, legítimos e importantes*²⁸ como os discursos dos *autores/autoras* acadêmicos, os intercessores teóricos. Também devem ser tomados como nossos intercessores *aqueles que vivem, convivem, inventam, usam, praticam, habitam, ocupam nesses cotidianos*²⁹. É importante termos sempre em mente *os pensamentos e palavras que transbordam pelas paredes e corredores das escolas e que nem sempre são ditos*³⁰. Além disso, faremos o possível para assumir os *nossos limites, amarras e impossibilidades não como problemas, mas como condições necessárias aos estudos “com” os cotidianos [reconhecendo] nossos textos em sua permanente condição de “discursos inacabados*³¹. Daí a *aposta* do grupo-orientador em praticar a *despersonificação* do conhecimento, da experiência, dos *saberesfazer*es cotidianos.

O cheiro de café se espalhava pela sala.

A garrafa, enfim, assumia sua impossibilidade de reter a totalidade da expressão resultante da semente árabe torrada, moída, passada em água fervente e coada: ritual de aromatização da leitura.

“Gosto muito de café” declarou para si mesmo Francis “mas prefiro livros, encadernações, cola, goma, milho, batata, arroz, aveia, trigo, inhame,

²⁶ AMORIM, A. C. Gritos sem voz. In: MACEDO, E.; MACEDO, R. S.; AMORIM, A. C. (Orgs). *Como nossas pesquisas concebem a prática e com ela dialogam?* Campinas: F. E. Unicamp, 2008. p. 14-22. p. 19.

²⁷ Ibid., p. 19. (grifos do autor).

²⁸ FERRAÇO, op. cit., p. 168, nota 23.

²⁹ Ibid., p. 168.

³⁰ Ibid., p. 172.

³¹ Ibid., p. 172.

mandioca, farinha, pão, biscoito, polvilho... Isso!!! Talvez alguém tenha trazido um delicioso biscoito de polvilho”.

Tracart mirou a mesa e distinguiu rapidamente o que tanto buscava. Despenharia doravante imenso esforço no sentido de vencer a longa distância que separava a mesa central de estudos do altar onde eram depositadas as oferendas à deidade leitura e ao honorável saber: a mesa de lanches.

Desceu pelo pé da mesa, correu com sua rapidez de traça para o rodapé, esgueirou-se até o marco da porta, subiu, cruzou o topo do portal, desceu pelo outro lado, prosseguiu beirando o rodapé até chegar ao pé do altar: a mesa de lanches.

Logo ali, pelo chão, encontrou alguns farelos do que tanto queria: biscoito de polvilho. “Não há nada de mal em comer do chão quando se está traça” Tracart fazia questão de lembrar, quase que ao rasurar provisoriamente de seu *superego* as tão repetidas palavras de sua mãe.



Figura 21 - Do chão...

À sua frente, farelos em quantidade suficiente para saciar sua fome e alimentá-lo por um longo tempo. E por um longo tempo Tracart ficou por ali: roendo, provando, triturando, matando saudade daquele sabor, daquele cheiro, dos sons daquela mastigação polvilhica.

E o tempo passou daquele jeito, como passa para as traças: dias, meses, segundos, séculos, Aion, não sei.

Só sei que foi só quando todos começaram a se levantar e se despedir que Francis se deu conta de que a reunião havia chegado ao fim. Correu e ocultou-se em uma fresta da parede, esperando que as luzes se apagassem e Humberto trancasse o portão externo do prédio.

Tracart pensou nos amigos ausentes, não obstante presentes, nas tantas redes entretecidas e refletiu consigo mesmo: “De fato, *intensificando nossas redes de amizade podemos (re)inventar o político*³²”.

Naquela mesma noite, Francis buscou a letra *E de Enface (Infância)*³³ no catálogo telefônico da secretaria do Programa, entrou na página 151 e na seção “Escolas públicas” devorou o nome completo da Escola Municipal de Ensino Fundamental *Miguilim*³⁴.

Mais uma vez o gosto de terra com papel.

Mais uma vez emergiu das palavras e entrelinhas.

Mais uma vez se viu presente na biblioteca escolar: *território-desterritório-reterritório* de Tracart.

³² BARROS, M. E. B. de. Prefácio. In: FERRAÇO, C. E. (org.). *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovellet, 2011. p. 7-10. p. 10.

³³ DELEUZE, G. E de *Enfance (Infância)*. In: *O abecedário de Gilles Deleuze: Entrevista a Claire Parnet*, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 9.

³⁴ Alusão ao personagem Miguilim de ROSA, J. G. *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

A Biblioteca da Escola Miguilim.



Figura 22 – Ecos em alta madrugada.

*E de Enfance*¹. A infância presente em ecos, em balbucios, no silêncio da biblioteca, que na alta madrugada berrava.

Sem vozes, as palavras gritavam.

Muitas palavras, sons, música, vazio, oco, ecos.

Conversações se faziam ouvir. Fantasmagoricamente vivas.

Francis olhou em seu redor. Ninguém, de fato.

¹ DELEUZE, G. *E de Enfance* (Infância). In: *O abecedário de Gilles Deleuze: Entrevista a Claire Parnet*, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 9.

Talvez a tarde vivida junto ao grupo de pesquisa fosse razão do contraste intenso e árido, sentido diante da solidão acompanhada de milhões de palavras a gritar naquele espaço livresco.

Ao mesmo tempo, a companhia de tantos autores, de tantas vozes, de presentes politemporais a jorrar lembranças, de vida irrompendo em imagens estampadas no vasto campo estético cuidadosamente elaborado por Cecília.

Sim, o cuidado estético de fazer do *espaçotempo* biblioteca escolar uma obra de arte era arte e manha de Cecília. Estética da existência. Cuidar de si para cuidar do outro. Estética e ética presentes nas tecnologias de si ali praticadas.

– Dizem que toda biblioteca por onde Cecília passa parece ganhar vida – comentou certo dia Clarice.



Figura 23 - Severino Quebra-Galho.

Na biblioteca de Cecília até os objetos ganham nome, como o carrinho de repor livros batizado com o nome de “Severino quebra-galho” que se autoapresenta assim: “Olá!! Eu sou o “Severino Quebra-Galho”. Moro na Biblioteca, trabalho com a Cecília, a bibliotecária [...]”.

Imagens das mais diversas constituíam o espaço singular alternando-se nas portas e nas laterais dos armários de aço em cor fria.



Figura 24 - Seres-imagens moventes.

Recortes de revistas, encartes, desenhos de alunos, obras de ilustradores e artistas, mosaicos, origamis, dobraduras, recortes, montagens, encaixes, colagens, bricolagens, *patchworks*, peças de artesanato, seres-imagens moventes a povoar o ambiente.



Figura 25 – Dobraduras, cores...

Volta e meia Cecília contava a história da licença que tirou. Quando voltou, a pior das surpresas, todas as figuras, imagens e reinvenções artísticas tinham

sido jogadas fora pela sua substituta². Um reinício. Novas figuras, novas imagens, novas colagens, dobraduras, desenhos, ilustrações, cores. A biblioteca renova-se a cada dia em meio a sons, histórias, músicas, vozes.

Sobre a mesa, via-se naquela madrugada um desenho de Cecília feito por Cláudio, um dos alunos.



Figura 26 - Cecília sob o ponto de vista de Cláudio.

Ao lado do desenho, uma pilha de diretrizes e documentos sobre biblioteca escolar. Documentos curriculares.

Tracart, enquanto deslizava por entre as folhas dos documentos, lendo rapidamente seu conteúdo, lembrava-se da conversa sobre o tema que presenciara tempos antes, ali mesmo na biblioteca escolar, entre Cecília e

² Reescritura literária elaborada a partir de conversação da bibliotecária com o pesquisador, registrada em 19 de abril de 2012. Nome fictício.

Vinícius (o então Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares da Prefeitura Municipal de Vitória)³.

Na conversação de Tracart com os documentos e com as suas lembranças, Cecília parecia dizer:

– Vinícius, *a biblioteca escolar é essencial a qualquer tipo de estratégia de longo prazo no que respeita a competências à leitura e escrita, à educação e à informação e ao desenvolvimento econômico, social e cultural*⁴, os alunos são o nosso público-alvo e podem usar a biblioteca escolar para os mais diversos fins como um *espaçotempo de aprendizagem aberto, gratuito, livre e não ameaçador, onde podem desenvolver trabalhos de todos os tipos, individualmente ou em grupo*⁵.

Vinícius acrescentou:

– O curioso, Cecília, é que as *Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de Vitória*⁶ em nenhum momento identificam pistas que ajudem na concepção de biblioteca ou do bibliotecário como parte do contexto escolar.

Francis, falando com seus botões, participava daquela conversação imaginária com base em suas leituras pregressas dos *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa*: “verdade. Embora, como vocês bem devem saber, na seção *Os recursos didáticos e sua utilização dos PCNs de Língua Portuguesa*, a biblioteca escolar e a biblioteca de classe sejam consideradas *recursos pedagógicos para o trabalho pedagógico na área de Língua Portuguesa*⁷. Em meio aos *valores, normas e atitudes* a serem desenvolvidos nos alunos a partir dos *conteúdos gerais do primeiro ciclo* do Ensino Fundamental, são relacionados no documento o *interesse em tomar emprestados livros do acervo da classe e da biblioteca escolar*⁸ e o *cuidado com os livros e demais materiais*

³ Reescritura literária elaborada a partir de conversação entre a bibliotecária da escola e o então Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares da Prefeitura de Vitória registrada em 13 de dezembro de 2012. Nomes fictícios.

⁴ IFLA. *Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar*. São Paulo: IFLA, 2000.

⁵ IFLA. *Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar*. São Paulo: IFLA, 2006.

⁶ VITÓRIA. Secretaria Municipal de Educação. *Sistema Municipal de Ensino de Vitória: Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental*. Vitória: PMV, 2004.

⁷ BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. 1ª a 4ª série. MEC, 1997. p. 61.

⁸ *Ibid.*, p. 71.

*escritos*⁹. Quanto às *práticas de leitura*, propostas na seção *Linguagem escrita: usos e formas*, destaca-se o uso de acervos e bibliotecas para que, com ajuda do educador o aluno possa buscar informações e consultar fontes de diferentes tipos, manusear e ler livros na biblioteca escolar, tomar por empréstimo materiais para leitura em casa e socializar nesse espaço suas *experiências de leitura*¹⁰.

Tracart terminou seu turno de fala.

Esperou pela continuidade da conversação.

Não houve continuidade.

Constatou-se, mais uma vez, sozinho em meio à imensidão de palavras, de textos, de vozes, de gritos.

– Ei! – gritou também.

– Tem alguém aí? – perguntou em zúpidos de traça.

– Alguém aí? ...guém aí? ...em aí? ...aí? ...í? – responderam-lhe seus ecos.

Num oco de vozes ausentes que se seguia aos ecos, um silêncio avassalador de poesia se fez ouvir:

E agora, Tracart?

A luz apagou.

O povo sumiu.

*A noite esfriou*¹¹.

Vinícius não há.

Cecília não há.

Crianças não há.

Não há Guimarães.

Que é de conversa?

⁹ Ibid., p. 72.

¹⁰ Ibid., p. 74.

¹¹ ANDRADE, C. D. José. In: ANDRADE, C. D. *José & Outros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.

Que é de pessoas?

Que é de infância?

E agora?

Leituras entre “L”s, eles e elas



Figura 27 – A leitura de uma história sobre leitura.

No dia seguinte, a turma de 5º Ano entrou na biblioteca sob o olhar atento e discreto de Tracart.

Enfim, *E de Enfance*.

Mais uma oficina de leitura.

Cecília com um livro na mão.

No *outdoor* (cavalete de *flipchart*) as ilustrações do livro ampliadas para que todos, mesmo à distância, pudessem acompanhar suas imagens.

Nas praças e parques (mesas) os alunos: olhares e ouvidos atentos, comentários, conversas, gritos silenciosos.

Entre as casas e lanchonetes dos enormes edifícios (livros nas estantes), uma traça.

O livro? *O menino que aprendeu a ver*¹², de Ruth Rocha, que conta a história de João, um menino que não compreendia os “sinais” que via nas placas e letreiros da cidade, até que foi à escola pela primeira vez e aprendeu o “A”. Ao sair reparou que “magicamente” o “A” apareceu nas placas, letreiros e cartazes. A partir de então, a “mágica” aconteceu todos os dias, até que um dia ele aprendeu a “ver” que estava aprendendo a “ler”.

Depois da leitura, Cecília lançou uma proposta.

– Essa história é sobre leitura, não é gente? Então vamos aproveitar para falar de leitura. Eu preparei algumas perguntas para fazer a vocês. Vamos fazer assim: eu faço uma pergunta e vocês respondem, um de cada vez, para que eu possa anotar aqui¹³.

Mostrou sua prancheta com uma pilha de folhas para fazer as suas anotações e prosseguiu:

– A primeira pergunta é: Para que servem as palavras?

Respostas pululavam em meio a risos, olhares, afecções, atenções, amizades:

– “Pra ler”, “pra assumir”, “pra escrever”, “pra repetir”, “pra mandar carta”, “pra falar”, “serve pra entender o que outra pessoa fala”, “pra fazer história em quadrinhos, que só o desenho não resolve”, “pra se comunicar”, “pra cantar”, “pra escrever histórias”, “interpretar o texto”, “pra ler plaquinha”, “escrever poemas”, “digitar no computador”, “pra conversar pelo computador”, “pra aprender a ler”, “para ficar melhor no português”, “pra aprender coisas novas”, “pra aprender outras línguas”, “pra escrever o nosso nome”. “pra explodir em pedaços, decompor-se *em sílabas, letras, sobretudo consoantes que agem diretamente sobre o corpo, penetrando-o e mortificando-o*¹⁴”.

– Ótimo – disse Cecília – nossa lista ficou bem grande. Agora eu quero saber de cada um: o que você gosta de ler?

¹² ROCHA, R. *O menino que aprendeu a ver*. II: E. Teixeira. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

¹³ Trechos da oficina literária que realizamos em 10 de maio de 2013 a partir da leitura de Cecília. Reescritura literária feita a partir das gravações visando apostarmos nas potências e negociações de sentidos das falas dos sujeitos. Nomes fictícios.

¹⁴ DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 90.

As respostas foram dadas quase que ao mesmo tempo. Não foi fácil distinguir as palavras em meio à orquestra polifônica, algo mais ou menos assim:



Em uma pretensa ordenação poderia ficar assim:

- “livro”, “história”, “história em quadrinhos”, “gibi”, “jornal”, “revistinha”, “revista”, “em uma produção contemporânea é muito difícil ter gosto¹⁵”.
- Legal – prosseguiu a bibliotecária – então me digam de que histórias em quadrinhos vocês gostam?
- “Turma da Mônica”, “gosto do Cebolinha”, “Magali”, “Chico Bento”, “Cascão”.
- Estou anotando. Agora quem falou de histórias de livros vai dizer o nome do livro ou da história:
- “A sopa supimpa¹⁶”, “O beco da lua¹⁷”, “A vaca e o boi¹⁸”, “Trava-língua, quebra-queixo¹⁹”, “Dona Vassoura²⁰”, “Dona Mandona²¹”, “Uma palavra só²²”, “O [fantástico] mistério de Feiurinha²³”, “Chapeuzinho Vermelho²⁴”, “Até as princesas soltam pum²⁵”, “João Esperto leva o presente certo²⁶”, “A torre mal assombrada²⁷”.

¹⁵ DELEUZE, G. L. de Literatura. In: *O abecedário de Gilles Deleuze: Entrevista a Claire Parnet*, em 1988. Transcrição e Trad. SOUZA, T. T. p. 23.

¹⁶ MARQUES, E.; SZTOK, F.; PITTIER, M. *A sopa supimpa*. II: Suppa. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

¹⁷ BOREM, H. *Beco da lua*. Belo Horizonte: Compor, 1998.

¹⁸ AZEVEDO, R. *Dezenove poemas desengonçados*. São Paulo: Ática, 1998. p. 21-22.

¹⁹ CORREIA, A. *Trava-língua, quebra-queixo, rema-rema, remelexo*. II: C. Ramos. São Paulo: Cortez, 2008.

²⁰ PAIVA, G. *Dona Vassoura*. II: M. Haddad. Belo Horizonte: Lê, 2011

²¹ HARGREAVES, R. *Dona Mandona*. São Paulo: Brinque Book, 1996.

²² LAGO, Â. *Uma palavra só*. São Paulo: Moderna, 2002.

²³ BANDEIRA, P. *O fantástico mistério de Feiurinha*. II: A. Guedes. São Paulo: Moderna, 2009.

²⁴ Charles Perrault ou Irmãos Grimm.

²⁵ BRENNAN, I. *Até as princesas soltam pum*. II: I. Zilberman. São Paulo: Brinque Book, 2008.

- Olhem que lista grande. Tem livro aí que eu ainda não li, depois vocês vão me mostrar para eu poder ler também. Agora quem falou que gosta de ler jornal me diz que parte do jornal gosta de ler.
- “Resumo de novela”, “notícia de morte”, “horóscopo”, “passatempo”, “o que vai passar no cinema”.
- Tá aqui. Anotado. E pra terminar, faltam as revistas. Quem falou que gosta de revista vai falar qual a revista.
- “Carrossel”, “Recreio”, “de fofoca”, “Rebelde”, “Ciência Hoje”.
- Então, agora vamos ler. Vocês ainda têm um tempinho, podem pegar livros, revistas, jornais, gibis e ler nesse tempo que temos pela frente.



Figura 28 - Movimentos de leitura.

²⁶ FLEMING, C. *João Esperto leva o presente certo*. II: G. B. Karas. São Paulo: Farol, 2011.

²⁷ LEIGH, S. *A torre mal assombrada*. São Paulo: Scipione, 1996.

Os movimentos de cadeiras emitiam ruídos que compunham a paisagem sonora povoada de vozes e sons corporais. Os deslocamentos se faziam em direção aos arranha-céus. Alguns alunos, no entanto, permaneceram nos parques e praças.

– Vai escolher alguma coisa pra ler, Carlos – incentivou a professora Ruth.

– Meu cérebro tá doendo – respondeu Carlos levando a mão direita à cabeça enquanto deslizava o tronco para frente até repousar a face sobre a mesa.

– Dor no cérebro? Nunca vi – admirou-se Mário – Eu estou com dor nos olhos. Meu olho fica cheio de bolinhas. Vou ter que ir até no médico.



Figura 29 - Leituras em movimento.

Enquanto isso, duas meninas, Lenice e Anna Cláudia começavam a ler silenciosamente em outra mesa. Uma lia o livro *Pandolfo Bereba*²⁸, outra lia

²⁸ FURNARI, E. *Pandolfo Bereba*. São Paulo: Moderna, 2010.

*Lolo Barnabé*²⁹. Volta e meia, uma delas parava a leitura para mostrar as ilustrações e contar o que havia lido. Seguiam-se comentários, partilhas, saberes, risos. As leituras se faziam assim, em compartilhamentos e redes que extrapolavam as palavras do autor. Ao lado das duas, Amir devorava um gibi: antropofagia.

Na mesa ao lado, Rosana e Lúcia folheavam um exemplar da *Enciclopédia da Vida Selvagem*³⁰, enquanto faziam comentários sobre a girafa estampada na foto. Gestos e imitações, risos e troças acompanhavam palavras e transbordavam afetos. As meninas deixaram o livro sobre a mesa e saíram para procurar outro. Rogério, então, apanhou-o e o levou para a mesa onde Carlos repousava meditativamente transparecendo em sua expressão facial uma dor de cérebro insuportável. Logo, Mário e Ricardo se puseram em volta do exemplar da *Enciclopédia da Vida Selvagem*, fazendo comentários sobre os animais em meio a movimentos corporais e gestos inimitáveis, enquanto Rogério fazia uma ou outra leitura em voz alta: voz ora de admiração, ora de suspense, voz de locução de documentário com ênfases preci(o)sas. Tanto que Carlos esqueceu sua dor no cérebro e uniu-se ao grupo.

De pé, ao lado da mesa, Marco acompanhava com atenção a conversação, a explanação e as leituras, delas participando por meio de seus silêncios, olhares e expressões faciais.

Nesse meio tempo, Lenice e Anna Cláudia se uniam a Amir para juntos se divertirem com as leituras das adivinhas do livro *Escuta só... o que é? o que é?*³¹. Enigmas, decifrações, antropofagia. Devora-me ou te decifro. E o grupo devorava cada palavra e cada cor, regurgitava cada hipótese, cada angústia, partilhava em banquete cada riso.

Nesse ínterim, Rosana e Lúcia retornavam à mesa com o livro *Vitória: uma ilha cercada de terras*³², cartografando (porque apenas entendendo, sem explicar, sem revelar) a cidade onde viviam. Palmilhando as páginas, os monumentos, as paisagens. Rindo e partilhando histórias, narrativas de vida, experiências de mundo.

²⁹ FURNARI, E. *Lolo Barnabé*. São Paulo: Moderna, 2000.

³⁰ *ENCICLOPÉDIA DA VIDA SELVAGEM*. São Paulo: Larousse, 1997.

³¹ GOMES, L. *Escuta só... o que é? o que é?* II: I. B. Bellinghausen. São Paulo: Cortez, 2004.

³² PINHEIRO, S. *Vitória: uma ilha cercada de terras*. II: J. Brandão. São Paulo: Cortez, 2008.

Reinventar o político

Certa noite, tracejando os jornais, Tracart deparou-se com uma tirinha peculiar:



Figura 31: In: GONSALES, F. *A vaca foi pro brejo atrás do carro na frente dos bois*. São Paulo: Devir Editora, 2010.

E riu-se até não poder mais. Depois pensou nas verdades, nas instâncias de verdade, nos regimes de verdade, nas instituições que materializam verdades, e pensou no quanto o humor é político.

Lembrou-se, como o Professor Guimarães costuma ressaltar, que a política permeia as relações, as ações, os usos, a educação, o cotidiano, as conversações, a vida. Ao mesmo tempo em que refletia sobre as palavras da professora Lygia:

“Vivemos em uma época de despolitização da vida, de uma forte convocação ao individualismo¹. Por isso é urgente uma reinvenção do político, uma criação de mundos, uma afirmação de outra ética, uma postura que recuse os ensimesmamentos e as políticas do salve-se quem puder²”, pensou consigo mesmo como a cuidar de si.

Cuidado de si que se apresentava como um cuidado vinculado ao conhecimento de si e a princípios que se estabelecem ao mesmo tempo como verdades, pois *cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se*

¹ BARROS, M. E. B. de. Prefácio. In: FERRAÇO, C. E. (org.). *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovelle, 2011. p. 7-10. p. 10.

² Ibid., p. 10.

*liga ao jogo da verdade*³. O *ethos* se faz traduzir pelas práticas de si, pelos hábitos, pela conduta, pelo caminhar, pela calma diante dos acontecimentos.

“De fato”, pensava com os seus botões Tracart, “aquele que *tem um belo ethos, que pode ser admirado e citado como exemplo, é alguém que pratica a liberdade de uma certa maneira*⁴”.

“Mas para essa prática de liberdade se constituir em um *ethos* é preciso um trabalho de si sobre si mesmo, um cuidado de si que é, ao mesmo tempo, uma forma de cuidar dos outros” lembrava-se das leituras, das aulas, das falas de seu orientador e conversações no grupo de estudos, buscava desse modo conhecer-se a si mesmo, cuidar de si, para poder cuidar do outro, constituir suas próprias verdades como provisórias para saber-se em movimento.

“Afinal, o cuidado de si *funda-se no conhecimento de uma certa verdade que o próprio indivíduo aciona e que ele utiliza para transformar sua subjetividade*⁵, daí a importância de tomarmos a partir da “dimensão política” aquilo que se relaciona com o que optamos por transformar em nós mesmos, nas coisas que nos envolvem, nos processos que nos permeiam, nos presentes em que vivemos, e que vivemos”.

“A política se dá como uma tarefa constante de autoreflexão e é capaz de manter a conexão entre filosofia e história por meio da “visão de mergulho” do trabalho ético sobre si⁶. E esse trabalho ético de si sobre si mesmo seria o próprio cuidado de si” mergulhava Francis em si mesmo ampliando sua visão: “daí vem o maior desafio, praticar tanto o cuidado de si por meio do cuidado e do conhecimento da alma, quanto o cuidado de si voltado para a vida como prática de dar forma à própria existência, de fazer da vida uma obra de arte, como uma estética de si⁷”.

Em palavras outrora lidas, outrora escutadas, veio em sua lembrança a voz do professor Veríssimo, da UFV, em sua recente visita à UFES: “Os sujeitos estão

³ FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: FOUCAULT, M. *Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 264-287. p. 269.

⁴ *Ibid.*, p. 270.

⁵ ADORNO, F. P. A tarefa do intelectual: o modelo socrático. In: GROS, F. (org). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004: 39-62. p. 59.

⁶ FIMIANI, M. O verdadeiro amor e o cuidado comum com o mundo. In: GROS, F. (org). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 89-128. p. 128.

⁷ GROS, F. A parrhesia em Foucault (1982-1984). In: GROS, F. (org). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 155-166.

*imersos nesse oceano de intensidades em devir, em meio aos agenciamentos produzidos nas (e produtores de) tramas rizomáticas*⁸. Em meio a essas tramas, as inúmeras composições são montadas, desmontadas e remontadas em configurações das mais diversas, *inventando novas trajetórias de sentido como também núcleos de estabilidade, territorialidades identitárias e padrões recorrentes que oferecem uma configuração possível para a experiência de um indivíduo*⁹.

Tramas rizomáticas, redes nas quais se enovelam e se potencializam política E ética E estética E afectos E conceitos E perceptos E sujeitos em devir.

Francis lembrou-se ainda de sua Professora Marina e repetiu para si: “a dimensão política se efetiva *pelos fluxos de conhecimentos, linguagens e afetos, enfim, em redes de trabalho informativo, linguístico e afetivo*¹⁰. É importante não apenas conhecermos “textualmente” o outro, mas também vincularmos e compartilharmos as *experiências de uns com as experiências dos outros*¹¹ para que os “pequenos relatos” não continuem a ser esmagados pelos grandes relatos¹². Para que a literatura menor se faça dizer em seus agenciamentos coletivos e políticos, em sua reinvenção da língua”.

Reinvenção da língua.

Lembrou-se de um acontecimento em fragmentos.

“Talvez tenha sido ontem a leitura do livro *A grande fábrica de palavras*¹³ por Cecília”.

“Talvez tenha sido no ano passado”.

“Talvez não tenha sido”.

⁸ LOPES, E. S. Aprendizagem e acontecimento. In: *Anais do 2º Seminário Currículos, Culturas e Cotidianos*. Vitória: NUPEC3, 2013. p. 5.

⁹ *Ibid.*, p. 5.

¹⁰ CARVALHO, J. M. A razão e os afetos na potencialização de “bons encontros” no currículo escolar: experiências cotidianas. In: FERRAÇO, C. E. (org.). *Currículo e educação básica: por entre redes de conhecimentos, imagens, narrativas, experiências e devires*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011. p. 103-121. p. 105.

¹¹ CARVALHO, J. M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis: DP et ali; Brasília: CNPq, 2009. p. 203.

¹² CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009.

¹³ LESTRADE, A. de. *A grande fábrica de palavras*. II: V. Docampo. Belo Horizonte: Editora Aletria, 2011.

“Talvez esteja sendo neste exato momento”, pensou Tracart enquanto saía do meio das folhas de jornal e seguia em direção à sua extremidade.

De fato, os alunos sentados ao redor dos parques e praças olhavam atentos para Cecília que iniciava a leitura do livro.

Enquanto isso, Carlos folheava distraidamente o livro *Flor de Maravilha*¹⁴ que pegara em um dos centros de triagem (a mesa de Clarice).



Figura 32 - Oficina literária.

A história contada por Cecília se passava em um país onde as palavras, para serem usadas, precisavam ser compradas, algumas por preços exorbitantes.

Em dado momento, a bibliotecária leu¹⁵:

¹⁴ PAIVA, F. *Flor de maravilha*. II: Dim e N. Firmeza. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

– *Neste estranho país, é preciso comprar as palavras e engoli-las para poder pronunciá-las*¹⁶.

Ao que Lenice acrescentou, como a escrever por entre as linhas, nas margens e ruínas dos escritos:

– Aqui podia ser assim.

Ao mesmo tempo, risos se faziam ouvir, enquanto Ana Maria exclamava ao fundo:

– Que legal!

Concomitantemente, Cecília mostrava na ilustração, com o dedo, as lojas de palavras com seus anúncios de venda, comentando:

– Olha, têm “discursos” a venda, “palavras de verão”, “trocadilhos”, e por aí vai. E sabe o que eu achei interessante aqui? Tem até uma loja de “palavrões”.

– Deixa eu ver – pediu Carlos esticando o pescoço.

– Aqui, “ó” – indicava Cecília, mostrando em uma loja o anúncio “palavrões” presente na ilustração.

– Ah, eu comprava todos – arrematou Rossana aos risos dos colegas.

– Que aí no dia que precisar usar... – considerou Lenice.

– É! – concordou Rossana.

– *Algumas produções ficcionais, por vezes delirantes criações, são as escritas [e falas] dos estudantes que povoam as laterais deste texto, na margem, ruína deste mais central*¹⁷ – pensava Tracart consigo ao lembrar-se do professor Chico, da Unicamp.

Cecília prosseguiu sua leitura em voz alta, dizendo serem algumas palavras muito caras, por isso as pessoas que não tinham dinheiro precisavam catar palavras na lata de lixo para que pudessem falar. Mas no lixo só encontravam palavras sem graça, como:

¹⁵ Trechos da oficina literária que realizamos em 24 de maio de 2013 a partir da leitura de Cecília. Reescritura literária feita a partir das gravações visando apostarmos nas potências e negociações de sentidos das falas dos sujeitos. Nomes fictícios.

¹⁶ LESTRADE, op. cit., p. 6, nota 13.

¹⁷ AMORIM, A. C. R de. Fotografia, som e cinema como afectos e perceptos no conhecimento da escola. *Teias*, ano 8, n. 15-16, p. 1-12, jan./dez. 2007. p. 4-5.

– *Cocozinho de cabrito e pum de coelho*¹⁸.

Ao que Ângela, que parecia desatenta, com os olhos baixos, brincando com o lápis, expressou:

– Que nojo!

Enquanto Rossana gargalhou com gosto.

– *Uma leitura atenta da literatura, compreendida como fabulação, é capaz de afirmar a emergência do sujeito enquanto impessoalidade singular*¹⁹ – compartilhava Tracart com o professor Chico, quase em segredo.

– *O que fazer, por exemplo, com ventríloquo e filodendro?*²⁰ – continuou Cecília, ao ler sobre as palavras mais baratas que não serviam para muita coisa.

– Hum? – Amir franziu a testa.

– Nunca ouvi... – destacou Ricardo.

– O quê que é isso? – Perguntou Lenice a Ângela franzindo a testa e inclinando levemente a cabeça.

– Ventríloquo é aquele que fala, que fala... como é que eu vou explicar? É aquela pessoa que trabalha com boneco, assim, e mexe a boca pro boneco poder falar – explicava, também com gestos e expressões faciais, Cecília – e filodendro é uma flor.

– Ah, tá – entendeu Amir.

Lenice apenas moveu a cabeça afirmativamente, olhando para Ângela, que concordou em silêncio.

Cecília prosseguiu contando que, na história, Philéas gostava de Cybelle. E tudo que ele mais desejava era poder dizer “eu te amo” a ela em seu aniversário. Mas como o menino não tinha dinheiro, só podia lhe oferecer as três palavrinhas que havia pescado no ar com sua rede: cereja, poeira e cadeira.

¹⁸ LESTRADE, op. cit., p. 12, nota 13.

¹⁹ AMORIM, op. cit., p. 5, nota 17.

²⁰ LESTRADE, op. cit., p. 14, nota 13.

– Nossa! – impressionou-se Ângela, dirigindo os olhos para Cecília e saindo, assim, de sua aparente desatenção.

Philéas então foi até Cybelle e apenas sorriu, enquanto Oscar, um menino rico que não sorria, mas que podia falar as muitas palavras caras que seus pais compravam para ele, disse a Cybelle:

– *Eu te amo com todo o meu coração, minha Cybelle. No futuro, tenho certeza, nós vamos nos casa*²¹.

– Nossa! Que nojo! – entonou Ângela com expressividade, ao mostrar-se não desatenta.

– *A literatura é habitada por fluxos, intensidades e afecções que transformam a língua familiar em língua estrangeira*²² – afirmou o professor Chico (Tracart jurou ter escutado sua voz naquela biblioteca).

Philéas então, enquanto pensava em todo amor tinha em seu coração, disse a Cybelle as três únicas palavras que conseguiu pegar em sua rede para dar a ela, continuou Cecília:

– *As palavras voam para Cybelle: elas são como pedras preciosas.*

Cereja...

Poeira...

*Cadeira...*²³

*Cybelle não sorri mais, apenas olha para Philéas. Ela não tem palavras guardadas. Então chega devagarzinho perto dele e dá um beijo em seu rosto*²⁴.

Ângela não se contém e, irrompendo um sorriso terno e afetuoso, expressa em palavras:

– Que bonitinho!!

Cecília prosseguiu contando que por fim, Philéas, tirando a última palavra que lhe restava, guardada para ser usada em um grande dia, olhou nos olhos de Cybelle e lhe disse:

²¹ Ibid., p. 24-25.

²² AMORIM, op. cit., p. 5, nota 17.

²³ LESTRADE, op. cit., p. 29-30, nota 13.

²⁴ Ibid., p. 32.

– ... *Mais!*²⁵

Em meio aos aplausos à história, Cecília explicava a alguns alunos que olhavam ainda sem entender que o menino declarara seu amor com poucas palavras e que com a palavra “mais” ele pedira mais beijos a Cybelle.

Ao mesmo tempo, Ângela, em sua aparente desatenção deduziu mais do que depressa, e muito antes do início da explicação de Cecília concluiu:

– Espertinho, ele.

– *Assim, o sujeito só se deixará apreender como tal desprendido e liberado do registro da personalidade do Eu*²⁶ – gritaram em uníssono, professor Chico e Francis Tracart.

– Então – prosseguiu Cecília – imaginem se tivéssemos que pagar pelas palavras que temos que falar, que palavra vocês acham que seria a mais cara, qual palavra vocês acham que teria maior valor?

E antes que os alunos começassem a responder em voz alta, a bibliotecária orientou:

– Vocês não vão falar, nem contar para o outro o que pensaram. Só precisam escrever no papel a palavra que vocês acham que é a mais preciosa, e que seria, por isso, a mais cara.

Depois de distribuídos pequenos papéis, um para cada criança, para registro da palavra escolhida, eles começaram a se movimentar.

E a pensar.

E a escrever.

E a apagar.

Papel, lápis, borracha, risos.

E a comentar.

E a brincar

E a cochichar.

²⁵ Ibid., p. 35.

²⁶ AMORIM, op. cit., p. 5, nota 17.

Letras, desenhos, lembranças, dúvidas.

E a recostar.

E a perguntar.

E a rabiscar.

Borracha, lápis, “outro papel, por favor!”.

E a reiniciar.

E a gargalhar.

E a inventar.

Enquanto isso, a professora Ruth circulava por entre as mesas auxiliando um ou outro aluno. Os alunos também se ajudavam, comentavam, perguntavam, conversavam, desconversavam, escreviam, desescreviam.

Depois que todos concluíram seus registros, os papéis foram recolhidos e lidos em voz alta, um a um, por Cecília em meio a mais comentários, risos, palavras, movimentos, falas, conversas, mais risos, outras falas, cochichos, brincadeiras:

– União.

– Pai.

– Amor.

– Você é especial.

– Mãe.

– Amor.

– Deus.

– Felicidade.

– Amor.

– Jesus.

– Planeta.

– Mãe.

– Gentileza.

Por fim, Cecília apanhou em sua bolsa o seu celular, fingindo que lia uma mensagem no visor. Então, com ar consternado e aflito, disse com clareza à turma:

– Vocês me desculpem, viu? Mas eu acabo de receber um torpedo dizendo que essas palavras que vocês anotaram aqui nesses papéis não podem mais ser faladas, a não ser que a gente pague muito caro por elas. E pelo que estão informando aqui, elas são tão caras que ninguém aqui poderia pagar para dizer nenhuma delas. Então agora nós vamos conversar sobre as coisas e sobre as pessoas que nós mais gostamos, e sobre as coisas que anotamos, sem usar essas palavras. Como é que a gente pode fazer?

Nesse momento, potências e reinvenções se faziam em meio a brincadeiras, usos dos nomes próprios de familiares, gestos, garatujas, imagens, gaguejos, recriações, reinvenções...

Palavras e mais palavras reinventavam-se, extrapolando de modo ilimitado o aparente limite oferecido.

Corpos vibráteis forçavam a linguagem ao seu limite, ao limite que a separa da música, do silêncio, das gargalhadas, da música, da dança, entregando-se de corpo-e-língua.

E em meio a tantas vozes, palavras, canções, risos, gestos, sons, silêncios, pudemos detectar:

– Eu sinto uma coisa muito demais pela filha do meu avô – declarou Lúcia entre expressividades e afectos.

– E eu gosto muuuuuuuuuuito do Papai do Céu – disse Tatiana, evidenciando em gestos a ênfase de sua fala.

– Você falou... – Rosana soletrou a palavra “pai” usando o alfabeto manual e expressões faciais – não pode.

– Também não pode falar a palavra em libras. É falar também. Não pode – retrucou Tatiana com prosódia e clareza, enquanto corrigia sua primeira declaração evitando uma das palavras listadas – Eu gosto muito do criador. Pronto. Falei.

– Legal! – exclamou Pedro entoando admiração enquanto seus olhos brilhavam.

– Eu, tipo... – Ângela expressava corporal, gestual e facialmente seu amor enquanto dava uma pausa na construção sintática de sua fala indo aos limites da sintaxe, ao limite onde linguagem e música, linguagem e dança, linguagem e silêncio se enredam. Seu silêncio gritava, explodia, irrompia em afecções. E concluiu seu enunciado – ...as pessoas da minha vida.

– Maior mímica, velho – André se impressionou talvez sem mesmo imaginar que sua expressividade não verbal transbordava, dizendo mais que suas palavras.



Figura 34 - Gritos sem voz.

Por todos os lados, em movimentos e subversões, as expressões de carinho, de amor, de generosidade, de felicidade, de união, de lembranças, fizeram-se perceber por meio de gestos, afecções e percepções corporais, mais do que por intermédio das palavras.

Gritos sem voz ecoavam.

Palavras não ditas eram ouvidas, lidas, sentidas, percebidas.

Na partilha do sensível, as palavras mais caras (em todos os sentidos possíveis à palavra “cara”) alcançavam valores inestimáveis no engendramento de afetos, nas tramas de sentidos, nas construções de mundo, na constituição dos sujeitos, na produção de subjetividade.

E em meio às redes de afetos que dispensavam palavras precisas, Bia, a nova aluna, comunicava-se em libras com os colegas sob a orientação da professora Ruth e da intérprete Heloisa.

Palavras não ditas, linguagens, música, caras, bocas, línguas, corpos, gestos, danças, expressivamente faziam-se perceber, afetar, sentir, enredar...

Entrelinhas de fuga



Figura 35 - Entrelinhas.

Tracart já havia traçado tantas fugas que perdera a conta.

Fuga aqui. Fuga acolá. Faz fugir o mundo.

Se esconde, se recria, se encolhe, se movimenta, se esgueira, se espreme, se reinventa, se ensimesma, sempre em recriações de mundo (não fugindo do mundo, mas fazendo fugir o mundo, desterritorializando-o).

Às vezes cismado que só, não por medo, mas por estar em fuga, pois *o devir-animal vive mais na fuga do que no medo*¹, tenta encontrar uma saída, traça

¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003. p. 84.

*uma linha de fuga*². Isso porque *no animal tudo é metamorfose, e esta é num mesmo circuito devir-homem do animal e devir-animal do homem*³.

A metamorfose é como a conjugação de duas desterritorializações, aquela que o homem impõe ao animal forçando-o a fugir ou subjugando-o, mas também aquela que o animal propõe ao homem, indicando saídas ou meios de fuga a que o homem nunca teria pensado sozinho (a fuga esquivo); cada uma das desterritorializações é imanente à outra, relança a outra e obriga-a a ultrapassar um limiar⁴.

*O devir-animal é uma viagem imóvel e no mesmo sítio que só pode ser vivida ou compreendida em intensidade*⁵. *Ele nada tem de metafórico. Nenhum simbolismo, nenhuma alegoria [...]. É uma linha de fuga criativa que só significa o que ela é*⁶.

O devir-animal traça linhas de fuga, mas não foge para “fora do mundo”. É antes o mundo e a sua representação que ele faz fugir, produzindo uma desterritorialização política do mundo⁷.

No entanto, essa desterritorialização, por mais lenta que seja, *é totalmente absoluta; a linha de fuga é bem programada, a saída é bem construída*⁸. Ainda assim, *o devir-animal mostra efectivamente uma saída e traça realmente uma linha de fuga, mas que é incapaz de seguir ou ele próprio de tomar*⁹.

Daí que em suas linhas de fuga, Tracart recordava as palavras da professora Marina, das linhas por ela traçadas, conceituadas, elaboradas, revisitadas, e pensava: “Se podemos ir ao encontro do sujeito que emerge como impessoalidade singular, então os conceitos de linhas molares ou duras, de linhas moleculares ou flexíveis e de linhas de fuga¹⁰ se apresentam como potentes nas conversações traçadas no *espaçotempo* biblioteca escolar”.

“Afinal”, pensava consigo, “as pessoas são compostas por linhas distintas entre si, mas ao mesmo tempo em que elas desconhecem sobre que linha transitam, também desconhecem por onde se deve passar a determinada linha que estão

² Ibid., p. 67.

³ Ibid., p. 68-69.

⁴ Ibid., p. 69.

⁵ Ibid., p. 69.

⁶ Ibid., p. 69.

⁷ Ibid., p. 85.

⁸ Ibid., p. 70.

⁹ Ibid., p. 71.

¹⁰ DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

prestes a traçar. Existe *toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga*¹¹.

O sujeito, tecido no emaranhamento das linhas molares e moleculares, é, pois, *uma molecularização do molar e uma molarização do molecular*¹². Já as linhas de fuga levam às desterritorializações, favorecendo a expressão da singularidade por meio de rupturas e descodificações, de caminhos alternativos em um espaço em que linhas molares apresentam fissuras e fendas. E essas tais linhas de fuga são gravitadas por buracos negros, podendo ser por eles binarizadas ou prosseguirem em sua intensidade fazendo jorrar signos-partículas que escapam a essas estruturas gravitacionais sobrecodificadoras.

A linha de fuga criativa, portanto, *arrasta consigo qualquer política, economia, burocracia ou jurisdição; suga-as como o vampiro, para lhe extrair sons ainda incógnitos que pertencem ao futuro próximo*¹³.

Enquanto Tracart vagava imóvel em suas divagações, Cecília traçava linhas de fuga em meio à imanência plena em horários estreitos, silenciosos entretornos, ruidosos intervalos, soberanas vigilâncias, e, em um quase desabafo à professora Cláudia, fazia-se ouvir¹⁴.

– Ah, Cláudia, eles buscam os livros pela capa, se é atraente, se provoca curiosidade. Também pela finura, dependendo da disposição e pique que cada um tem para ler. Ou pela identificação com o título ou o assunto. Alguns alunos vêm para a biblioteca pra ler jornal, livro, gibi. Mas tem uns que nem leem, só vêm pra se esconder ou pra ficar no fresquinho do ar condicionado. Tem a turma do *hip-hop* que vem para a biblioteca no horário do recreio. Eles sentam em volta da mesa pra conversar e cantar.

Cláudia escutava atenta, concordando sem palavras, enquanto Cecília prosseguia sua narrativa:

¹¹ Ibid., p. 21.

¹² DOEL, M. *Corpos sem órgãos: esquizoanálise e desconstrução*. In: SILVA, T. T. da (org.). *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 77-110. p. 102.

¹³ DELEUZE; GUATTARI, op. cit., p. 78, nota 1.

¹⁴ Reescritura literária elaborada a partir de conversação da bibliotecária com o pesquisador, registrada em 07 de março de 2013. Nomes fictícios.

– Mas escuta (risos), teve um dia que eu peguei um no pulo. Um menino do 7º Ano, grandão, pegou um livro, sentou e ficou ali, quietinho, concentrado que só. Acabou o recreio e ele continuou, não voltou pra sala não. Daí que mandei: “Ronaldo, pra sala agora”. “Não, Cecília, tenho que fazer aqui o trabalho de ciências”, ele teve coragem de argumentar, cara de pau. Aí eu não aguentei e disse: “Ciências? Como se esse livro aí é de matemática, Ronaldo?”.

Risos irromperam a conversação. Extrapolava-se mais uma vez o limite da sintaxe. Risos diziam mais, muito mais. Cecília continuou:

– É assim, Cláudia, tem uns que entram, fingem que estão lendo pra se esconder, pra fugir das aulas, dos horários, da professora. Pra você ver, tem um menino do 2º Ano que não sabe ler, mesmo assim ele pega livro toda semana pra levar pra casa.

Cláudia argumentou:

– O bom, Cecília, é que mesmo sem ler como a gente espera ele faz de alguma forma uma leitura. No ano passado você lembra que de quinze em quinze dias cada aluno do 5º Ano pegava um livro pra ler em casa e contar pra turma. Então, a gente vinha aqui, você trabalhava a oficina e depois eles escolhiam livros para levar. Na semana seguinte eles traziam o livro escolhido e contavam o que tinham lido para a turma lá na sala. Mas o combinado era não contar o final pra aguçar a curiosidade de leitura nos outros. Mas olha que dava pra saber direitinho quem tinha lido ou não. Agora, vou te falar uma coisa, tem menino aqui que não quer nada, mas que inventa cada história que fica melhor do que a história escrita. Tem ideia Cecília? Tô falando, fica melhor. É cada uma que esses meninos inventam¹⁵.

– É Cláudia, é cada uma que só rindo. Outro dia foi o 5º Ano da Mila. Todo mundo sabe da resistência deles para leitura, não é? Pois então escuta: ontem alguns alunos da turma leram livros em voz alta para os colegas, acredita?

Cláudia expressou admiração.

– É sério, pode perguntar à professora Mila! Na oficina literária anterior, na semana passada, eu comecei colocando livros nas mesas para que eles

¹⁵ Reescritura literária elaborada a partir de conversação da professora do 5º Ano com o pesquisador, registrada em 31 de setembro de 2012. Nomes fictícios.

escolhessem e lessem individualmente e eles começaram a ficar agitados, como sempre. Então, Mila perguntou se alguém queria ler lá na frente uma história em voz alta para os colegas. Com muito custo, André leu um livro. Pois você acredita que ontem outros quatro alunos quiseram ler para os colegas? Fora os outros que também queriam ler, mas já não dava mais tempo! A turma toda ficou em silêncio prestando atenção enquanto cada um lia e ia mostrando as ilustrações, foi o máximo!¹⁶ E querendo ou não eles estavam rompendo com o comportamento esperado daquela turma, não é? Fizeram o inesperado. Reinventaram, não é assim?



Figura 36 - Ecos.

¹⁶ Reescritura literária elaborada a partir de relato da bibliotecária ao pesquisador em 23 de agosto de 2013. Nomes fictícios.

Enquanto isso, ao mesmo tempo em que escutava toda essa conversa, Tracart, ainda em fuga, conversava em seus pensamentos com a professora Marina, que por meio de seus escritos, por meio de suas aulas, por meio de sua fala decidida e precisa, lhe dizia:

“Francis, preste atenção, o que acontece é que *a todo movimento molar correspondem tanto linhas moleculares como linhas de fuga que possibilitam a busca de novos territórios, de novas configurações, de novas ramificações*¹⁷. Desse modo é possível constituir de modo alternativo o cotidiano escolar, exercitando *outros “possíveis” e/ou outras formas de ser e estar, tracejando linhas moleculares que, por sua vez, se atravessavam em outras linhas de fuga, remetendo a novas configurações, a novos territórios*¹⁸”.

Tracart punha-se a refletir acerca de suas leituras, das palavras dos seus professores e dos autores dos livros por ele lidos, das vozes e conversações dos sujeitos cotidianos daquela escola, dos signos que percebia, que lhe afetavam, que escutava ecoarem mesmo em meio ao silêncio mais estrondoso das madrugadas que passara naquela biblioteca.

Pensava consigo, “então a singularização se dá na possibilidade de desterritorializações criadoras a partir das linhas de fuga *exatamente por causa do “perigo” de toda linha que escapa*¹⁹. Cabe transitarmos como nômades por um espaço liso *marcado apenas por “traços” que se apagam e se deslocam com o trajeto*²⁰ sabendo esperar com a paciência infinita, característica do nômade, pois para ele a desterritorialização não é senão a sua própria relação com a terra, para ele a reterritorialização se dá na própria desterritorialização. Cabe transitarmos como nômades ao invés de permanecermos no espaço estriado do pensamento sedentário”.

Após um silêncio em ruídos, citações, estrilos, vozes, piados, risos, zunidos, aboios, um arroubo: “por isso, ao permitir-se o movimento nômade de

¹⁷ CARVALHO, J. M. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis: DP et ali; Brasília: CNPq, 2009. p. 202.

¹⁸ Ibid., p. 202.

¹⁹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.4. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. p. 87.

²⁰ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. p. 43.

desterritorialização criadora, o sujeito não apenas pratica o *cuidado de si* por optar nessa atitude por um comportamento ético indissociável de uma estética da existência, exercendo a liberdade de fazer de sua vida uma obra de arte, mas também se permite o transbordamento da força inerente a esse “deixar-se atravessar” pelo conjunto de *afectos* e *perceptos* da arte, ao assumir a estética de sua própria existência, ao fazer da própria vida uma obra de arte. Aliás, o *artista é mostrador de afectos, inventor de afectos, criador de afectos, em relação com os perceptos ou as visões que nos dá*²¹”.

E prosseguiu, conversando com os seus botões, enquanto parecia escutar a voz do Professor Guimarães, como complementos à sua conversação consigo mesmo: “assim se dá na literatura infantil, literatura menor, assim se dá na estética da vida, na reinvenção da linguagem, na sua desterritorialização, na reinvenção dos *espaçotempos*, nas linhas de fuga e processos de singularização. Desterritorialização, fuga, arte. Os sujeitos cotidianos em suas desterritorializações, fugas, criações, *teoricopráticas*, fazem de suas vidas e do *espaçotempo* biblioteca escolar uma obra de arte”.

Francis lembrava-se mais uma vez de sua tese, do quanto gostaria de poder escrever. Agora sim ele poderia traçar, inventar um povo por vir, escrever em atenção aos sujeitos cotidianos protagonistas-coletivos daquela escola, escrever em atenção às vozes, balbucios, gaguejos dos sujeitos que frequentavam aquela biblioteca, estetizar a vida, desinventar a língua, fabular.

Isso, fabular, pois a fabulação não é senão devir-outro, envolvendo passagens *entre formas de existência e entre corpos distintos, de modo que elementos estáveis sejam colocados em desequilíbrio metamórfico*²².

A fabulação é a experimentação no real por meio de *intervenções no universo de seus ambientes sociais, políticos, institucionais, naturais e materiais*²³.

A fabulação é ainda *o tratamento de personagens e de suas ações como se tivessem natureza sociopolítica*²⁴, exigindo *o desenvolvimento de uma*

²¹ DELEUZE, G. GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 227.

²² BOGUE, R. Por uma teoria deleuziana da fabulação. In: AMORIM, A. C.; MARQUES, D.; DAS, S. O. (orgs.). *Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...* Petrópolis: De Petrus; Brasília: CNPq; Campinas: ALB, 2011. p. 17-35. p. 21.

²³ *Ibid.*, p. 22.

²⁴ *Ibid.*, p. 23.

“mitografia” projetiva das imagens, que passam a ter vida própria²⁵ visando à invenção de um povo por vir²⁶ no agenciamento coletivo e político da literatura menor que, por fim, se darão por meio da desterritorialização da língua²⁷.

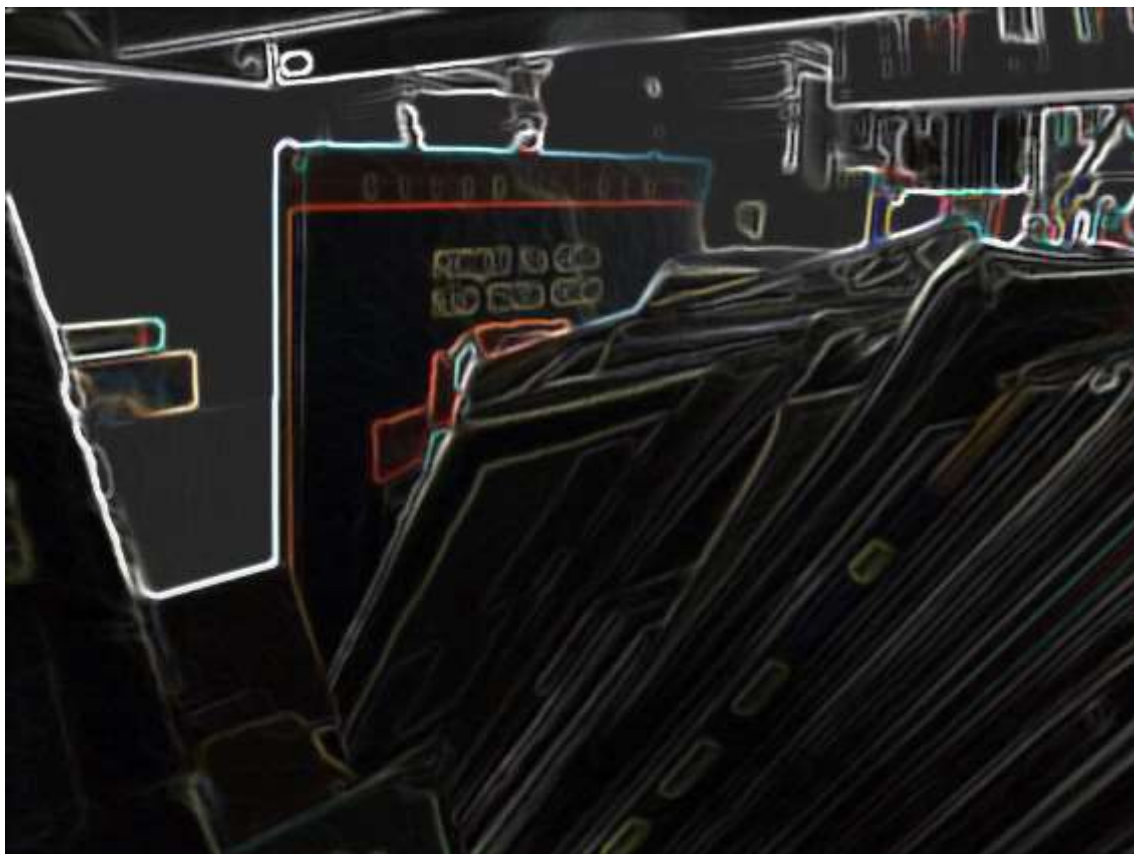


Figura 37 - Entre outras linhas.

Depois de tanto conversar consigo, e ainda em fuga, Francis Tracart, atento à (est)ética da existência, ao que fazia de sua vida naquele instante, e a cada instante, hibernou em um livro por meses, dias, horas, minutos, segundos talvez. Anos, décadas, não sei. Também não sei se hibernar é um comportamento comum às traças, mas foi assim.

O tempo passou solenemente.

Em alguns momentos Tracart sonambulava pela folha e sentia estar se alimentando das bordas do livro.

²⁵ Ibid., p. 23.

²⁶ Ibid., p. 24.

²⁷ Ibid., p. 25.

Um bicho!

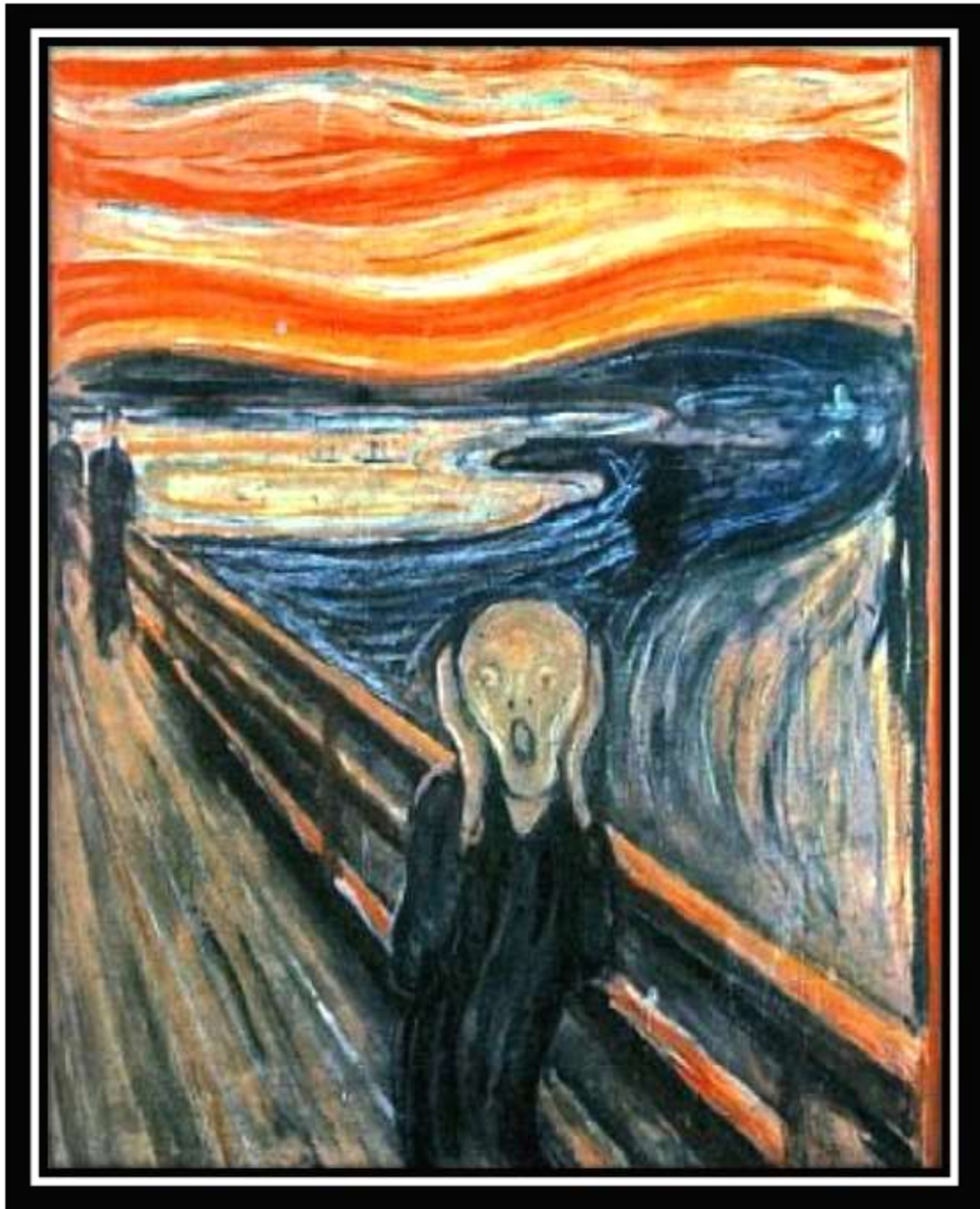


Figura 38 - *O grito*, de Edvard Munch.

Foi assim:

Mais uma turma (9º Ano) acabava de chegar à biblioteca para um momento de leitura. Depois da atividade proposta, os adolescentes transitaram pelas estantes.

Tracart descansava, distraído, quando repentinamente fora subtraído da estante em sua *casalivro* por um menino. Não sabia que casa, apenas a sabia aconchegante. Não sabia que livro, apenas o sabia acolhedor.

Jonas era o nome do menino.

O livro? Ah, o jovem sabia qual era. Tratava-se de uma enciclopédia ilustrada com fotos de insetos.

Baque na mesa, páginas folheadas, Tracart permanecia oculto em meio às dobras da encadernação.

Mas, em meio às falas e risos distantes, uma voz próxima lhe chamou a atenção.

Uma voz familiar.

A voz de Fernando, seu sobrinho.

– Fernzandzjsyrlszingiswn!!! – em vão Francis tentou chamar!

A felicidade de escutar aquela voz depois de longos meses de confinamento... ou teriam sido dias?

Séculos?

Horas?

Semanas?

Minutos?

...

...

Não importava o tempo.

Importava que agora, naquele agora de tantos presentes, um presente lhe chamava a atenção.

E que presente!

A presença de seu sobrinho Fernando na roda daquela mesa.

Tracart esgueirou suas antenas para fora da encadernação com o intuito de captar seu sobrinho. Seus pequenos olhos começavam a avistar, em meio ao clarão de luz, o vulto movente de Fernando.

Nesse instante, Sylvia, que acompanhava com certo asco as páginas do livro lido por Jonas, viu os filamentos de Tracart por entre as dobras das folhas na encadernação.

O livro estava aberto, coincidentemente, em uma página que estampava a imagem de uma barata.

A menina deu um grito que para Tracart soou ensurdecedor tanto em razão de sua frequência como em razão da consequente constatação a que o conduzia:

– Aaaaaaaaahhhhhh!!!! um biiiiiiiiiiiiicho!

Alvorço feito. Com o susto, Jonas lançou o livro aberto sobre a mesa. Depois ralhou zombando:

– Quer me matar, Sylvia? Tem medo de barata até em foto, é?

– É um bicho vivo!! Caiu em cima da mesa!! Ahhhhh!! – silvou Sylvia em um agudo só seu.

– Uma traça! – indefiniu Fernando em sua tentativa de classificação. Inconcluiu Fernando em sua não identificação. Singularizou Fernando em sua impossibilidade de enclausuramento.

Uma traça, sim, o uno como índice de uma multiplicidade: um acontecimento, uma singularidade, uma vida...¹.

Uma traça sem nome, individualidade apagada em favor da vida singular imanente a um homem que não tem mais nome, embora ele não se confunda com nenhum outro. Essência singular, uma vida...²

A pequenina traça escrevia sobre a mesa suas linhas de fuga emergenciais, reinventava um mundo em seu desterritório, criava vida em seu reterritório. Um

¹ DELEUZE, G. A imanência: uma vida... In: Dossiê Gilles Deleuze. *Revista Educação e Realidade*, v.27, n. 2, jul./dez. 2002, p. 10-18. p. 14.

² Ibid., p. 14.

salve-se quem for vivo, um corro por que estou viva, um pernas para que te quero.

E os meninos toc, toc, toc, tentavam, com as bases dos seus lápis e das suas esferográficas, esmagar o pequeno inseto.

Tracart fugia como podia sem saber para onde, por onde, fugia por ser preciso viver, fugia por ser ele mesmo e ao mesmo tempo tantos, fazia o mundo fugir do que a ele parecia tão certo, fazia o mundo fugir de cada incerto golpe.

Toc, esgueirou-se em tempo hábil e encolheu-se na fissura quase inexistente, uma fresta, uma fenda, o que permitia o estriamento necessário naquele plano liso da mesa de leitura.

“Fffffffffffff” Ffffffffernando soprou com força fazendo seu tio voar, voltando à mira dos algozes.

Tracart correu, mas...

TOC, socou certo o lápis amarelo de Maria Clara, esmagando sua cauda que aderiu à mesa impedindo que suas patas, movendo-se em desespero, pudessem deslocar e descolar o corpo que agora sofria uma dor lancinante, dilacerante.

– Vszzsaaaaszsszeeeeiiiiinnneeiiiiinnzzvmmm – soou o grito ensurdecido (apenas para as traças) de Tracart que, ao gritar, estranhamente pensava, enquanto rememorava nos politemporais presentes os acontecimentos de toda uma vida:

“Nããããoooo! Uma morte tão boba” lamentou-se “uma vida tão...” sem saber como completar “tão” talvez “viva” não sei “boa” não sei “rápida” sei lá “breve” tão “imanência”.

Tão “sim” tão “simplesmente *a imanência: uma vida*³ é tudo, uma vida, e nada mais”.

*E entre a sua vida e a sua morte [...], um momento que não é mais do que aquele de uma vida jogando com a morte*⁴.

³ Ibid.

⁴ DICKENS *apud* DELEUZE, G. A imanência: uma vida... In: Dossiê Gilles Deleuze. *Revista Educação e Realidade*, v.27, n. 2, jul./dez. 2002, p. 10-18. p. 12.

Fernando com sua caneta esferográfica preparou-se para desfechar um único e certo golpe na cabeça do pequeno ser.

Enquanto isso, na fração de segundos ou séculos que se passava, jorravam os múltiplos presentes, o passado virtual tornado presente e o futuro a esguichar pelo furo por onde lhe extravasava todo o líquido celomático.

Expurgavam devir-escritor, devir-animal, devir-simplesmente-devir:

“Não! Porque haveria de ser meu sobrinho, o meu algoz?”

“Porque mereço esse fim?”

“Por ter matado tantas traças em minha vida, em meus livros, em meus escritos?”

“Quantas vezes, também eu, devo ter matado, deformado, golpeado, esmagado, massacrado cabeças, seres e personagens desinventados em planos destrachados nos conceitos descriados com a minha caneta?”

“Quantas vezes também eu?”

“Quantas vezes também?”

“Quantas vezes?”

“Quantas?”

“Quanta?”

“Q...?”

Por fim:

TOC.

Uma vida

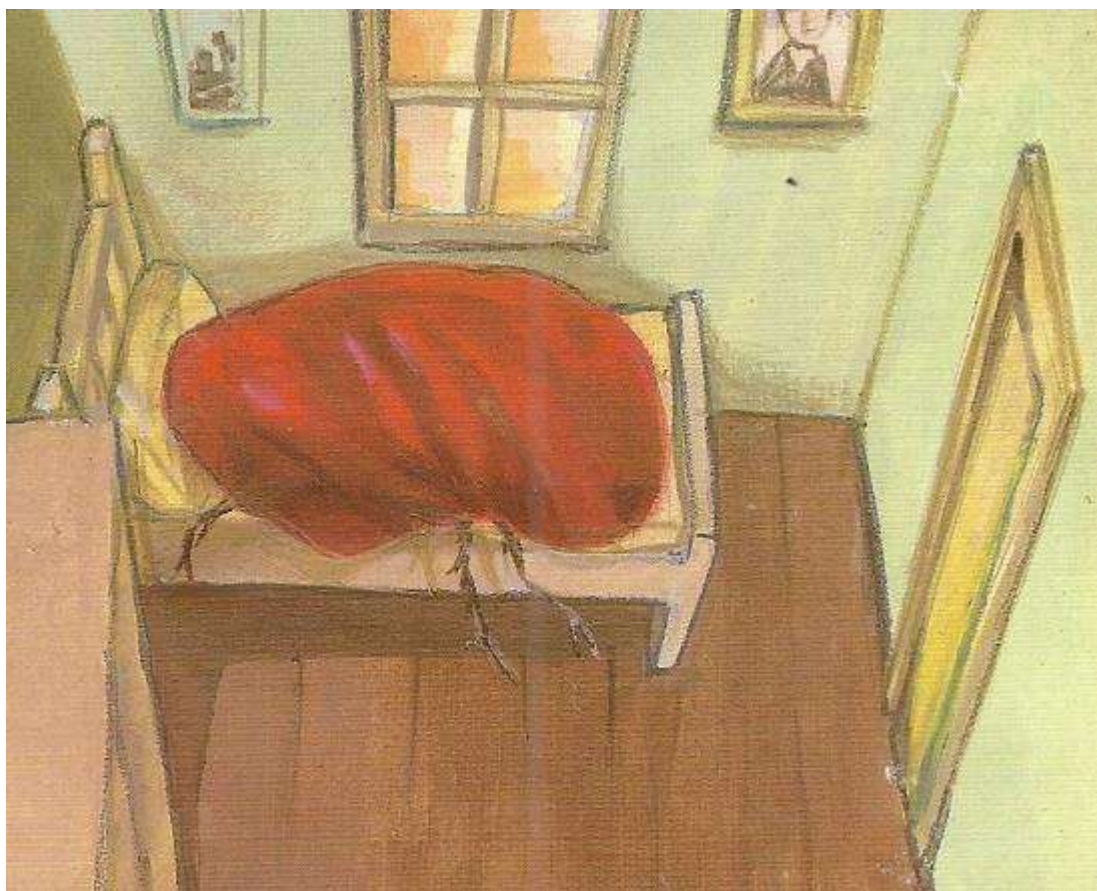


Figura 39 - Devires¹.

TOC, tocou à porta do quarto do tio com a base da caneta esferográfica.

– Posso entrar? – rrrrrraaaaaaangeu a dobradiça, topando com o tio deitado sobre a cama onde também repousava discretamente o exemplar de *A metamorfose* de Franz Kafka.

Ao despertar de uma noite povoada por sonhos agitados, Francis Tracart percebeu-se metamorfoseado em escritor.

Ainda sonolento, sentou-se à cama.

– Desculpe te acordar, tio Francis, mas preciso devolver o livro hoje cedo na biblioteca – justificou Fernando.

¹ Fragmento da arte de João Baptista da Costa Aguiar para a capa de KAFKA, F. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

– Sim, claro Fernando! Que leitura foi essa? Muito intensa! Muito, muito intensa! – tentou despertar, enquanto em meio aos seus presentes politemporais o passado jorrava presentificado. Olhou em volta, fixou-se no livro, prosseguiu:

– Foi uma leitura muito intensa... e ainda está sendo. Uma leitura que... nossa... vai me ajudar muito a traçar linhas e planos na escrita de minha tese, Fernando. Tenho muito a traçar. Muitos traços pela frente.

O menino, apesar de ter remetido instantaneamente o termo tese aos tantos livros que o tio lia e à figura de seu orientador (tipo psicossocial do qual ele somente ouvira falar), nem tentou entender o que ouviu. Apenas despediu-se sorrindo (acreditando estar seu tio no leve transe que às vezes nos surpreende ao despertarmos repentinamente), apanhando o *livrocasa* feito de *palavrasdoces* pelo *autorbruxo* sem sequer imaginar, mesmo em seus mais improváveis delírios pré-adolescentes, que carregava consigo Francis Tracart E Gregor Samsa E Franz Kafka, bem como os seus colegas E sua escola E sua comunidade E a si mesmo...

E também conduzia rupturas E devires E fugas E metamorfoses E linhas E traços...

E (até mesmo, pasmem) uma traça-escritora que, insuspeitadamente, se escondia entre as páginas 20 e 21.

Com o livro nas mãos, Fernando traçou seu caminho rumo à escola.

Enquanto isso, não distante dali, em seu início de expediente na escola, a auxiliar de limpeza Júlia limpava as mesas da biblioteca.

Com zelo, pano úmido em uma das mãos e vidro de álcool na outra, Júlia cantarolava Zeca Pagodinho “*deixa a vida me levar, vida leva eu²*”, enquanto removia os ressequidos restos mortais de uma traça que havia sido esmagada, ali mesmo, no dia anterior.

² MERITI, S; CAIS, E. do. Deixa a vida me levar. In: PAGODINHO, Z. *Deixa a vida me levar*. Universal, CD, 2002.

Em seu quarto, Francis, ainda atordoado, perguntava para si mesmo: “o que vivi? Ou terá sido um sonho? Mas sendo sonho recordado faz-se agora vida. Imanência. Imagens. Mobilidade em movimento. Memórias presentes. Uma vida. Acaso a narrativa dessa experiência não figuraria como a defesa de um currículo-fabulação que ora almejo fazer?”

– A ideia muito me interessa. Fico com ela.

Permaneceu imóvel por alguns instantes e viveu em presente um passado virtual de traça, que irrompia em movimentos na memória entre os múltiplos presentes politemporais. E em meio às diversas percepções, afecções, conceitos, sensações, *tempoespaços*, concluiu:

– Também *fico com o personagem*³

³ LEMOS, R. O outro. In: LEMOS, R. *Arroubos literários*. Cachoeiro de Itapemirim: Gracal, 2012. p. 40.

(In)conclusões

Após narrar esta história o que acontecerá se alguém me perguntar: “O que isto significa?” Só me é possível dizer: “Vou contar de novo”¹.

¹ ALVES, Nilda. Os romances das aulas. *Movimento*: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Profissão docente: teoria e prática. n. 2. p. 7-32. set. 2000. p. 32.

Postscriptum et epitaphius:

Dedico esta obra a Francis Tracart, falecido na manhã de 18 de agosto de 2051, em decorrência de esmagamento mecânico fulminante, sepultado entre as páginas 20 e 21 do livro "A metamorfose" de Franz Kafka (814 KAF ex.1) da Biblioteca Escolar "Edna Gáudio", Prefeitura Municipal de Vitória.

Causa mortis: extravasamento do líquido celomático.

A título de epitáfio, ladeiam seus restos mortais as palavras:

Durante um momento ficou tudo silencioso².

(in memoriam)

... a assinatura da firma — disse a si mesmo —
 ... quanto as perninhas dançavam mais rápidas por causa
 ... disso.
 Durante um momento ficou tudo silencioso.
 — Eles não vão abrir — disse Gregor consigo mesmo,
 ... alguma esperança absurda.
 ... empregada, natural como sempre, caminhou

² KAFKA, F. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 21.

Posfácio

Aceitamos, leitor, o desafio de traçar, por intermédio de um personagem estético constituído em personagem conceitual, nossa Tese de Doutorado em Educação que, para além de tratar do currículo-fabulação nos processos de leitura e de usos da literatura infantil no *espaçotempo* da biblioteca escolar, configura-se como uma possibilidade de se *fabular o currículo*.

Sabendo o quanto estaríamos nos traindo (se é que não nos estamos, todavia) ao apresentarmos uma introdução linear ou uma conclusão conclusiva de algo que almeja fugir à linearidade, à conclusividade, ao fechamento, talvez nos caiba nesse difícil posfácio defender algumas de nossas opções e apresentar algumas das redes que nos conduziram a algumas escolhas (pelas mesmas razões, apresentamos os agradecimentos ao fim do nosso trabalho).

Francis Tracart, em seu devir-traça, busca traçar conceitos, conversações, percepções, metodologias, afecções potentes ao que aqui defendemos, ao que na escola percebemos e vivemos, às nossas leituras, às *teoricopráticas* que nos afetaram e aos *saberesfazeres* que nos atravessaram no processo de realização desse trabalho de pesquisa.

Francis, o Tracart, outrora doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, tendo nos permitido escrever sobre suas experiências e mesmo mesclá-las às nossas, recebeu seu nome em homenagem ao escritor Franz, o Kafka, representante Menor da Literatura. Coincidentemente ou não, seu nome também parece fazer alusão a Gregor, o Samsa, protagonista e personagem conceitual em devir-inseto (barata) do livro *A metamorfose*, de Franz, o Kafka. Talvez tenha sido esta a desrazão de sua profunda identificação com o livro de Kafka. Nosso protagonista e personagem conceitual, batizado e registrado com o sobrenome francês Tracart desde menino, rói, tritura, traça, cata de frente para trás, de trás para frente, as palavras, os caminhos, os descaminhos, as linhas, as entrelinhas. Quiçá tenha sido este seu fundamental erro: haver nascido errante.

Nossa intenção não era senão subverter o lugar da literatura, não era senão vislumbrar as potências e transgressões da literatura menor em seus

agenciamentos coletivos, políticos, em seus gaguejos e balbucios, em suas possibilidades de subversão. Nossa intenção não era senão subversar a escrita linear acadêmica ao (re)fazê-la. Fabular a escrita acadêmica e o currículo como ato político e coletivo, como reinvenção da própria língua. Se em alguma de nossas páginas, em algum de nossos parágrafos, em alguma de nossas palavras, em alguma de nossas linhas ou entrelinhas, alcançamos a grata felicidade de tangenciar a literatura menor, de escrever em atenção aos sujeitos cotidianos, de promover agenciamentos políticos e coletivos, mesmo que por irrisório instante, realizados nos sentimos.

Tratando-se este de um trabalho acadêmico, metodologizamos por intermédio da pesquisa com os cotidianos e com a cartografia literária, buscando atentarmos para as vozes, as entrelinhas, os efeitos, as tensões, as reações, dos sujeitos praticantes dos cotidianos da escola com a qual realizamos a pesquisa¹ em pé de igualdade com os autores dos livros lidos. Tais sujeitos não eram senão a bibliotecária que nos acolheu em seu *espaçotempo*, a estagiária da biblioteca escolar, as professoras das turmas do 5º Ano² de 2012 e de 2013, a professora de língua portuguesa do 6º Ano de 2012, os alunos do 5º Ano de 2012 e de 2013, nossos colegas de Pós-Graduação, e, é claro, o nosso orientador e os professores presentes nas bancas de qualificação e de defesa que participaram do processo de realização desta pesquisa, bem como os autores dos livros lidos. Os sujeitos cotidianos se fazem presentes nas vozes, nas falas, nos afectos e se fazem ouvir a partir de seus *pseudo-nomes*, pseudônimos estes, todos, coincidentemente ou não, similares a algum e outro nome de autor da literatura menor³.

¹ As conversações e oficinas literárias foram gravadas em áudio e vídeo em encontros semanais realizados no decorrer de 14 meses, sendo posteriormente transcritas e reescritas em consonância com a proposta de currículo-fabulação do presente trabalho.

² Optamos por utilizar a terminologia “5º Ano” e “6º Ano” apesar de tais turmas serem ainda designadas como 4ª Série e 5ª Série. Assim decidimos fazer com o intuito de favorecer a compreensão por parte do leitor e ao mesmo tempo prezar pela atualização terminológica da tese.

³ Francis (Franz) Kafka; Fernando Pessoa; Cecília Meireles; Clarice Lispector; Cláudia Scatamacchia; Eva Furnari; Amir Piedade; Ana Maria Machado; Nelson Albissú; Elias José; Ricardo Azevedo; Léo Cunha; Lenice Gomes; Ângela Lago; Lia Zatz; Rossana Ramos; André Neves; Guimarães Rosa; Tatiana Belinky; Lúcia Fidalgo; Mila Behrendt; Cláudio Martins; Carlos Drummond de Andrade; Pedro Bandeira; Marco Haurélio; Mário Quintana; Ruth Rocha; Anna Cláudia Ramos; Rosana Rios; Rogério Andrade Barbosa; Jonas Ribeiro; Sylvia Orthof; Marina Colasanti; Lygia Bojunga Nunes; Chico Buarque; Luis Fernando Veríssimo; Bia Bedran; Vinícius de Moraes; Ronaldo Simões Coelho; Maria Clara Machado; Humberto Borém; Heloisa Prieto; Júlia Lopes de Almeida.

Tivemos como desafio, pois, em nossas reescrituras, traçar planos de imanência em conversas com leituras, com literaturas, com currículos, com autores de livros lidos, com sujeitos cotidianos, com redes de afecções, com elementos éticos, com elementos estéticos, com conceitos, com personagens, com *espaçotempos*, com linhas de fuga, com linhas molares, com linhas moleculares, com presentes politemporais, com devires, com as metamorfoses, com possíveis e improváveis leituras, fugas e reinvenções do leitor.

Ao leitor, por fim, as nossas mais profundas reticências...

Agradecimentos

Por fim (e por princípio), agradeço:

Ao Professor Doutor Carlos Eduardo Ferraço, pela primorosa orientação, pelas preciosas aulas, pelos estudos semanais, pelas pacientes leituras, pela franca amizade e, acima de tudo, pela enorme confiança em mim depositada.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, pelas leituras, conversações e afectos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida para a realização do Doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/CE/UFES), instituição em que se deu a realização do Doutorado.

À coordenadora, aos professores, servidores, funcionários e profissionais vinculados ao PPGE.

À Professora Doutora Janete Magalhães Carvalho, pelas leituras e pelas importantes contribuições, da Dissertação de Mestrado à Tese de Doutorado.

À Professora Doutora Maria Elizabeth Barros de Barros, ao Professor Doutor Antonio Carlos Amorim e ao Professor Doutor Eduardo Simonini Lopes, pela atenta leitura e pelas relevantes observações.

À Professora Doutora Virgínia Beatriz Baesse Abrahão, orientadora de iniciação Científica e de Mestrado, com quem comecei minha trajetória acadêmica.

Aos professores do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais e do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (UFES).

À Secretaria Municipal de Educação de Vitória, à Escola Aristóbulo Barbosa Leão, à bibliotecária e amiga Marcela Amorim, às professoras Penha, Luzia e Sandi, ao diretor Arnaldo Lopes, à pedagoga Heloísa, às coordenadoras, às estagiárias, aos alunos e aos demais servidores da Escola. Ao bibliotecário e amigo, então Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares da Prefeitura Municipal de Vitória, Eduardo Valadares.

Ao músico e ilustrador Jeasir Rego pela arte traçada sobre poema dadaísta.

Aos autores que em nomes e pseudônimos aqui se fazem presentes.

A Franz Kafka, Gregor Samsa e Francis Tracart.

A meus pais Nemir Moraes (*in memoriam*) e Yedda Moraes, e a meus irmãos Alexandre e Kátia.

A minha filha Hanna Moraes, com afeto, admiração e carinho.

A minha esposa Luana Ferraz, com amor, admiração e gratidão pelo companheirismo, pelo amor, bem como pelo carinho e rigor de suas leituras.

A você, leitor, pela atenção.

E a vida: uma vida...